

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MARCO ANTONIO OLIVA GOMES

 **DEVIRES EM COR** 

**Movimentos de vida pintados em cenas
cotidianas das escolas.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MARCO ANTONIO OLIVA GOMES



**Movimentos de vida pintados em cenas
cotidianas das escolas.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, na Linha de Pesquisa Currículo Cultura e Formação de Professores.

Orientação: Prof^a Dr^a Janete Magalhães
Carvalho

cheirar

saborear

SENTIDOS

COR

sentir

ONVIR

ver

Ou não

Escrever pode ser arrancar um espinho do pé.

Desfolhar desfiar desfazer os nós.

Escrever pode ser tentar curar.

Pode ser bordar ou tecer.

Pode ser cavar.

Escrever pode ser botar pra quarar.

Pode ser querer cuidar do que não tem cura.

Pode ser alívio, pode ser auxílio.

Escrever pode ser um mantra.

Ou pode ser um muro.

Pode ser um fosso.

Pode ser vazão.

Escrever pode ser certo

Ou não.

Pode ser engano.

Pode ser um dano, um coíce,

um prego enferrujado, uma

porta

uma esquina

encruzilhada.

uma porrada.

Escrever pode ser um

vício.

(MOSÉ, pag. 25)

SUMÁRIO

Ou “Ler é sonhar pela mão de outrem.” Fernando Pessoa

*Sobre platôs	11
Ou sobre roubos	12

Como definir uma forma de escrita tendo como estética a busca por sensações e afecções sem ser estranho? Ser convidado a experimentar a ausência de conhecimento prévio, sair do clichê e se permitir, como Aldo e Janete e Regina e Edu e Hiran e Toninho e... Situações como a de uso e abuso de imagens escritas em letras impressas em folhas de livros e revistas e telas, ou ainda, roubar tais imagens e fazer com elas **pinturas em telas esvaziadas de branco, de clichês**, que se apresentam diante de mim, aqui, sentado/deitado/recostado na frente do computador (*“Ra-paix!”*... ando com dores horríveis na coluna por conta disso), me permito “roubar”, já que estão oferecidas, e moldar à minha maneira, o que as tornam minhas e únicas. Não me sinto na obrigação de referi-las, mesmo o fazendo às vezes, pois, como já disse alguém, depois que uma obra é exposta, o expectador é quem dá o sentido a ela, portanto, não pertence mais ao “autor”, tal qual esta que esboço. Nestes dois textos vão se modelando um corpo de idéias sobre rizomas, gozo e prazeres em aceitar o convite de se criar comigo nesses delírios escreventes de devires em cor.

*Defesa

Ou Sendo uma pesquisa sim senhor@!	14
Ou ainda, sobre Quem precisa agir quando se pode falar?	20

Quase um chique, para conforto de alguns e de uns e outros desavisados. Para desconforto de outros e meu, mas, afinal, não sou tão rebelde assim, estrutura explicadinha para olhares encaixados nos padrões... Outros. Necessário. (Às vezes).

*Ferreira Gullar é lindo

Ou uma conclusão, ou ainda, Escrita menor	21
Traduzir-se	25
O menino que carregava água na peneira	29
Necessidade da arte	31
No corpo	32
Poema sujo.....	34

O que seria uma escrita menor ou maior? Ouvindo uma fala de Ferreira Gullar, me encantei. Quando estava brincando de roubar suas sensações emaranhando-me às dele com as minhas, dando, assim, meu próprio sentido (agora são minhas) esbarrei-me em Viviane Mosé e ainda fui atropelado (*olha o desastre, sempre me deixo atropelar*) pelo livro organizado por Toninho (*Edu sempre o chama assim, portanto Amorim ou não, o conheço assim, sem o conhecer, só por Edu em mim que sou ele, então... Toninho.*) onde Sandra Corazza pergunta: por que não? Maior ou menor escrita? Ela se *febricita* e manda *que se ralem...* Quem? Bem daí, dê uma olhadinha lá e veja por você mesmo o porquê me encantei pelo texto. Eu roubei o que me interessou e afetou, daí pinte em minha tela com este corpo de pele porosa, sem couraças de reconhecimentos e história acadêmica que me proteja de meus arroubos de potência, então, vou me enquadrando em normas, transgredindo uma coisinha aqui outra ali. Continuo a brincadeira de colorir algumas cenas de corredor da escola. Coloquei nesse corpo todos que sou eu agora para conversar e contar o que contei - esse pouquinho de coisas, com televisão e som ligados, descongelando uma conversa com Aldo e mergulhado em Deleuze e Janete, mas como é sempre hora de ir para a escola, resumi num segundo texto.

*Porque é gostoso!

Ou apresentação, ou ainda pano de guardar confetes 50

Como nos tornamos o que somos? Porque fazemos o que fazemos? Acho gostoso *ao ler/me embrenhar* em algo, sentir o mapa traçado que levou o *autorator* a chegar naquele sonho congelado em escrita, a pele da coisa. Tentar saber, mesmo que provisoriamente, *quem-oque* está me fazendo mover, me refletindo e delirando, frequentando um rizoma cartografado que o *atorautor* grafou em uma vida já vivida, que agora é sonho, confetes já festejados guardados na memória. Gosto de saber em que momento o sonho se deu na mente virtual de quem estarei visitando/refletindo. Por isso ofereço este gosto de um eu antigo, que guardou um pouco dos confetes e serpentinas e lantejoulas do *professorcarnavalesco/eu hoje*, reterritorializado, que se reinventa e se *pelifica* nesse *devirtese*.

* Acontecimentos e histórias vividas ou Abstração

Ou, ainda Metamorfoses transbordantes 57

Abstração de um ser que se inventa e se apaga e se multiplica e se envolve e se pinta. Multiplicidades de um em vários *um's* que é múltiplo de multiplicidades *"Ou não" =>não o de Caetano, mas o de Mosé. E, ainda, continuar a dizer "como nos tornamos o que somos, porque fazemos o que fazemos, acho gostoso *ao ler/me embrenhar* em algo, saber com quem me movimento, a mente de quem visitarei e em que sonho compartilharei os meus. Por isso ofereço meu gosto de um eu que inventei há um tempo e reinvento agora."

*Escola e arte e estética e vida e... ..	66
“Cadê as mãos sujas de tinta?	67
Aqui pode, lá não.	72
Sobre e com ou	75

São Pedro é um bairro de Vitória ES... Potência de vida em muros desta escola e de outras ainda são contados a partir de minhas sensações e envolvimento nesse lugar cheio de rachaduras e cor, onde a vida pulsa em sangue de tinta, entre muros e plantações de horta e vida e *e's* e *com's*. Pergunto se no corredor cabem mãos sujas de tinta e se @menin@ é um (deve)(dor) de um clichê enraizado nesse currículo onde quem decide o que pode ou não ser feito é o temido “ELES”, que ninguém sabe quem é, mas ordena a cobrança de contas na escola.

*Adoro adorar o adorável	78
Receita para soltar poemas presos	83
Ou Afectos ou ainda Currículo FLASH MOB Corredor... ..	86

Cenas cotidianas vividas impregnadas de imanência, onde os acontecimentos cartografados em linhas vivenciadas envoltas em cheiros, gostos, olhares ruidosos em sentidos táteis se fazem pulsar nos cor(redores) de um *devirpesquisa* onde agenciamentos e desejos são encharcados de vida e mutação. Lugares e situações justapostos, virtuais e *sentidos/não-sentidos* num tempo presente, num mesmo tempo em tempos diferentes...

Tomando um suco ou um soco, deslizando em cores ou enterrado em grudentos lamaçais erodidos. Afectos e perceptos, agenciamentos vibrantes para um currículo em movimentos.

*Reflexões acerca do paradigma do currículo, da repetição e clichê... (reflexão?)	
Ou, Pirei na maionese, ou ainda, sexualidades clichê	90
Sexualidades e fabulação: Clichês e cotidianos	99
Fabulações e sexualidades II: sobre brincadeira(das) de meninos e meninas.....	107

Um convite para dançar a dança das cadeiras e assistir a um filme classe C, C de Currículo, C de Cultura, C de C de conhecimento ou C de cor? C de clichê, talvez?... As fabulas das sexualidades e as brincadeiras e cores de meninos e meninas.

* - 113

Ou sujeito hifenado e... E

Ou, ainda rizoma 116

Intenção do *eu-multiplicidades*, uno que se apaga em si e se conjunta, junta, conjuga consigo e outros para se tornar ele múltiplos, multiplicidades. Um rizoma inventor que agora já é outro sendo um e outro com outros em metamorfose e fluxos constantes. Como nos tornamos o que somos? Porque fazemos o que fazemos? Acho gostoso *ao ler/me embrenhar* em algo, sentir o mapa traçado que levou o autor a chegar naquele sonho congelado em escrita.

*Cor 120

Ou Agenciamentos..... 123

Dia desses uma professora me perguntou se eu não achava importante fazer citações de autores reconhecidos para que meu texto tivesse mais credibilidade. Daí, contei uma história (que não faz parte desse ensaio, *mas eu conto depois em outro sonho*) na minha prática em sala de aula, quando alguém me pergunta quanto vale o trabalho ou a atividade proposta. Respondo sempre assim: “_ *Não vale nada, só conhecimento e experiência, agora, se você quiser uma nota, um número, é só falar qual que eu escrevo aqui na “pauta”, mas daí não me preocupo mais em compartilhar com você e vou conversar mais com os outros colegas que querem trocar experiências gratuitas, sem quantificação determinada, mas sentida.*” E assim respondi a professora... Não quero notas, quero trocas, quase um escambo.

Aqui escrevo que não conheço os autores, as referencias ou o que os valha, pois “se os conhecesse, não os conheceria verdadeiramente, pois somos mutantes a cada encontro, a cada vivência. Lendo um texto congelado há anos de Deleuze, por exemplo, o que faço é me projetar nele quando faço a minha leitura, a partir das minhas vivências, entendimentos e expectativas, portanto o texto é meu a partir dele. Afirmar o que o outro pensa, ao meu entender, é um tanto quanto insensato, sendo que às vezes nem sabemos exatamente o que pensamos ou por onde nossos pensamentos vão, e só os entendemos quando estamos falando deles, depois que alguém se projeta em nossa própria fala. (*É o que espero e conto que Janete faça com meus delírios e tempestades cerebrais...*).

Trago então para conforto dessas professoras, e por não ser tão rebelde assim, algumas reflexões sobre uma estética de existência, diálogos que soam surreais de afirmações do pensamento de outros que refletem o nosso próprio. Citações em *margem 6'* e tudo, tudo certinho... de Deleuze em seu “abecedário” comentando sobre o exercício narcísico da discussão e exibição de textos decorados em ruidosas falas intermináveis. Reclamo de minha pouca memória para isso e a opção de fazer antes de falar, o sabor e a cor das conversas, das ressonâncias e outros delírios mais. Dê uma olhadela lá e sintá se gosta.

*Possíveis

Ou Cartografias formigais 143

Tenho que explicar bem este “método”, senão Janete me “vive”. Pitar telas de esvaziamentos para colorir com possíveis é cartografar vidas que habitam esse currículo que anseio. Não plantar nem colher em campos, jogar com dados, dados ou roubados não me encantam, então me dou aos encontros e...

*Possíveis II

*Eu não sei. 153

Ou Currículo

Ou ainda... Tem certas coisas que eu não sei dizer 160

Certas coisas 164

Vou te confessar uma coisa que, para mim, parece óbvia... Eu não sei nada! Como vou saber? Tudo muda o tempo todo, nem dá tempo... (esta é outra música do Lulu Santos, nesse texto me aproprio da... “Certas coisas”), portanto vou delirando nesta minha vibração e me embrenhando, óbvio que ao mesmo tempo, como sempre, com as relações que se teceram e se misturaram nos corredores da escola em momentos de estudo entre professores no final e no começo do ano, os famigerados JPP’s. Situações clichês desconstruídas com conversas de potências, agenciamentos e desejos com um delicioso sotaque baiano e coloridos olhos pulsantes. Barulhos e ruídos e ressonâncias; branco e preto e bege e cores. Devires em cor. Certas coisas que eu não sei dizer, mas digo.

*Prólogo

Ou (in)conclusão

Ou ainda: DEVIRES EM COR: Movimentos de vida pintados em cenas cotidianas das escolas 165

Um chilique momentâneo, ou um resumo do que seja um currículo.

*Sobre repetição?

Ou ainda, sobre o virtual e um devir pós 166

*Não vou falar de novo para não me repetir...!

*A invenção de um *autorator*

Ou, delírios coletivos de uma vida num texto imagético..... 171

Ou, ainda, tendo que tomar jeito ao invés de café, pois Janete está tomando um chá-de-cadeira 173

Um inventa, outro descobre e reinventa para se descobrir na invenção. Um monta da desconstrução do outro que montou do aparelho currículo que consome e é energia, é pilha que move o corredor para bom ou maus encontros. Um bom encontro num *pas-de-deux* colorido com gostos, cheiros e sensações que constitui um campo de força que produz *sensaçõescrises*...
Sobre CRIAÇÃO.

*Com ou bibliografia174

=====> Lado B

Tez. Ou sobre produtos e resultados, afff! Sobre a pele das coisas.

Ou , ainda, sobre corredor de narrativas 04.

Virando de ponta cabeça o *currículotese* que dança e move e colore e pinta e grafa e vida, se move, se enrola e rola, vira e se vira. Vire-se! A **HISTÓRIA** **IMAGEM** **POESIA** de uma **VIDA** **BONITA** em **SERSENDO** **VIDA**, **RODA** **BAN** **BOLÊ** corredor nos sentidos do cor-redor, potencializando os **AFFECTOS** **PERCEPTOS** e *conceptos*, sendo **EUCAÇADOR** **DEMIM** no **corredor currículo em cor e devires**.

Ah, já ia me esquecendo, esse outro texto imagético, do final, que é um começo no meio está de ponta cabeça que é o direito, ok? (também conhecido como anexo, bahhh!). Está colocado no lado B do *objetotese*. "*Tenho que explicar isso senão Janete me mata, me Vida kkk., não é Regina? rrsrssr*"

... E depois eu te conto mais, tomando um bom vinho e...

***SOBRE PLATÔS**

*“As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples, porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas. Quem me dera saber escrever essas histórias, mas nunca fui capaz de aprender e tenho pena. Além de ser preciso escolher as palavras, faz falta um certo jeito de contar...”*¹

“E se as histórias para crianças passassem a ser de leituras obrigatórias para os adultos? Seriam eles capazes de aprender o que há tanto tempo tentam a ensinar?”

José Saramago

Fica aqui o convite, **criancie-se** e mergulhe nessas minhas histórias.

¹ **“A maior flor do mundo”** é um legítimo Saramago. Transformando-se em personagem, o autor nos conta que uma vez teve uma idéia para um livro infantil, inventou uma história sobre **um menino** que faz nascer a maior flor do mundo. Não se julgava capaz de escrever para crianças, mas chegou a imaginar que, se tivesse as qualidades necessárias para colocar a idéia no papel, ela resultaria verdadeiramente extraordinária: É dessa fantasia de grandiosidade que nasce o livro. Os leitores são chamados para uma divertida brincadeira, pois Saramago narra-lhes a história do menino e da flor **não como se ela fosse a história de verdade**, mas como se fosse apenas **o esboço do que ele teria contado se tivesse o poder de fazer o impossível**: escrever a melhor história de todos os tempos. Entrando no jogo com o autor, os *pequenosgrandes* leitores vão saber que ninguém nunca teve nem terá esse poder.

Vão saber também que a literatura é o lugar do impossível: **o menino desta história** faz uma simples flor dar sombra como se fosse um **carvalho**. Depois, quando ele “passava pelas ruas, as pessoas diziam que ele saíra da aldeia para ir fazer uma coisa que era muito maior do que o seu tamanho e do que todos os tamanhos”. Como nos velhos livros de literatura infantil, Saramago conclui: “E é essa a moral da história”. Título Altamente Recomendável pela Fundação - FNLIJ 2001, categoria criança. Fica ai o convite, **criancie-se** e mergulhe nessas minhas histórias.

<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=40243>

<http://www.youtube.com/watch?v=YUJ7cDSuS1U&feature=related>

*Ou² sobre roubos

Ou, ainda , sobre... Quem precisa viver quando se pode falar?

Aqui tem

... E então decidi mudar de chá³ para café, afinal ninguém é de ferro...
Doutorado, que bicho é esse? Ai ai...

Café com reticências e hífens e “e’s” e Deleuze e Suely e Janete e Sandrinha e Aldo e Toninho e platôs e Edu e invadido pelos odores e sabores e sons e sendo obrigado a ouvir as músicas que os vizinhos insistem em nos presentear e pensando no MSN e no horário de ir para a escola. Fome.

Escola.

Escola da briga de ontem, do filme de hoje, da *baianinha apoio* que se delicia com as brincadeiras e delírios de um *atorautorprofessorcarnavalesco* e bravo e amigo e indiferente à escola que pulsa junto, que briga no corredor das cadeiradas e afagos entre conversas acadêmicas sobre DOUTORADO (que bobagem), sobre a gente que circula por ali, habita o lugar e este lugar aqui também. *Escoladoutoradodate* se onde, nesse corredor que estou em mente, agora, e estava presente ontem e estarei já-já é a veia curricular por onde pulsa o *sanguevida* dessa *tesedoutoradoescola* que entra nas veias curriculares dos corredores passando/pulsando em brigas, conversas e afagos e devires... Currículo + - = corredor = + - a um flash mob + - = pilha = + - um aparelho = a + - corpo = multiplicidades = rizoma = ? = devir. SURPRESAS DO COTIDIANO IMANENTE.

Devires improváveis que se desenham rizomáticos, múltiplos em singularidades imanentes nas relações que acon(tecem) nos corredores das escolas, e que aqui, freezer de ideias, se busca pintar, em cor, uma tela de

² Depois falo alguma coisa sobre o “OU” (pag. 91)

³ Dissertação de mestrado, onde convido o leitor a tomar uma xícara de chá para sentir o texto.

sentidos, desejos e virtualidades da imanência potente de vida cartografada em movimento e arte. Multiplicidades.

Como fazer isso? Como se fazer nisso? Como me fazer isso? Como isso me faz? Como nos tornamos o que somos? (FOUCAULT) Saboreio, ouço os perfumes, vejo os sons, sinto as cores. Monto uma estrutura em ensaios, platôs deslizantes, *“múltiplo puro sem referência a qualquer um, da diferença pura, das intensidades” onde não se privilegia “mais o espaço do que o tempo – espaçotempo -, o mapa do que a árvore. Tudo é coexistensivo a tudo”* nesses corredores de imanência onde nos reinventamos cotidianamente. Minha tentativa de organização dessa imanência toda cartografada em territórios reais e virtuais, se mistura e se embrenha em linhas *horizontaisverticais*, *“assim as divisões só podem corresponder a placas, a estrias paralelas, com diferenças de escala, correspondências e articulações dos platôs, datados, mas co-presentes.[...]”* onde a pulsação de vidas em nuances de cores e beges e cinzas e formas vão e vem, de um lado para outro, corre, escorrega, gruda, vive, *“Há apenas devires, sempre positivos, e, dentre estes, devires perdidos, bloqueados, mortos”*.(EWALD, 1997, in *Mil Platôs*).

Planalto ou **plateau** é a denominação dada a uma forma de relevo constituída por uma superfície elevada, com cume mais ou menos nivelado, geralmente devido à erosão eólica ou pelas águas. São como topos retos, superfícies topográficas, que podem ser regulares ou não.

Planaltos podem ser formados por um grande número de processos, incluindo, emersão de magma, dispersão de magma, e erosão por água ou derretimento de geleiras. Magma emerge do manto causando a elevação do terreno, desta forma, largas rochas são elevadas. Planaltos podem ser construídos devido a processos erosivos de glaciações em áreas montanhosas, neste caso os planaltos encontram-se ao redor de montanhas. Água também pode erodir montanhas e outras formas de relevo em planaltos.

Platôs podem ser também conceitos e música e silêncio e texto e livro e bobagem e cor e potências e fragmentos virtuais vividos e por viver e realidades vivendo ...

*** DEFESA.**

Ou, Sendo uma pesquisa sim senhor!

Sumário:

Espaço para um convite ao leitor escolher por qual platô entrar na escrita, que em ensaio pinta, em branco, uma tela colorida, que cotidianamente se esvazia dos clichês para se encher de vida.

Capítulos:

Opção por uma escrita em ensaios, em platôs, numa busca em narrar o cotidiano vivido dos espaços onde este movimento de pesquisa me fez.

Introdução:

Como já disse cada ensaio tem sua introdução no sumário, que possibilita a escolha do leitor por onde quer se embrenhar em minhas experiências de pesquisa.

Problemas:

O problema que me inquieta, ou que me *'febricita'*, não é o problema, mas as soluções possíveis que sinto e vivo em minhas relações cotidianas nas escolas e lugares por onde *vejo/sinto a educação/currículo* acontecerem. Um convite a quem quiser se agenciar nessas vivências cotidianas, se encantar pelo desejo de tornar a vida mais bonita em fluxos de devires em cor, pelos cor(redore)s das escolas e espaços de educação.

Objetivos:

Meu objetivo é simples, lançar fios de desejos através das artes que borbulham nos espaços escolares ou não, onde a educação se deseja e se inventa. Agenciar sentidos a esta estética de existência que conto, através de

metáforas e poesia e imagens e sons e cor e relatos e invenções e boas intenções, intensas e verdadeiras, despretensiosas e ingênuas (às vezes).

Um convite a se dar ao encontro com o prazer de uma vida bonita e colorida e brilhante de devires em sons, pelos cor(redore)s das escolas e espaços de educação.

Justificativa:

Minha justificativa é meu envolvimento, sendo eu, eles (todos os personagens), sendo eles em mim, relatando os possíveis de uma vida bonita e gostosa, COM tudo o que nos atravessa e faz a vida pulsar em arte, em devires em sabores e odores, pelos cor(redore)s das escolas e espaços de educação.

Objetivo empírico:

Acredito que o conhecimento empírico, adquirido pelas experiências vividas, nos atravessam sem, adquirido, desvinculando-se de métodos ditos *científicos e quantitativos*. Ora, por acaso todos não sabem que somos seres sensoriais e aprendemos de qualquer maneira com ou sem receitas? Acaso o que sabíamos antes dos *métodos*, não valiam? (Afinal não se criou a metodologia a partir da experiência empírica, em práticas e não apenas em teorias?) . Como falamos com Gullar, o homem* como espécie é o único em sua fragilidade animal, que inventa explicações para se fazer mais forte do que realmente o é (pag. 29).

“Além das invenções materiais, temos que buscar as respostas para nossas fragilidades animais e temos ainda, que buscar explicações para o que estamos fazendo aqui... A mais inventiva invenção do homem é deus, que explica tudo o que não tem explicação. Deus dá ao homem uma dimensão que ele não teria se não o tivesse inventado, mas traz com isso uma série de problemas” como esta que estamos comentando, o método científico, que tem que comprovar o que é básico... A vida. Comprovar que uma vida tem que ser vivida e bonita. Categorizar sensações. Encaixar sentimentos. Problematizar prazeres e vida.

“A Arte também dá uma dimensão ao homem que ele inventou e que é uma dimensão imensa e que efetivamente dá menos problemas” por encontrar-se com seus cotidianos e se inventar a cada situação nova que se desenha em seu presente.

Metodologia:

Sendo a vida um emaranhado de sensações que cotidianamente se reinventa, vamos com a cartografia de acontecimentos cotidianos pintando de esvaziamentos ou ainda, DESpintando de clichês, telas de acontecimentos vividos com cor e vida.

Revisão teórica:

Um mosaico de autores que em algum momento de seus escritos me atravessaram e compuseram forças para esse delírio de invenção de um devir tese que se/me faz em cor e em movimentos de vida pintados em cenas cotidianas das escolas.

Autores escolhidos/acolhidos:

Apesar dos vários atravessamentos na vivência desta invenção de escrita, coloquei debaixo do braço (ou, clichê, me debrucei – *“só para constar, não leio debruçado nunca... sempre deitado, recostado, segurando o livro pertinho dos olhos... motivo de minha terrível dor nas costas, mas... debruçar? acho horrível!”*- sobre.) vários textos de Deleuze e Foucault e... e... e...

Minha tese, (porque é preciso ter uma) é que é possível afirmar a vida na escola quando esvaziamos a educação e a escola e o currículo e a avaliação e... de seus conteúdos, de suas verdades, de seus clichês, ...

Esta proposta de organização é a

“realidade” do virtual, o virtual está por vir, tal como se cartografa um esboço numa tela em branco, conectando todos os elementos, que dela farão parte – a textura, a cor, formato, pincéis, linguagens, conhecimentos e vivências, tema, conectando suas relações e implicações - em sua materialidade.

Não dá para pintar sem pincel *(determinação/escolha virtual), nem pincelar sem tinta, que não funciona sem cor, que não se fixa sem suporte, que não existe sem textura, que sem formato se perde no espaço, que sem tema deixa de existir tela e esboço. Esboço que faz parte de uma idéia que está por vir, tal como se desenha um ensaio de um texto, conectando os elementos que dele farão parte, que fará parte de uma tese que é parte de uma pesquisa que é virtualmente uma tela a ser escrita completando a idéia de incompletude em movimento.

Um trabalho virtual, em suas “(real)(idades)”, impossível de ficar pronto, pois o *“completo é apenas uma parte ideal da atitude de arte, aquela que na Idéia, [...] compõe com as outras partes da tela, junto com outras telas, mas “que nunca constitui uma integridade como tal”* na medida em que a virtualidade é real no estado de vir a ser, nos esboços e traços cartografados nos/com os acontecimentos. *“O que falta na determinação completa é o conjunto das determinações da existência atual”.* (DELEUZE, 2006, pag. 295).

*“Um platô esta sempre no meio, nem no início, nem no fim. **Um rizoma é***

***feito** de platôs, uma região de intensidades, vibrando sobre elas mesmas, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior. Uma escrita*

*feita de capítulos, possui seus pontos culminantes e pontos de conclusão, contrariamente ao que acontece numa escrita feita em “platôs” que se comunicam uns **com** os outros através de microfendas. Chamamos de “platôs” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas, superficiais de maneira a formar e entender um rizoma. (DELEUZE e GATTARI, 1997, pag. 33).”*

Roubar essa idéia e sua **intenção de fazer divertir**, ler com prazer e sorrir, é a potência desse **devirtese**, onde a aposta é na vida, que pulsa na escola e insiste em continuar **sendo vida**. Uma vida bonita, que habito e habita em mim que habito nela. **Que se faz cor**, cor(r{e}[dor]) imanente de fluxos de acontecimentos e aconte(cimentos) e ainda aconteci(mentos) para refrescar um pouco e adoçar o gosto da cor ao redor sem dor.

*Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para direita, ou inversamente tente **Ser atravessado** por coisas, encontros. É estranho, mas tentem **e verão que tudo muda**”. (Muda?) Sobre o estranhamento, disse-me*

Aldo,... “para mim, é uma riqueza especial[...]: ele me faz rever e enfrentar certas convicções [...] ‘aqui eu não faria assim...’ digo. Esses momentos de não adesão são para mim, os de maior valor, pois neles eu entendo [...] a possibilidade para a co-criação do leitor friodor. **Num encontro**

atravessado por perceptos e afectos”... Onde fui, estimulado por

Aldo, avançando nesses territórios deleuzianos.

“Um **rizoma** não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inteter-ser, intermezzo. Uma árvore **é** filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente **aliança**. Uma árvore impõe o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a **conjunção** “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde você vai? De onde você vem? Aonde que chegar? São questões inúteis. Não buscar um começo, um fim, um fundamento, quero me embrenhar pelo meio. O meio não é uma média, ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas, riacho que corre entre as duas margens e ganha velocidade no meio.” (DELEUZE e GATTARI, 1997, pag. 33).

...E surgiu um ícone na Wikipédia:

“Seguiu uma hiperligação para um artigo que ainda não existe.”

<http://letras.terra.com.br/nirvana/28510/>

Plateau

Many a hand has scaled the grand old
face of the plateau
Some belong to strangers and some
to folks you know
Holy ghosts and talk show hosts are
planted in the sand
To beautify the foothills and shake the
many hands

Nothing on the top but a bucket and a
mop
And an illustrated book about birds
You see a lot up there but don't be
scared
Who needs action when you got
words

When you've finished with the mop
then you can stop
And look at what you've done
The plateau's clean, no dirt to be seen
And the work, it was fun

Nothing on the top but a bucket and a
mop
And an illustrated book about birds
You see a lot up there but don't be
scared
Who needs action when you got
words

Well the many hands began to scan
around for the next plateau

Some say it was Greenland and some
say Mexico
others decided it was nowhere except
for where they stood
But those were all just guesses,
wouldn't help you if they could

Planalto

Nirvana

Muitas mãos escalam a face enorme
do antigo planalto
Algumas são de estranhos e algumas
nós conhecemos
Fantasmas sagrados e
apresentadores de talk shows são
plantados na areia
Para embelezar a base e balançar
muitas mãos

Nada no topo, só um balde e um
esfregão
E um livro ilustrado sobre pássaros
Se vê muitos lá em cima, mas não se
assuste
**Quem precisa agir quando se pode
falar?**

Quando você terminar com o
esfregão, pode parar
E olhar o que foi feito
O planalto está limpo, nenhuma
sujeira a vista
E o trabalho foi divertido

Nada no topo, só um balde e um
esfregão
E um livro ilustrado sobre pássaros
Se vê muitos lá em cima, mas não se
assuste
Quem precisa agir quando se pode
falar?

Bem, as mãos começam a procurar o
próximo planalto

Alguns dizem que está na Groelândia
e alguns que está no México
Outros decidiram que não estaria em
outro lugar, além de onde já estavam
Mas isso são apenas suposições, não
ajudaria em nada, mesmo se pudesse

*FERREIRA GULLAR É LINDO

Ou uma conclusão, Ou, ainda, Escrita menor

Aqui tem.

“Escrever é fazer o que quisermos com as palavras.”

(Eu mesmo, 2001).

A ARTE EXISTE PORQUE A VIDA NÃO BASTA. ⁴

Nos dias de hoje, o maior animal da terra é a girafa, linda... Vê o mundo por cima, acompanhando a caminhada das manadas, todas, que desenham seus caminhos nas savanas africanas, ou ainda, mesmo no zoológico assistem atentas e garbosas as pessoas passando pelos corredores que tem por lá. O dinossauro já foi o maior dos animais, mas num outro tempo, sua pele dura e escamada e fria não sofria ataques, pois, uma vez dinossauro, ninguém se atreve a atacar. A girafa não tem pelo, anda altiva entre as feras que não alcançam por ser maior, se escreve menor, não tem problemas, pois é vista, respeitada e caminha e vê e faz e se *febricita* com o que vê, manda que se *ralem* os que não vêem o que dá pra ver de lá de cima.

Poucos são os que não precisam ser dinossauros para serem maiores, escrever maior por ser grande e velho... Pode-se escrever menor pensar atual ver do alto e escrever menor, escrever vida vivida, encantar por falar para mim, sem medo e sem se importar, pois seu tamanho a protege. Salvador Dalí pintou as girafas em chamas... Lindo... Devir girafa.

⁴ Texto pensado e sentido me deixando afetar com a versão Ferreira artista* Gullar, Ferreira exilado* Gullar; Ferreira poeta* Gullar numa conversa do programa “SESCTV 13/12/2010 A necessidade da Arte” <http://www.youtube.com/watch?v=yRLDFOjxRWc> ouvindo, claro que ao mesmo tempo, alguns poemas contados de Sandra girafa* Corazza, ouvindo as imagens do filme “Poucas Cinzas” junto com as anotações e gravações da pesquisa. E outros atravessamentos que no caminho, fazem da escrita uma brincadeira, um parque de diversões. Que parque é esse?

Não tenho Corazça na pele para poder fugir dos (tiranos)sauros maiores, imensos, cabeçudos com gigantescos dentes afiados, com braços e mãos minúsculos que não abraçam nada, que não afagam nada, não dá. Não tenho reconhecimento nem percurso girafal para me proteger das feras.

Tiranossauros são altos e possuem uma boca enorrrrrme que devora a cabeça da

gente, “*não gostam de batatas*

fritas nem de gente descabelada.

Festejam a própria exclusão em citações” ilhadas

nas páginas recuadas com *margem 6'*, que **é** um

buraco enterrado na página do livro, enterrado com

reconhe(**cimento**), **é** sem vibração alguma.

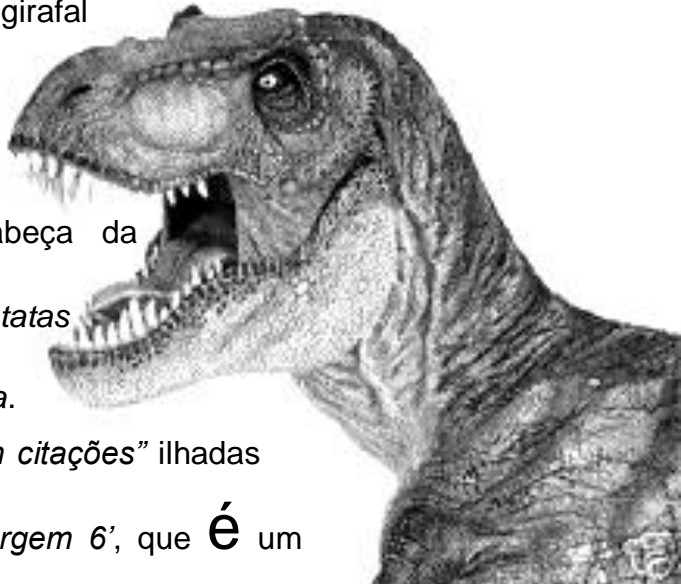


Figura 1 - dinossauro do filme Jurassic Park

Tenho a **pele** porosa, **pintada de cor**, habitada por delicados *filhotes de quero-queros* que fazem ninhos nos buracos das “*margens 6*” deixados nas páginas. Faço a margem, cito em itálico, mas **viro de ponta cabeça**, torço para a esquerda, retorço para

a direita, torço para a revisora ou alguém sem **noção** ou distraído não

apertar ou dar um clique na tecla **de** auto-correção-de-texto. O **correto**

clique e o tique **são** uma coisa, o travesso tik, o tak e o clique são outra, são

acontecimentos (tá bem Edu?). **Fale em** voz alta “clique

na tecla”... (larga de ser chato e fala... estalando bem a **língua**.), fala de

NOVO, “klik na tecla”, “tik tak, klik clek” não **é** uma delícia?

Agora leia em voz alta “clique na tecla”,
“tique taque, clique cleque”...

...e nos buracos das citações, vou fazendo meus ninhos com “e’s” e tik’s e tak’s, linhas e figuras e sonhos e idéias e klik’s, que vou roubando daqui e dali (hummm! estou vendo enquanto escrevo um filme sobre o Salvador... Dalí – babado puro- críticas negativas a parte).

Sandra, Sandrinha e Sandrona, encontros potentes. Corrigem e fazem e tentam e participam, estando ou não sabendo disso, daqui ou dali, me atravessam de alguma forma, como Dalí⁵ ou Gullar, do verbo **ter gula(r)**, pintar escritas, pintar sonhos, “*escriber a procura de fins intransitivos, ariscamente*”⁶.

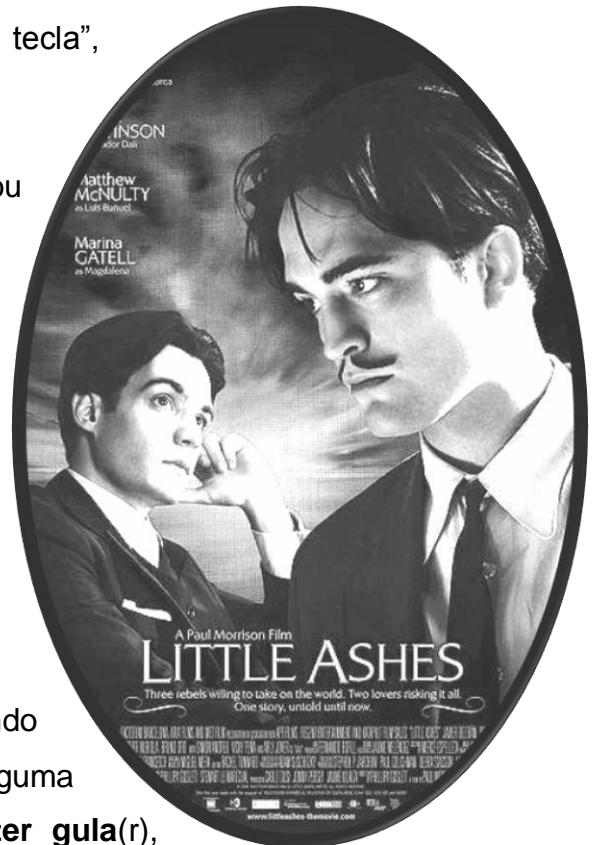



Figura 2 Cartaz do filme Poucas Cinzas, 2008.

⁵ Estou assistindo ao filme Poucas Cinzas, sobre Salvador Dalí e Garcia Lorca “*Madrid em 1922 na beira de uma mudança, como os valores tradicionais desafiados pela nova e perigosa influência do jazz, de Freud e das vanguardas. Salvador Dalí chega à universidade aos 18 anos, determinado a se tornar um grande artista. Sua bizarra mistura de timidez e exibicionismo desenfreado atrai a atenção de dois membros da elite social da universidade - Federico García Lorca e Luis Buñuel. Salvador é absorvido pelo grupo decadente, Luis e Federico e tornam um trio formidável, o grupo mais ultramoderno, em Madri. A história se passa na Espanha, depois da 1ª Guerra. Os três jovens estudantes, artistas e sonhadores se colocam contra o regime político vigente, especialmente Lorca, que deixa claro em sua obra, a posição ideológica e política, Aliado a sua opção sexual o faz vítima fácil do regime político bem como dos conservadores da época.*” <http://www.youtube.com/watch?v=Ot0JE5u1MPo/>

⁶ ...e dando uma olhadela nos textos do livro Conexões: Deleuze e vida e fabulação e, Organizado por Amorim, Marques e Dias, 2011, no texto de Sandra.

Poucas cinzas

Figura 3- Salvador Dalí, Garcia Lorca e Luiz Buñuel -



"Lembre-me quando você estiver na
praia e qu'ando pintar coisas
brilhantes, e poucas cinzas
Oh minhas poucas cinzas!
Coloque o meu nome no quadro
Pra que meu nome sirva pra algo no
mundo... "

(de Garcia Lorca F. para S. Dali)

"Poesia é amargura,
mel celeste que emana
de um favo invisível
que as almas fabricam.

Poesia é o impossível
feito possível. Harpa
que tem em vez de cordas
corações e chamas."

Federico García Lorca

O tamanho de minha escrita eu não sei qual é, se é menor ou se é maior, são ecos de nós mesmos, mergulho em águas azuis com bolhinhas prateadas. Eu faço primeiro e depois encontro ressonância, ingenuamente – quero-quero no ninho – pode ser, mas por que não? Prefiro o filhote de quero-quero ao Tiranossauro que come tudo, conhece tudo, entende tudo, decora tudo. Tudo é maior, ou quase... – Como essa gente memoriza tanta citação, tantos nomes? Eu simplesmente não consigo, vejo algo, “roubo” deleuzianamente, faço uso e esqueço... Tomo minha direção e vou... Feito o quero-quero no campo de futebol, no meio de uma partida: que parem os jogadores que o meu ninho está no meio do gramado.

Sou filhote de quero-quero, ingênuo, mas encontro depois ressonância em enormes girafas e elefantes contemporâneos, pastando nas verdes planícies de gramas rizomáticas com buracos vibrantes do campo onde construo meus ninhos.

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo:

outra parte é ninguém:

fundo sem fundo.

Uma parte de mim

é multidão:

outra parte estranheza

e solidão.



Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte

- que é uma questão
de vida ou morte -

será arte?

A arte existe porque a vida não basta, porque o homem quer mais, quer ser só feliz, quer beleza, quer fantasia – *a arte inventa a vida, a arte não revela*

nada – ela tem uma linguagem que torna possível inventar a vida... Nada que você escreve é possível ser igual à realidade, é mentira, o máximo que se consegue é se inventar uma realidade.

Algumas pessoas quietas que passam sem falar, estão cheias de sons e falas e músicas e vida... A vida bate em pulso... A vida bate e pulsa em silêncios de devires em cor, seres que habitam o cor(redor) e deslizam pelo (cor)redor em suas virtualidades e realidades que, de chofre, vez ou outra nos atravessam e subcutaneamente a vida bate em nossa pele, esta pele que eu habito e que me habita, que faz *meus corpos* desenhar os caminhos percorridos nesse território escola. “*Se ralem, isso me febricita*”, me arte.



Figura 4 Dalí – autosodomized by his own inspiration - neofotistou

Na imanência do corre(dor), o jovem Dalí da vida, *Yagomenino*, é traumatizado, porque sempre fica por ultimo na escolha para o time e para os grupos de trabalho e em segredo, baixinho, comenta no (cor)redor...

“_Então professor, to gostando de artes porque você enxerga... Na quadra é mais legal pintar do que jogar.[...] _Antes ninguém falava comigo, agora eles vêm perguntar do grafite que estou fazendo no corredor.[...]”

_A gente até sai junto, os moleques dão uma ‘zuada’, ri dos outros, mas depois cada um fica mexendo no celular, fala um pouco depois acaba o assunto... Acho ‘massa’ você achar normal o que todo mundo acha estranho, tipo brincar e rir sozinho do pensamento da gente e tal...

_Me acham estranho porque eu vejo graça em tudo e fico rindo e você acha isso normal. Massa, fiquei o dia inteiro feliz quando você falou. Tipo assim, a gente se sente bem, sabe, quando não acham a gente esquisito.[...] _Quanto mais estranho é o grafite, mais os moleques acham massa... Não entendo isso, porque então a gente não pode ser esquisito e ser normal, massa assim, como o grafite que a gente tá fazendo?”

(MENINO, YAGO, 2011)

Como uma bomba, essa conversa cai em meu colo, a cor da dor no corredor que ao redor pulsa e me vida e me arte. Tais respostas do menino fazem o corredor correnteza, levar as perguntas na enxurrada, imagine você qual seriam suas falas com ele nessa conversa.

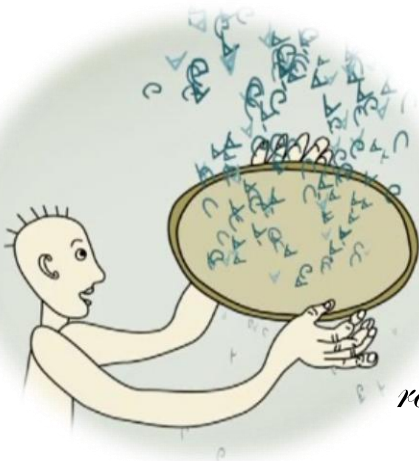
Vou falar o que sobre isso? Perguntar o que, além de fazer o que faço sempre quando caminho pelo corredor na hora do recreio. A cada “_Hei professor...”, dar aquele tapinha na mão depois um soquinho, ou quando estou andando na mesma direção que a vida, dar uma agarradinha na xuquinha de cabelos “Neimar” para “irritar” @menin@, ou, ainda, dar uma pegadinha no pescoço d@menin@ e dar uma chaqualhadinha

e falar: “_Hei meu filho, o professor ta por aqui (no corredor), ou lá na sala de arte, é só dar um toque que a gente conversa mais...”

Como teorizar sobre isso? É vida pura, imanência, devir, estética de existência que não cabe citação para reafirmar esse cotidiano meu e dele. Vou citar quem, que seja maior que ele, o *meninoyago*, para entender ou justificar o devir esquisito do corpo desse *espaçotempo corredor-melhor-que-quadra*? Se eu digo que é o outro quem vai afirmar essa vida vivida, não significou nada se só me afirmo e existo diante da fala do que é grande. Como pequenizar o que fala a vida? Talvez não seja necessário se preocupar com isso... Está implícito – a preocupação não está na alta qualidade teórica, na alta qualidade literária ou artística - a função é ser sentido, experimentando, e esclarecedor que esclarece a dor. Afecção.

É uma ilusão encher de *buracos-margem-6'* as folhas dos escritos, para que, se quem entende é só um pequeno grupo de grandes pessoas que imaginam um mundo único? Temos que fazer ninhos, bem emaranhados. Poemas de letras e imagens, afecções. Daí se dá a qualidade, na imanência da teoria... Um texto em-graçado, com vida, entendível e provável com sabor. Cartógrafo de sensações, sermos um *Zeca-cata-treco* do corredor da vida que vive e pulsa, que zigzagueia no corredor e em nós. Imaginar um mundo e girarmos ao redor dele e dentro e através e com ele.

© *Menino Que Carregava Água Na Peneira*

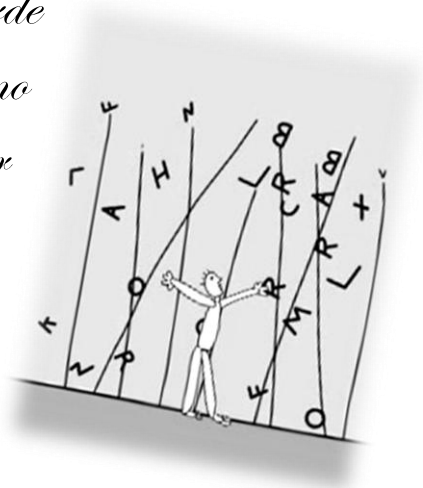


*Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino que carregava
água na peneira. A mãe disse que
carregar água na peneira era o mesmo que
roubar um vento e sair correndo com ele para*

mostrar aos irmãos. A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água. O mesmo que criar peixes no bolso. O menino era ligado em despropósitos. Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos. A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito porque gostava de carregar água na peneira descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. E começou a fazer peraltagens. Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto final na frase. Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela. O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor! A mãe reparava o menino com ternura. A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com as suas peraltagens e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.



Manoel de Barros”

A necessidade da arte

“Catando trecos com Ferreira distribui-trecos Gullar escorregamos nas correntezas corredoras virtuais das gramadas margens rizomáticas de idéias, mergulhando na linha em que” todo bicho nasce completo. Ele sabe mamar, sabe ficar em pé, vai atrás da mãe, se camufla e desliza na vida, caça, pasta, reproduz, cuida da cria (o suficiente), trepa de novo e morre.

Todo homem nasce incompleto, por isso temos que nos inventar, explicar tudo o que não tem explicação. Imaginemos um homem nascendo na caverna, incompleto. Cada mamute gigantesco... E ele não tem nem unha e nem nada, como ele iria capturar uma presa, comer, sobreviver? Teve que fazer faca, flecha, instrumentos, se proteger do frio. Somos o único animal que precisa inventar, ou um dos únicos, mas o único que precisa inventar explicação para as invenções, lá isso somos os únicos.

Além das invenções materiais, temos que buscar as respostas para nossas fragilidades animais e temos ainda, que buscar explicações para o que estamos fazendo aqui... A mais inventiva invenção do homem é um deus, que explica tudo o que não tem explicação.

Deus dá ao homem uma dimensão que ele não teria se não o tivesse inventado, mas traz com isso uma série de problemas. A Arte também dá uma dimensão ao homem que ele inventou e que é uma dimensão imensa e que efetivamente dá menos problemas.

Quando os gregos encenam as tragédias (MOSÉ, 2012, pag. 61) e percebem as paixões humanas você, no mínimo, entende que o ser humano é alguma coisa... de extraordinária, alguma coisa de complexidade.

A era da razão acontece e abafa a arte como devir, como vida... Daí um novo sentido de beleza se anuncia não da exterioridade harmônica e ideal da simetria, da medida e da perspectiva, mas o da complexidade do ser humano pois a arte, em sua essência é devir, não um organograma.

A escola é uma invenção. Nossa civilidade é uma invenção para camuflar aquilo que realmente somos: animais e frágeis, mas com alguns instintos, quando criança, nos torna menos indefesos, mas no processo de crescimento se desenvolve e não tendo que nos defender de feras, nos tornamos combatentes com nossa espécie mesmo. (Com a discussão sobre verdades, se imagina que não se esteja falando sobre ela, a verdade, e sim de nós mesmo, *feraverdade* que inventamos para um embate).

No corpo

De que vale reconstruir com palavras

o que o verão levou

entre nuvens e risos

junto com o jornal velho pelos ares?

O sonho na boca, o incêndio na cama,

o apelo na noite

agora são apenas esta

contração (este clarão)

de maxilar dentro do rosto.

A poesia é o presente.

...E eu sorri, roubando e sentindo vários encontros, saboreando Sandra e girafa e Gullar Sujo, do alto de sua maior escritura menor, sorrindo para/dos tiranossauros. Eles em suas ilhas, Jurassic Park (a TV está ligada ainda,

começou no Telecine Action o filme “Jurassic Park 2” – cheio de dinossauros comendo cabeças, affff...) “–*Juracy que parque é esse que eu nunca vi?*” (BALEIRO, 1999)- Zeca faz uma mistura de Spielberg e Genival Lacerda. Puro atravessamento. <http://www.youtube.com/watch?v=UxIEdzmuWhE>

O pensamento é assim, vai acontecendo, as coisas vão nos atravessando, minha pele é porosa. “*Se ralem, isso me febricita*”, sem, manobras. Descobri depois que isso é uma belíssima língua menor *escreveler*

pinturas, onde *brinco com minhas próprias formigas*, sou esquisito sendo eu mesmo. Depois é que me dizem que tem mais algumas girafas esquisitonas e sujas encorazçadas e gullosas por ai. Daí, sorrio, pio.

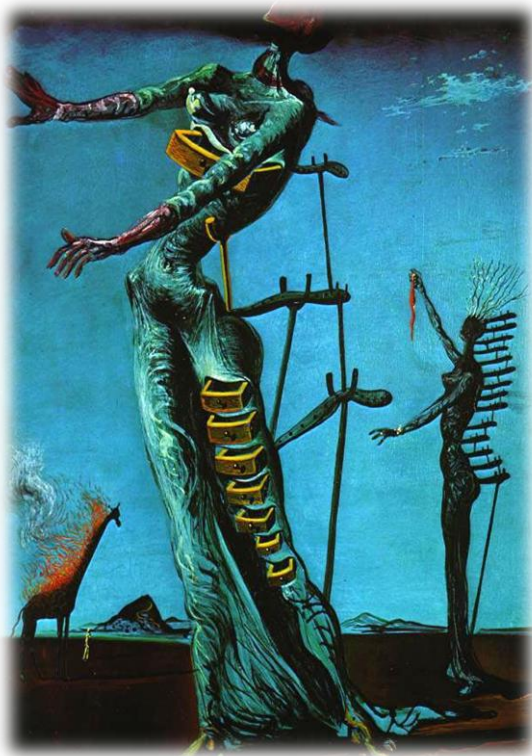


Figura 5 Girafas em chamas- S.Dalí.

tenho pele fina e porosa, só quero-quero então cito, cito, cito, cito... Defendo o que não precisa ser defendido, e sim convidado a. Convido então a **gular** o Ferreira, do verbo ter gula e devorar um pouco da boniteza, não, a lindeza no menor poema. Ele é lindo...

Sou obrigado a citar, mas não precisaria, pois quem conhece o canto do pássaro, o bando de girafas, a matilha de lobos, sabe. Quem não conhece, não vai aceitar nem vai entender mesmo... Fazer o que?

Não tenho corazça grossa,

Poema sujo

“No exílio, nessa época, foi um dos melhores momentos de minha vida exilado tudo que eu tocava virava poesia, Midas da poesia. O poema é SUJO porque não tinha compromisso com nenhuma estética, nem com a minha, nem com nenhuma. Estilisticamente é um poema sujo, moralmente ele era sujo, do ponto de vista tradicional porque falava de obscenidades, eu iria contar tudo, da realidade da vida que fosse revelador eu iria contar, e era sujo porque retratava a realidade brasileira, de uma terra do nordeste brasileiro, miserável. E ele é sujo por isso”. E assim Ferreira Gullar se escreveu em setenta páginas. Imanência pura, maior ou menor, é vivo.

(trecho inicial)



turvo turvo
a turva
mão do sopro
contra o muro
escuro
menos menos
menos que escuro
menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
escuro
mais que escuro:
claro
como água? como pluma? claro mais que claro claro: coisa alguma
e tudo
(ou quase)
um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas
azul
era o gato
azul
era o galo
azul
o cavalo
azul
teu cu

tua gengiva igual a tua bucinha que parecia sorrir entre as folhas de banana
entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta como uma boca do corpo (não
como a tua boca de palavras) como uma entrada para

eu não sabia tu
não sabias
fazer girar a vida
com seu montão de estrelas e oceano
entrando-nos em ti

bela bela
mais que bela
mas como era o nome dela?
Não era Helena nem Vera
nem Nara nem Gabriela
nem Tereza nem Maria
Seu nome seu nome era . . .
Perdeu-se na carne fria
perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
constelações de alfabeto
noites escritas a giz
pastilhas de aniversário
domingos de futebol

[...]

Bicicleta no domingo.
Papagaios de papel.
Retreta na praça.

Luto.
Homem morto no mercado
sangue humano nos legumes.
Mundo sem voz, coisa opaca.

Nem Bilac nem Raimundo. Tuba de alto clangor, lira singela?
Nem tuba nem lira grega. Soube depois: fala humana, voz de
gente, barulho escuro do corpo, intercortado de relâmpagos

Do corpo. Mas que é o corpo?

Meu corpo feito de carne e de osso.

Esse osso que não vejo, maxilares, costelas,
flexível armação que me sustenta no espaço
que não me deixa desabar como um saco
vazio

que guarda as vísceras todas
funcionando

como retortas e tubos
fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento
e as palavras
e as mentiras

e os carinhos mais doces mais sacanas
mais sentidos
para explodir como uma galáxia
de leite
no centro de tuas coxas no fundo
de tua noite ávida
cheiros de umbigo e de vagina
graves cheiros indecifráveis
como símbolos
do corpo
do teu corpo do meu corpo
corpo
que pode um sabre rasgar
um caco de vidro
uma navalha
meu corpo cheio de sangue
que o irriga como a um continente
ou um jardim
circulando por meus braços
por meus dedos
enquanto discuto caminho
lembro relembro
meu sangue feito de gases que aspiro

dos céus da cidade estrangeira
com a ajuda dos plátanos
e que pode — por um descuido — esvair-se por meu
pulso
aberto

Meu corpo

que deitado na cama vejo
como um objeto no espaço
que mede 1,70 m
e que sou eu: essa coisa
deitada
barriga pernas e pés
com cinco dedos cada um (por que
não seis?)
joelhos e tornozelos
para mover-se
sentar-se
levantar-se

meu corpo de 1,70 m que é meu tamanho no mundo
meu corpo feito de água
e cinza
que me faz olhar Andrômeda, Sírius, Mercúrio
e me sentir misturado

na quitanda minho
atravessado de cheiros de galinheiros e rato
corpo-fato de cheiros de galinheiros e rato
corpo-fato de cheiros de galinheiros e rato
e muitas pequenas coisas acontecidas para sempre
estaráo esquecidas no planeta
e muitas pequenas coisas acontecidas para sempre
estaráo esquecidas no planeta
não há Ferreira Gullar
sem ele não há José Ribamar Ferreira
um grave acontecimento na família:
corpo que se para de funcionar provoca
corpo que se para de funcionar provoca
como sendo de seu pai
que minha mãe filho identifico
de falar
e um certo jeito de sorrir
dois olhos
que tem um nariz assim uma boca
Corpo meu corpo corpo
sem se saber pra que
que se desintegra e reintegra
a toda essa massa de hidrogênio e hélio

a toda essa massa de hidrogênio e hélio
que se desintegra e reintegra
sem se saber pra quê

Corpo meu corpo corpo
que tem um nariz assim uma boca
dois olhos
e um certo jeito de sorrir
de falar
que minha mãe identifica como sendo de seu filho
que meu filho identifica
como sendo de seu pai

corpo que se pára de funcionar provoca
um grave acontecimento na família:
sem ele não há José Ribamar Ferreira
não há Ferreira Gullar

e muitas pequenas coisas acontecidas no planeta
estarão esquecidas para sempre

corpo-facho corpo-fátuo corpo-fato
atravessado de cheiros de galinheiros e rato
na quitanda ninho

de rato
cocô de gato
sal azinhavre sapato
brilhantina anel barato
língua no cu na buceta cavalo-de-crista chato
nos pentelhos
corpo meu corpo-falo
insondável incompreendido
meu cão doméstico meu dono
cheio de flor e de sono
meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio
de trapos sujos como um monturo
sambas e frevos azuis
de Fra Angelico verdes
de Cézanne
matéria-sonho de Volpi

Mas sobretudo meu
corpo

mais que isso

nordestino

maranhense

mais que isso

sanluisense

mais que isso

ferreirense

newtoniense

alzirense

meu corpo nascido numa porta-e-janela da Rua dos Prazeres
ao lado de uma padaria
sob o signo de Virgo
sob as balas do 24.º BC
na revolução de 30

e que desde então segue pulsando como um relógio
num tic tac que não se ouve
(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)
tic tac tic tac
enquanto vou entre automóveis e ônibus
entre vitrinas de roupas
nas livrarias
nos bares
tic tac tic tac

pulsando há 45 anos

esse coração oculto

pulsando no meio da noite, da neve, da chuva

debaixo da capa, do paletó, da camisa
debaixo da pele, da carne,

combatente clandestino aliado da classe operária
meu coração de menino

O que eles falavam na cozinha
ou no alpendre do sobrado
(na Rua do Sol)
saía pelas janelas

se ouvia nos quartos de baixo
na casa vizinha, nos fundos da Movelaria
(e vá alguém saber
quanta coisa se fala numa cidade
quantas vezes
resvalam por esse intrincado labirinto
de paredes e quartos e saguões,
de banheiros, de pátios, de quintais

entre muros e plantas, vozes
risos,
que duram um segundo e se apagam)

E são coisas vivas as palavras
e vibram da alegria do corpo que as gritou
têm mesmo o seu perfume, o gosto
da carne
que nunca se entrega realmente
nem na cama

senão a si mesma
à sua própria vertigem
ou assim
falando
ou rindo
no ambiente familiar

enquanto como um rato
tu podes ouvir e ver
de teu buraco
como essas vozes batem nas paredes do pátio vazio
na armagão de ferro onde seca uma parreira
entre arames
de tarde
numa pequena cidade latino-americana.

E nelas há
uma iluminação mortal
que é da boca
em qualquer tempo
mas que ali
na nossa casa
entre móveis baratos

e nenhuma dignidade especial
minava a própria existência.

Ríamos, é certo,
em torno da mesa de aniversário coberta de pastilhas
de hortelã enroladas em papel de seda colorido,

mas ríamos, sim,

era como se nenhum afeto valesse
como se não tivesse sentido rir

numa cidade tão pequena.

O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade

mas variados são os modos
como uma coisa
está em outra coisa:
o homem, por exemplo, não está na cidade
como uma árvore está

de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma
a cidade não está no homem
do mesmo modo que em suas
quitandas praças e ruas

Buenos Aires
maio/outubro 1975

*PORQUE É GOSTOSO!

Ou Apresentação, ou ainda, Pano de guardar confetes.

*O mais belo do 'homem comum' está na sua
'ação de sentido' no cotidiano.*

Hiran Pinel

O *devir tese* aqui proposto tem em suas histórias, nós e encontros com minha história, caminho percorrido, tal qual percorrendo o *labirinto do minotauro*, não para achar o caminho de volta, mas para se embrenhar nas novas aventuras vindouras, e porque não voltar pelo fio do novelo desfiado? Volta com ar de ida,



Figura 7- Aula de pintura na EMEF P.AN. 2008 – arquivo pessoal

agora com novos **eu's** espiando situações, sentindo fotos, degustando dissertação de mestrado com a convivência vivida e sentida com o Prof. Dr. Hiran Pinel. Lanço-me a produzir mais imagens, rachaduras, vibrações e sentidos, com histórias de vidas, com os *fazeressaberes* cotidianos que se tecem e se desenrolam em redes vividas em diferentes *espaçostempos*⁷ em diferentes escolares. Assumindo a arte como verbo, como sangue vida que corre no muro e no chão e no teto e em cima e embaixo e dos lados, nos fazemos como mais um potencializador de outros tantos modos possíveis de relações **que** apostem sempre em uma *vida bonita*. (VICTORIO FILHO, 2003)



Figura 6- Olhando além pelas/entre rachaduras (a.p.)

⁷Estética da escrita inspirada com Nilda Alves.

Um enredo de escola de samba **“Era de Aquários: um grito de paz, liberdade e justiça”**, em certa ocasião vivida, foi a pilha que nos moveu, em algumas escolas e comunidades que nos embrenhamos, nos vestimos de samba, nos sentimos confetes com as discussões e propostas de ação em termos do currículo, sobretudo das séries finais do ensino fundamental, eu e o orientador confetecanavalesco, a partir de temas misturados com confetes, serpentinas e enredo o que me fez percorrer um determinado caminho e um currículo, fomos seguindo um fio cheio de nós, cores e emendas, com tentativas de possíveis.



Figura 8 – Eu e Hiran Pinel, meu orientador de mestrado (a.p.)

Com outra invenção congelada com nome de: **“Escola na escola: A menina e o pássaro encantado”**, em 2002, fomos vivenciado junto com as Comunidades de outra escola de samba, a Boa Vista, em Itacibá, pertencente ao Município de Cariacica ES novas experiências, brilhantes e coloridas. Brincamos de usar as dependências e as ações da escola de samba como espaços de formação de crianças que estavam ociosas nos períodos alternativos aos da escolarização formal, com a participação das crianças, adolescentes e seus pais na confecção dos carros alegóricos e na elaboração do figurino e na coreografia e atuação nas danças da Comissão de Frente nos anos de 2003 a 2007, que foram momentos congelados em minha dissertação.

Desfiando o novelo emaranhado durante o mestrado, as inevitáveis mudanças que acontecem e que movem o pensamento, os sentidos e as ações levaram-me ao encontro do SER sendo ele no mundo, através dos *sentidos sentidos*, ora visuais, ora táteis, ora olfativos, ora sendo ele ensimesmado no mundo e por aí vai...

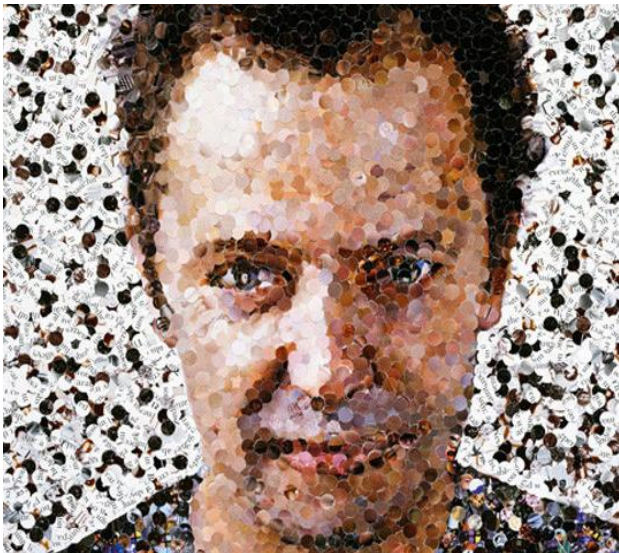


Figura 9 –
Auto retrato
de Vik Muniz
feito com
confetes

nos cotidianos das salas de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental e médio e, ainda, nos cotidianos dos barracões de escolas de samba de Vitória, ES, inventando um autorretrato com as consequências desse mergulho na piscina de confetes onde me descobri e me inventei *professorcarnavalesco* usando a Fenomenologia Existencial para narrar tais fatos e vivências.

Gostei disso e como Vik⁸, congelei estes confetes em *imagenstextos*.

O que nos resta para além da festa?

Sócrates é o nome de um menino. Essa é uma obra que pertence a uma série de fotos de crianças marginalizadas e Sócrates faz parte dessa série de fotografias expostas na 24ª Bienal Internacional de São Paulo em 1998, onde Vik Muniz apresenta a figura de meninos de rua retratados em seu ambiente, tendo como tema central sua condição de vida. “Aftermath” palavra em inglês que quer dizer “consequência”.. Em São Paulo, o artista realizou fotos em preto e branco de crianças de rua entre 6 e 10 anos. Depois,*



⁸ "Eu absorvia a cultura por imersão, conheci artistas, visitando pequenas galerias". "Entre mil pequenos trabalhos", ele tateou gradualmente e desenvolveu o método que fez seu sucesso: projetar uma obra no chão com um projetor, reproduzi-la com materiais sólidos ou líquidos e, por fim, fotografar a instalação.

Vicente José de Oliveira Muniz conhecido como Vik Muniz (São Paulo SP 1961). Fotógrafo, desenhista, pintor e gravador, desde 1988 investiga principalmente, temas relativos à memória, à percepção e à representação de imagens do mundo das artes. Faz uso de técnicas diversas e emprega nas obras, com frequência, materiais inusitados como açúcar, chocolate líquido, doce de leite, catchup, gel para cabelo,

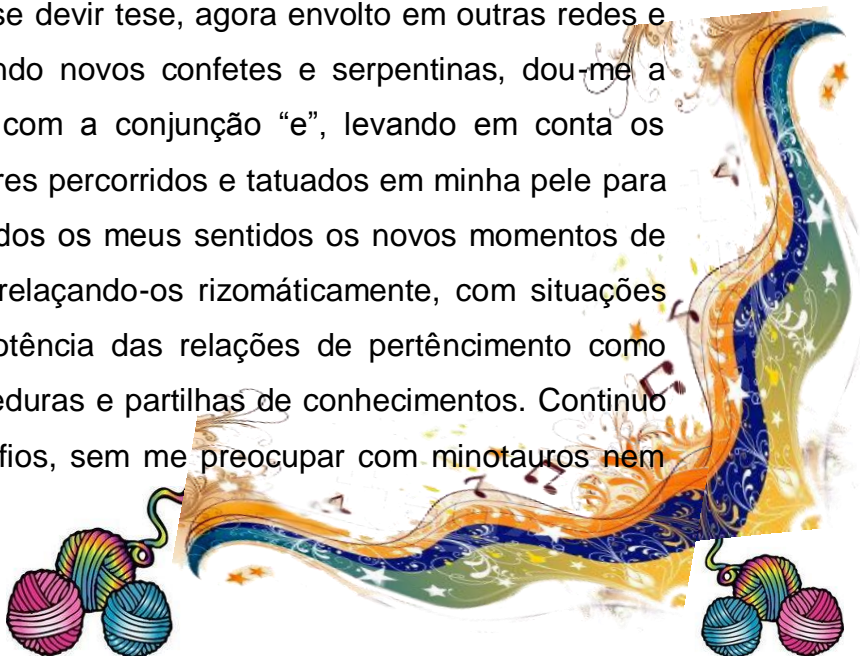
lixo, poeira, fumaça... E... **confetes**. É reconhecido internacionalmente por utilizar a fotografia em suas obras como suporte para experiências que combinam escultura e pintura e desenho, e por agregar novas tecnologias a processos manuais de produção de arte.

trabalhou sobre as fotos usando lixo do Carnaval, recolhido nas ruas (pontas de cigarro, confetes, serpentinas amassadas, plumas sujas, tampinhas de cerveja, vidros quebrados, pedaços de madeira, tudo envolvido em terra e cascalho...).

"A obra, abaixo, Emerson, da mesma série "Aftermath". Ao capturar a imagem de um menino, de um ambiente, de uma cena comum do cotidiano, a fotografia reproduz um fragmento da realidade das cidades brasileiras. Recortada e transportada para outro espaço criado pelo artista, ela mostra um momento de introspecção da realidade que o artista registra, se apropria e reconstrói para lançar à reflexão e a crítica de outros olhares. Esta obra nos leva à concepção de que "... a arte não deve representar a aparência da realidade, mas captar e representar-apresentar esteticamente sua essência, com a intenção de possibilitar sua apreensão pela consciência." (LUKÁCS PEIXOTO). Vale ressaltar que parte da renda da venda das obras que ele retrata problemas sociais é doada para instituições que cuidam de crianças e adolescentes carentes."



Então, para a escrita desse devir tese, agora envolto em outras redes e percorrendo novos fluxos, jogando novos confetes e serpentinas, dou-me a tessitura de rizomas com a conjunção "e", levando em conta os corredores percorridos e tatuados em minha pele para sentir "com" todos os meus sentidos os novos momentos de diferentes histórias de vida, entrelaçando-os rizomáticamente, com situações do presente, evidenciando a potência das relações de pertencimento como desencadeadoras da outras teceduras e partilhas de conhecimentos. Continuo a percorrer labirintos desfiando fios, sem me preocupar com minotauros nem



faunos, *indovoltando* e *voltandoindo* nas cores vivas da potencia vibrátil dos acontecimentos.

Este devir tese acon(tece), assim, como fios dessas redes, produzindo e estimulando e sentindo novas e outros caminhos e sensações e devires com as **Figura 10 Um devir projeto criança.** vibrações dos encontros cotidianos com os quais (com)vivo atualmente!



Pensando a educação como *encontrosdesencontros permanentes* que nos lançam em mares de instabilidades, multiplicidades e caos, me dou a novas sensações e encontros que me potencializam a colocar em questão, a me afastar dos nevoeiros das generalidades, dogmatismos, universalidades e arrogâncias pedagógicas que têm produzido a morte em vida do *corpopensamento* que insiste na beleza e rebeldia da vida bonita e gostosa e porque não dizer carnavalesca.

Inspira-me uma escrita aos ensaios, em platôs de acontecimentos onde o *prazer que me atravessa é tentar ver mais possibilidades de possíveis e ensaiar em educação, habitar o espaço educativo como ensaísta* (LARROSA, 2003)⁹. A gostosice que me move é tornar possível ensaiar um **texto em movimento**¹⁰ *abusando do uso de imagens*, que se fundem com a escrita que se funde com a imagem que se funde com histórias e contos e sensações.

A boniteza de um deleite estético, que não tem intenção de ser útil, mesmo o sendo, nem de responder questões atuais da educação, mesmo o fazendo, mas, tão-somente, mesmo tanto, apostar no movimento de alargamento da vida através dos *sentimentossentidos*. *Proponho* ao leitor folhear as páginas a serem *lidasescritas* com uma boa xícara de chá ou de café (eu estou

O ensaio se situa de entrada, no complexo!

⁹ Ensaio, gênero híbrido ancorado num *tempoespaço* claramente subjetivo e que parece opor-se, ponto a ponto, às regras de pureza e de objetividade que imperam na academia. O ensaio não procede nem por indução ou dedução, nem por análise ou síntese. Sua forma é orgânica e não mecânica ou arquitetônica, nisso se parecendo mais com as obras de arte, especialmente, com a música e a pintura.

¹⁰ Depois falo mais sobre texto em movimentos.

com café), ouvindo um som e se deixando afetar pelas gostosices e bonitezas delas, simples e belamente porque é gostoso!

Esta *escritaimagética*, móvel, que tem vida compartilhada com o leitor que a experimenta hoje assim, ontem daquele jeito, agora assado, amanhã... Quem sabe? Está viva, é uma aposta na vida que pulsa na escola e que insiste em continuar sendo vida, que é mutante, apesar das forças de controle e de opressão que lá existem.

Agora, então, me sinto inspirado em continuar essa *experiência* e procurar outros sentidos numa escrita em movimento, momentos de vivências congeladas, mas não estáticas, abusando dos sentidos humanos em novos sentidos de ser sendo SERES, sendo múltiplos,



Figura 11 Um Ser sentidos.

multiplicando sensações onde o ser estranhamente desaparece, aparece em rede, pulsos de rizomas em SERES mais de um, em outros sentidos, “*não sendo nem um nem múltiplo, sendo multiplicidades*” (DELEUZE,

1997). Outras linguagens que, repito, se constituem como fios dessas “redes rizomáticas”, produzindo e tecendo e sentindo novas e outras tessituras com as vibrações das pessoas nos cotidianos em processos de trocas de sensações e histórias de vida. Cada um tem seu entendimento, vê e sente de um jeito ímpar, saboreia as imagens vê os gostos, ouve as letras intimamente. Os

questionamentos, contribuições vão se dando nesse processo de trocas de sensações quando se tenta apagar o sujeito dotado de uma razão plena.

Dou-me e dou esse direito. É gostoso!

Mas, o que me incomoda na educação? O que sinto que faz com que a educação não seja gostosa? Durante todo esse tempo de meu envolvimento com as escolas o que sempre me in(como)(dou) e continua a me incomodar é o “não pode”, ou, ainda, o “isso não é possível”. O que me incomoda e continua me incomodando são as inúmeras tentativas de aprisionamento e de controle sobre as ações que ousam romper com a inércia, com as superfícies estriadas da escola, colocando em análise o atual modelo de educação pautado por uma lógica que privilegia uma dada hegemonia do pensamento.

Mas, ao mesmo tempo, sabemos que os cotidianos de uma vida se inventam de mil maneiras não autorizadas. Sabemos da rebeldia do cotidiano, que insiste em viver. Sabemos das burlas, *táticasartimanhas*, astúcias (CERTEAU, 1994, 1996), que irrompem nesses cotidianos e que não cessam de nos mostrar que as vidas sempre escapam. E é a rebeldia dos cotidianos que me move como *professorpesquisadorartista*. Sem desconsiderar a existência das forças que contribuem para a diminuição da vida, me embrenho em superfícies lisas que possam potencializar uma vida bonita diante da mesmice.

Com este devir tese, desejo movimentar as ideias: Que movimentos, que forças de expansão de vida pode o trabalho com arte? Como acontece a arte da expressão com grafite e outras linguagens, envolvendo alunos e educadores das escolas onde trabalho? Que movimentos de burlas, táticas em relação ao que está instituído a arte provoca? O que pode a expressão artística como, por exemplo, o grafite, ser sentido como disparador de movimentos do cuidado de si e de uma estética da existência que potencializam o pulsar de uma vida bonita, que é colorida?



Figura 12 - Eu, doido! O que me incomoda? (a.d.)

* ACONTECIMENTOS DE HISTÓRIAS VIVIDAS

Ou metamorfoses transbordantes nos encontros.

Falar em biografia, normatizar a escrita de uma vida, seria uma traição às ideias de Foucault, sendo ele mesmo um dos primeiros pensadores a denunciar o caráter normalizador da escrita biográfica. Invenção da modernidade, capítulo

(11) O humor pode ser a chave para a compreensão de culturas, religiões, costumes, enfim para toda sociedade no sentido mais amplo. Sendo um elemento vital para a condição humana, o humor disseca a vida e as maneiras da sociedade humana através dos séculos. O riso se transforma através do tempo assim como os costumes e as correntes de pensamento. De época para época, os pensamentos se assemelham ou se diferem, e o humor acompanha essa tendência.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Humor>
Acesso em 16/08/2009

da invenção do indivíduo, a escrita biográfica é um gênero de discurso que visa dar uma coerência, construir uma homogeneidade, estabelecer uma continuidade para experiências que são, por definição, dispersas, fragmentarias, descontínuas. A vida de qualquer indivíduo está sempre em excesso em relação às palavras que se fale sobre ela. Nenhum texto é capaz de fazer aparecer em toda sua multiplicidade, a vida de qualquer um. Uma história de vida não passa de uma

ilusão, pois busca construir, retrospectivamente, um enredo que atravesse uma dada vida, dando a ela um objetivo que nunca esteve inscrito nela desde o começo. (Albuquerque Jr, 2010).

Este memorial poderia ser narrado de tantas formas...! Tantas quantas o número de pessoas com as quais me relacionei e me relaciono no decorrer de minha vida. Ou de modo diferente, tantos quantos são os meus humores¹¹. Então, tenham este texto como uma possibilidade dentre as muitas narrativasimagens¹² da minhanossa história de vida.

(12) As *narrativasimagens* envolvem, ao mesmo tempo, diferentes lugares praticados pelos sujeitos narradores e diferentes relações de *fazeressaberes* desses narradores, praticantes que são.
(FERRAÇO, 2004).

¹¹ Verde

¹² Azul

Antes de quem sou, com quem sou? Que atravessamentos me fizeram? Para devir os acontecimentos? Deleuze e Gatarri, apresentam a ideia de multiplicidade em nós, discussão fundamental como **plano** de fundo. Uma tela sendo pintada com pinceladas iniciadas desde há muito, e pensadas a partir de agora e agenciada por outras coisas que me fazem retornar a territórios já percorridos e que agora me parecem outros, mas, acontecimentos em mim agora.

Nas minhas práticas teóricas, tanto em salas de aula como em barracões das escolas de samba por onde passei, o que mais me seduziu foi *proporcionarpresenciar* prazeres, o prazer de descobrir o saber que sabe. O prazer de fazer conexões entre diferentes *espaçostempos* do *ensinaraprender*.

Sou o filho caçula de dez irmãos, órfão de pai aos dois anos de idade com uma mãe semi-alfabetizada e orgulhosa, filha de espanhóis lavradores, rígidos e pobres. Em Ribeirão Preto, onde morávamos, ela era lavadeira, e minhas irmãs mais velhas, desde cedo, domésticas de profissão. Os mais novos, os meninos, saíam pra lá e pra cá

pegando papelão e outras coisas para vender nos depósitos de “reciclagem” da vila onde morávamos.

Bem depois, quando fiz 10 anos, ganhei uma caixa de engraxate e passava os finais de semana em uma pracinha perto de casa engraxando sapatos e recebendo uns trocados para ajudar nas despesas.

Minha maior alegria era a chegada de minha irmã mais velha, Eunice, a Nici, que sempre nos visitava de carro e nos levava para algum passeio exploratório, fosse num autocine, ou na casa de minha avó na cidade de Cravinhos, ou em fazendas próximas para colher frutas e ver animais,

Eu aos 9 ou 10 anos com Pat, filha da Nici.



Figura 13 (a.p.)



Figura 14
minha irmã
Nici (a.p.)

sempre com muitas histórias, carinho e atenção com a criançada que ela juntava para esses passeios. Foram vivências repletas de descobertas de cores, sabores, belezas e prazeres.

Em um desses passeios, quando eu tinha mais ou menos 11 anos de idade, minha irmã nos levou ao museu “Casa de Portinari”, em Brodowski, uma cidade próxima a Ribeirão Preto. Achei o máximo aquela casa super colorida. Quero deixar claro que isso tudo povoa minhas memórias, não sei exatamente se encontraria tudo assim como descrevo, aliás, sei que não, mas como já disse, essa ilusão que estou contando é viva e potente.



Figura 15 Museu casa de Portinari



Figura 16- A Fuga para o Egito [1937] Pintura mural a afresco 155 x 170cm. Brodowski

Essa *experiência*¹³ despertou meu interesse pela cor, pelo desenho ao ver aqueles afrescos nas paredes, os quartos do museu repletos de histórias e relíquias do pintor, com as paredes pintadas também.

Sem dúvidas, como moleque *afetado*, tentei reproduzir nas paredes de minha casa, em Ribeirão, alguns murais. Tínhamos um quintal grande (*grande para um moleque magricela de 10, 11 anos, baixinho, criança, com um quintal do tamanho do Mundo*) com um paredão que dividia o terreno com a casa de D. Deolinda e nele

fiz com torrões de carvão e terra, que era bem vermelha, alguns esboços imensos

¹³ Compartilho da ideia de experiência proposta por Larrosa (2004) como sendo aquilo que nos passa, nos acontece, nos toca. De alguma maneira a experiência em Larrosa nos potencializa, nos move, nos incita a sair do lugar da mesmice. Mais adiante, voltaremos a falar dessa ideia de experiência.

inspirado em um dos painéis que vi no museu e descobri que gostava e ‘sabia’ desenhar e pintar.

Mesmo pertencendo a uma família humilde, Nici sempre “arrumava” uma forma de me presentear com tintas e pincéis quando percebeu meu interesse pela pintura e pelo desenho, e por aí fui...

Pontuo esse fato, pois, inventando memórias de minha infância e do lugar onde fui crescendo, minhas escolhas futuras iriam me levar a acreditar nisso em que pautei a minha pesquisa para o Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES, ou seja, a possibilidade de *ampliação da potência de vida das pessoas a partir da produção de múltiplas relações entre afeto, conhecimento e experiência estética.*

Tenho afirmado isso no decorrer de minhas diferentes vivências como educador de crianças, adolescentes e adultos. Ao vivenciar processos de educação, é comum em sala de aula alguns alunos

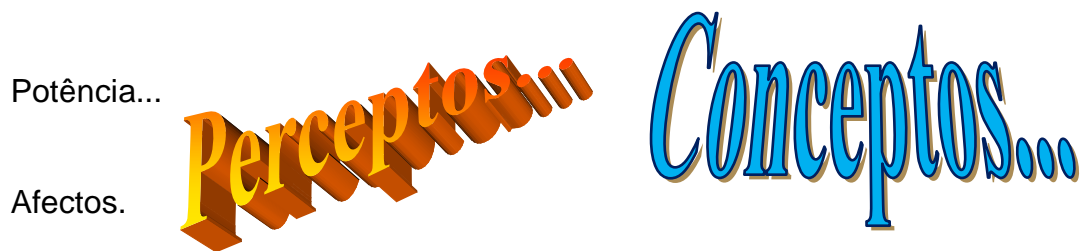


acreditarem que “não sabem” e, com isso, serem “diagnosticados” como portadores de anomalias como “déficit de atenção”, “dificuldades de aprendizagem”, entre tantos outros diagnósticos, ocupando lugares e posições predefinidas na turma, tais como: o *engraçadinho*, o *fraquinho*, o *desatento*, o *indisciplinado*... E por aí vai...

Muitos educadores, sem se dar conta disso, “vão dando suas aulas”, e as “aulas dos alunos vão se dando” por outros caminhos, tecendo *redes*¹⁴ que os levam para lugares distantes, através dos

(14) *Estamos assumindo a metáfora de redes de saberes-fazeres para o conhecimento, no lugar da visão construtivista arquitetônica que ainda vigora na educação.*

fos e das linhas de fuga de seus próprios *saberesfazeres*, de suas histórias de vida, quereres, desejos, expectativas e interesses que, certamente, são diferentes dos desejos e expectativas do professor. E aí nos questionamos: Desatentos? Desinteressados? Indisciplinados? Fracos? Não sabem? Ou, expressões desses tantos *fazeressaberes* que vão criando diferentes campos de forças, envolvendo os estudantes de modo a distanciá-los, cada vez mais, dos professores e das salas de aula? E, nesses momentos, vale a pena nos perguntar: Como nos tornamos quem somos?

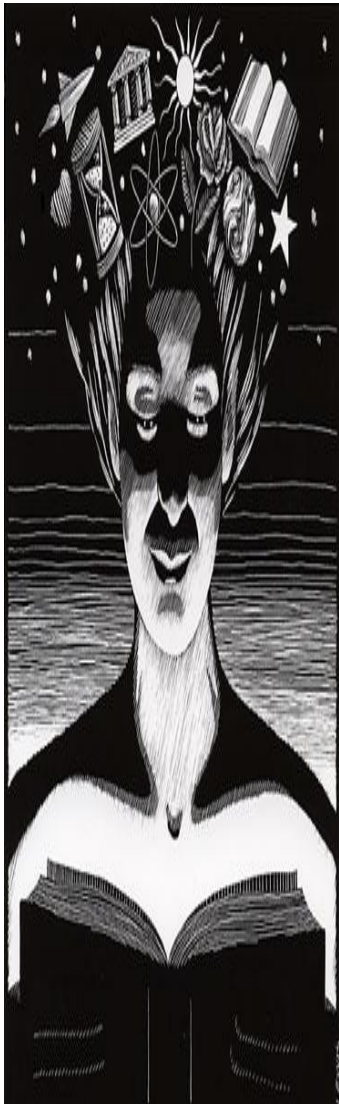


Não temos respostas definitivas para essas questões. O que temos são apenas vivências, hipóteses, pistas...

As informações a que os alunos estão sendo apresentados pelo professor vão se tecendo, ou não, de forma única em cada corporeidade presente, em cada *sujeitoobjeto* encarnado de *vivênciassaberes* e em permanente processo de enredamento. Portanto, dizer que um aluno não sabe nada, ou pressupor que ele não aprendeu nada do que foi dito pelo professor é, no mínimo, ingenuidade pedagógica.

Quanto às críticas que têm sido feitas acerca dos “diagnósticos” dos alunos que, de modo geral, produzem formas de exclusão nas escolas públicas, encontramos em Ferraço (2005) uma possibilidade de conversar sobre essas práticas, quando o autor afirma que:

Um dos exercícios que temos feito em nossas pesquisas tem buscado problematizar situações que ocorrem nas salas de aula e que se referem às falas das professoras quando afirmam que os alunos têm dificuldades ou problemas de aprendizagem, merecendo, por isso, determinadas sanções, castigos, punições que se traduzem em formas sutis



de exclusão. Se, de fato, estamos assumindo as redes cotidianas de *saberesfazeres* como referências das discussões sobre o conhecimento, então, a questão das dificuldades ou dos problemas em aprender não pode ser atribuída ao sujeito de forma isolada. Em nossas discussões com as professoras, temos argumentado que o conhecimento não é, nessa dimensão das redes, uma propriedade ou uma característica do indivíduo no singular, mas condição de vida, de existência das relações entre esses indivíduos, sujeitos cotidianos complexos e encarnados. Como consequência, temos defendido a necessidade de considerarmos a diversidade de possibilidades que se colocam no cotidiano da escola para esses sujeitos, como referências para os trabalhos nas salas de aula. Assim, no lugar da idéia de dificuldade ou problema de aprendizagem que, como já dito, só se sustenta numa perspectiva da individualidade singular, propomos e defendemos a idéia de possibilidades de conhecimentos. (Ferraço 2005, p. 23)

Em qualquer *disciplina*, o professor vivencia diferentes possibilidades de *saberesfazeres* dos estudantes, que são múltiplas e não se deixam apreender tão facilmente. O professor, de alguma forma, está convivendo com diferentes *fazeressaberes*, com múltiplos conhecimentos de seus estudantes.

Potências... Afecção!

Mesmo sabendo dos limites de todos nós, educadores, para identificar e/ou problematizar todas essas possibilidades, não podemos continuar desconsiderando que elas existem e são elas que movimentam, que dão vida e que potencializam os campos de forças daquilo que, em educação, temos chamado de processos de *ensino-aprendizagens*.

(15)

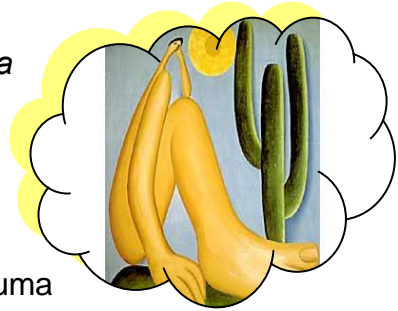
Na idéia de rizoma de Deleuze e Guatarri (1995, p. 37), encontramos sustentação para nossa proposta de atuar entre as redes como potência para a realização de nossas pesquisas. Como falam os autores, “[...] um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança [...]. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói duas margens e adquire velocidade no meio”.

De fato, ou atentamos para as possibilidades de conhecimentos de cada estudante e, sobretudo, para os campos de forças que são criados *a partir da produção de múltiplas*¹⁵ *relações entre conhecimento e experiência estética* buscando, sempre que possível, nos “incluir”, tentando partilhar desses sentimentos, ou seja, produzindo outros tantos possíveis para as relações que se estabelecem *entre* eles nos cotidianos das escolas, ou, corremos o risco de reforçar movimentos de *anulação* desses campos e/ou de *enfraquecimento* das forças que ampliam a potência de vida de nossos alunos, e isso não é nada gostoso.

As experiências por mim vividas, tanto em escolas regulares quanto em escolas de samba, têm me levado a acreditar na potência do encontro com o Outro, encontro esse mediado, por exemplo, pela produção de *grafites*, como forma de expressão de experiências particulares, afetos, desafetos, escolhas e tantas outras capilaridades das subjetividades dos estudantes produzidas nos jogos das relações coletivas.

Certa ocasião, desenvolvendo um enredo de Escola de Samba que falava sobre o Município de Cariacica e abordava a história dos índios Goitacá, que eram antropofágicos e, conseqüentemente, feita uma citação ao Movimento Modernista de Arte, o “Movimento Antropofágico”, estávamos trabalhando num dos barracões de fantasias na casa de “Dona Fia”, e uma menina de seis anos (sua neta), pensativa, me disse:

“Marcão... Esse ‘negócio’ aqui parece uma coisa que a professora me mostrou na escola... Não é um ‘negócio’ da Tarsila?”



Tentei responder buscando estabelecer uma relação com o que ela havia estudado na aula de artes da rede municipal, usando uma linguagem dentro do contexto do próprio enredo da escola de samba. “Ah tá, é mesmo. Agora entendi porque ele chama Abapuru... Nininha vem cá, o nome do negócio do quadro é “Abapuru”, e vai ter no desfile, é um índio...”, e continuou sua brincadeira falando e falando...



Figura 18 GRES Boa Vista - Desfile no Sambão do Povo 2006 / Alegoria 3 - Movimento Modernista

Afetos-Afectos.

Então, em diferentes espaçostempos de trabalho no “campo” da educação, tenho percebido que, quando mais livres das pressões e sanções impostas pelas racionalidades que, por ventura, ainda prevalecem nas escolas, muitas vezes expressas em práticas que reforçam formalidades permeadas por

diferentes processos de classificação, medição, hierarquização, padronização e quantificação, herança do discurso hegemônico da ciência moderna,¹⁶ as pessoas, sentem-se mais seguras em colocar suas questões, suas dúvidas, suas necessidades e expectativas, desocupando o lugar de “a-luno”, aquele sem luz, para ocupar um lugar potente de protagonista do processo de tessitura de outras possibilidades de conhecimentos.

¹⁶Para Najmanovich (2001, p. 11): A mentalidade moderna não é um sistema homogêneo. Ao contrário, é o nome genérico de uma rede complexa de idéias, conceitos modos de abordagem, perspectivas intelectuais, estilos cognitivos, modalidades de intelecto-ação e atitudes valorativas, sensíveis e perceptivas que caracterizaram uma época ampla. Portanto, deve ser incluída em uma categoria facetada, multidimensional, com limites difusos, com infiltrações de outros modos de pensar e de ser no mundo.

E, nessas situações de busca por participação ativa, as conversações podem oportunizar movimentos de afirmação da força vital.

Ao colocarem em discussão suas impressões e sensações, os sujeitos tecem fios de suas redes de conhecimentos, favorecendo a ampliação das mesmas, a partir de outros novos questionamentos acerca do que estão sentindo face às situações que estão sendo vividas. É como se não tivessem medo de dizer o que sentem, pensam e sabem sobre o que está sendo *discutido* e realizado. Nesses momentos, o medo de errar não se coloca como parte do processo.

Potência! Como nos compartilha Janete Magalhães Carvalho:

Assim, trago fragmentos de um memorial como possíveis caminhos para a proposição de uma tese, por entender que nossas redes de conhecimentos não se circunscrevem a períodos de nossas histórias de vida, mas, enredam diferentes *espaçotempos* e potencializam **processos inventivos**. Para Kastrup (1999), não são características pessoais, não são ações de um sujeito isoladamente, mas se constituem em meio às processualidades vividas nas relações sociais e, por efeito, em nossas redes cotidianas de conhecimentos.

“Numa rede de conversações, inserem-se tanto a luta pelo discurso, o silêncio repressivo, como a passagem do diálogo para a multiplicidade e a heterologicidade. Entretanto, a conversação não acontece sem ser criada e sustentada pela participação ativa e criativa, que combina em si duas dimensões: a poética da participação e a sociabilidade, articulando vozes, assuntos de modo que tornem possível a multiplicidade partilhada – conversação recriadamente aberta e inacabada. Deste modo, quanto mais uma conversação o é, menos a sua condução depende da vontade de um ou outro parceiro e, mais do enredamento produzido.” (CARVALHO, 2009 pag 189)

***SOBRE ESCOLA E ARTE E ESTÉTICA E VIDA E...**

Nessa busca por uma existência potente, a possibilidade de se desenvolver outras formas de se relacionar com tudo o que está a nossa volta, de criar vários modos de saborear o mundo sentindo cores que falam sabores de nuances ilimitadas que nos dão a possibilidade de vivenciar trocas de vidas com os outros e com a gente mesmo, potencializa uma estética da existência que Foucault nos sugere como uma rachadura molecular numa parede branca e cinza sem vida, um vasto e colorido horizonte num muro vazio de vida.

O medo do diferente nos imobiliza. Quando eu não conheço, eu não posso controlar. Se eu não controlo, eu não tenho poder sobre o outro. A busca por poder e controle faz negar tudo aquilo que ele não é, é uma força sim, mas negativa, despotencializadora, afirma o diferente e nega as possibilidades, reafirma a desqualificação desse diferente, do inusitado, do ousado do disforme, do híbrido. Ser aceito é ser normal. A norma nos enquadra. Estar em um quadro, ter um nome é estar de alguma maneira, prisioneiro. Quem pinta um quadro e o emoldura, está cristalizando uma cena... É minha e ninguém tasca!

O grafite de que estamos falando é mutante, efêmero, cria afectos e



perceptos, está fora do aprisionamento de um conhecimento que o defina, é uma expressão imanente de uma vida. É arte na parede! Pode durar o tempo que se levou para fazê-lo. Pode-se pintar por cima com tinta branca ou preta ou cinza ou bege, mas ele continuará lá. Quem o fez sabe, quem viu e se viu, sabe. Quem tentou apagar, sabe. É vivo, mesmo que só na memória de quem foi atravessado por ele, e isso me encanta, encanta a Bruna e ao Luciano porque é sentimento. Encanta ao menino porque é belo e o faz sentir-se orgulhoso e pertencente, são as *artes de fazer* que encantam Certeau. É a arte de uma estética da existência que é vida para Foucault. Encanta Deleuze, pois é linha de fuga. São afectos e perceptos que visibilizam o invisível, atravessam o corpos que vibram, e encanta você porque é arte e é potente e é vivo...

Cadê a mão suja de tinta?

Na saída da escola, logo após um encontro com os professores, algumas meninas do período integral que estavam brincando em uma das quadras da escola me abordaram assim que viram uma câmera em minha mão.



...Hei tio, tira uma foto da gente?...Ninguém tirou foto da gente ainda... Vem tirar foto da gente ali na quadra, ou aqui mesmo, assim ó... (poses para as fotos).

E daí começa.

Dezenas de poses, sorrisos, caras e bocas para a câmera, e chega mais uma, depois mais duas... Festa!

- _ Hei tio, tira assim...
- _ Qual seu nome? Perguntei.
- _ "Maria".

_ O meu é Marco, prefiro que me chame de professor Marco. Quem é que está fazendo essas pinturas ai no muro?

_É o professor lá... O nosso dever de casa é pintar...

_ Este professor é da manhã ou da tarde ou dos dois horários?

_ O professor é da manhã, desenha e “tem vez” que eu costumo pintar. Diz Maria.

_ E como é o processo, como é que vocês fazem?

_É, o professor desenha, a gente pega as tintas e o pincel e passa por cima...

_E ele tira de onde esses desenhos, vocês sabem? Pergunto.

_ Ele tira da foto, diz Maria, tira do negócio lá, diz outra menina, tira da televisão, diz outra, tira do papel, outra ainda.

_Mas vocês sabem o que são essas imagens esses lugares?



Enquanto isso, uma das meninas se apressa e vai pontuando cada lugar que o professor desenhou.

_Aqui é a Pedra dos Dois Olhos, aqui é a escadaria ali é a igreja...

A partir daí, o foco da conversa se esgota e... Festa, mais um milhão de poses para as fotos...

Experiência.

Dever.

Maria “deve” pintar. O dever de casa de Maria é pintar, e na quadra da escola.

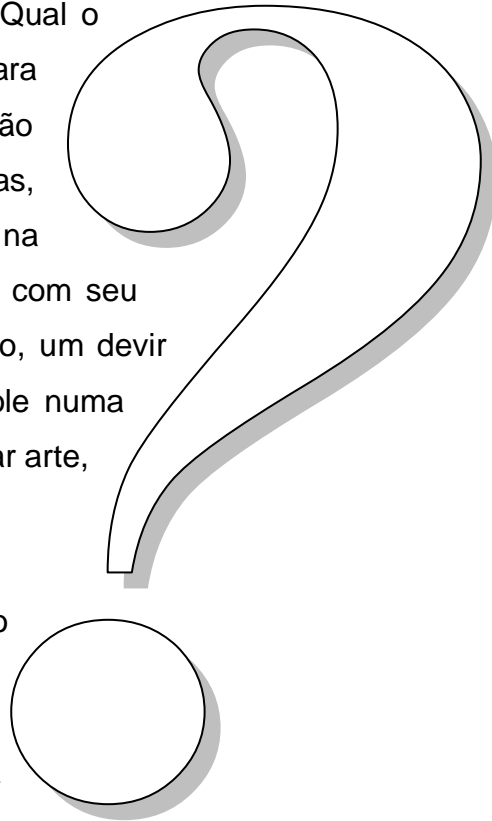
Se não devesse, será que pintaria? Qual o sentido desses débitos que ela carrega para casa, o que Maria pintaria na parede se não devesse? Se não fosse prisioneira das linhas, quais seriam as marcas que ela deixaria na parede movida pelas relações que ela tem com seu mundo? Criaria ela um mundo seu, efêmero, um devir artista que escaparia das formas do controle numa estética de existência, seu estilo de expressar arte, potente e viva que só Maria criança tem?

Dever da escola.

Potencializar o pensamento empurrando as linhas faz com que Maria produza sentido no prazer de fazer o dever da escola, que é da escola e que é dever viver, brincar de ver a vida que ela vive a pulsar na parede de Maria que está na escola. Ela diria talvez:

_ Eu estou aqui, na minha parede... Que está na minha escola...

Ela deve se ver na relação que tem com a escola e seus espaços. É aí que a vida acontece e pulsa, na diferença que Maria tem, não com o outro, mas dela sendo Maria se expressando, pintando, sujando a mão sem dever nada a ninguém, muito menos a escola que deve dever ver seu dever em ver Maria se expressar.



Onde estão as mãos sujas de tinta? Pode sujar o corpo, pode sujar o chão, parede limpa não pulsa, Maria sim.



A vida que pulsa viva nos muros da escola

Nessa escola tem duas quadras, uma onde aconteceu o encontro com Maria e as meninas e outra que estava fechada naquele dia e tem na parte de atrás da arquibancada um muro, e depois dele, uma horta.

Nesse outro espaço, existem vários grafites bem coloridos e alegres, expressivos que segundo a diretora, é resultado de uma oficina de grafite que, com orgulho, num outro dia, um menino foi me mostrar.

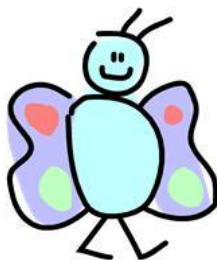
O menino mostrou cada canto da quadra, das pinturas, me levou até a horta, contou sobre a mostra cultural e a tão bem cuidada e querida horta.

Ele disse que na escola onde seu irmão estuda, tem grafites, mas não tão bonitos quanto aqueles que me mostrava, e que a escola iria ficar muito mais “irada” quando estivesse com todas as paredes coloridas. Daí seu irmão não se gabaria mais que a tal escola era mais “irada” que a dele.

Esse garoto continuou mostrando os espaços da horta, outros desenhos e pinturas, falou com mais detalhes da feira cultural e que estava ajudando na preparação da terra e no plantio, e por aí foi a conversa.



Com essas duas vivências trago uma de muitas possibilidades de se pensar num currículo mais aventureiro com as crianças da escola viva, imanente. Deixar acontecer, se dar aos encontros com os alunos nos espaços escolares. Venho percebendo em minhas andanças como a estética visual da escola influencia no status do aluno na comunidade. A importância que a aparência da escola



tem nas relações cotidianas dessas crianças. No entanto essa estética precisa ter sua presença, suas marcas o seu jeito de ser, fazendo parte daquele lugar.



Aqui pode, lá não!

Uma parede branca está encharcada de imagens, fala aos olhos da imagem da repressão, do controle e da tentativa de limpeza. Limpeza suja. Uma parede branca ou cinza ou bege é suja.

Está certo, vamos dar vida à parede branca que é viva de uma vida opressora, mas vamos dar vida controlada, controladora. Aqui pode assim, acolá pode assado, não ultrapasse a linha preta ou branca. Vida em preto ou branco ou bege ou cinza ou tons pastéis.



Aqui pode, lá não...

E o vivo cala, fala – Mas não é aí, é lá... - mas lá não pode. Mas pode sim, por que não?

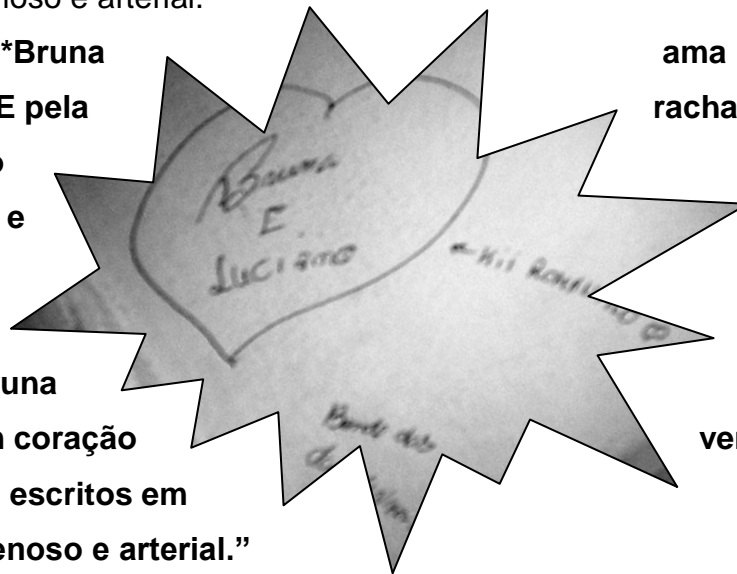
Nesse lugar de vida em morte, branco ou cinza ou bege surge a morte em vida... Bruna ama Luciano que ama Bruna que ama Luciano.

Morte para o branco limpo e vida para o amor sujo... Vida de gente em vida para a morte do vazio em branco.

Um coração vermelho com dois nomes escritos em azul...

Venoso e arterial.

“*Bruna
E pela
coração
Luciano e
retorna
morto.
Bruna
Um coração
nomes escritos em
novo, venoso e arterial.”



ama Luciano.
rachadura aberta pelo
pulsante de
Bruna, a vida
para a morte do
ama Luciano.
vermelho com dois
azul... Sangue

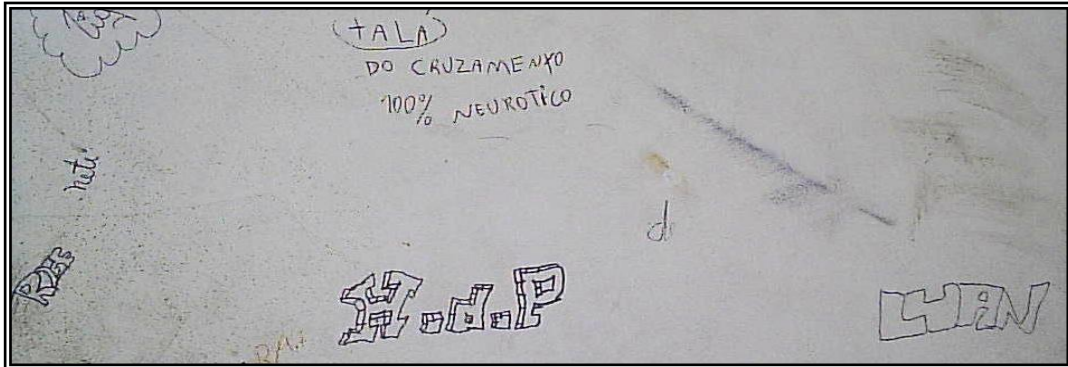
Sangue que expõe a morte pálida e injeta vida em linhas moleculares que vibram por essa rachadura em forma de coração na dureza bege do muro. Micro fissuras nas formas endurecidas das linhas pretas que fazem tremer a parede e apontam a fraqueza da força e a potência da brecha exposta em forma de coração por onde se vê o sangue nas veias pulsando em cor.

Bruna ama Luciano.



Avante Helder, bem vindo ao inferno Mané!

Luan vive... Roge vive... Nete vive... Do cruzamento 100% neurótico



Um desenho do Bob Esponja de um aluno denunciando a morte do muro branco. Uma explosão de vida e cor numa parede moribunda... A morte do limpo...



_ Ai meu Deus, sujou tudo! Diz a A.S.G. que lava e esfrega e joga água freneticamente e reclama – Ai meu Deus!- E a vida insiste em matar a morte em preto e branco, a vida insiste em se manter viva.

E pela rachadura aberta pelo coração pulsante de Luciano e Bruna, a vida retorna para a morte do morto.

“*Bruna ama Luciano.

**E pela rachadura aberta pelo coração pulsante de Luciano e Bruna,
a vida retorna para a morte do morto.**

Bruna ama Luciano.

**Um coração vermelho com dois nomes escritos em azul... Sangue
novo, venoso e arterial.”**

Oba, temos cores na escola, a vida colorida e mais leve feito bola de sabão se vista através de olhos vívidos, a morte com o olhar *limposujo*.



- Ai meu Deus, e agora? Diz a A.S.G..

- E agora Tia?...Faz uma borboleta ali ó... Diz a vida sorrindo e sai correndo com as mãos vivas de tinta...



Sobre e com ou



Existem vários caminhos para se embrenhar. Existe este ou aquele ou aquele outro que dá para uma horta. A horta da parede viva e a horta da semana cultural e a horta do primeiro beijo e a horta das formigas e a minha horta e a horta dele e a horta da escola e esta horta de que estou falando. Esta horta da foto e aquela da foto do menino que me levou lá para ver. E a escola da horta e o menino da horta e a professora da horta e a horta da SEME e a horta que você esta vendo agora... Que horta você está vendo agora, leitor?



Mas a minha horta é outra... Depois te conto qual é a minha tomando uma xícara de chá de ervas colhidas por lá.

Nesse emaranhado de imanências, a vida pulsa e corre colorida. Sangue nas veias e artérias, azuis e vermelhas e amarelas e verdes e brancas e pretas e porque não bege e tons pastéis?

_ Meu Deus, mas tem que limpar! Diz a tal A.S.G..

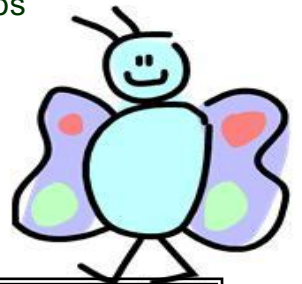


Mas porque não limpar o branco das paredes com cor?

Gosto disso... Limpar a morte com a vida. Escola viva de vida colorida.

Quem vive em preto ou branco, vive, mas vive só um dos dois, ou um ou outro e se misturar dá cinza.

Aha!... Mas e o bege? Bem, vamos fazer o seguinte, vamos deixar o bege fora disso... Tons pastéis me dão sono, e não conseguirei me embrenhar nas cores com Certeau e a escola e os



alunos e os professores e Foucault e a A.S.G. e Maria e Luciano e Bruna e Helder e Nete e Luan e Roger e Deleuze e com você...

Agora vou tomar meu chá, depois conto mais.

“O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de *perceptos e afectos*¹⁷ .

(17) **afectos**

“O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos.

Os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam.

Os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles.

As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos.

A obra de arte é um ser de sensações, e nada mais: elas existem em si.”
(DELEUZE, 1997, p. 213)

um ser de sensações, e nada mais: elas existem em si.”

*ADORO ADORAR O ADORÁVEL...

Ou Afectos.

Limitar a vida não pode ser uma finalidade, mas um meio para se viver mais intensamente o turbilhão de sensações que sentimos e podemos sentir sem perder essa sua intensidade. Sim o limite é necessário, mas temos que nos arriscar, *nos-dar-a*, sem ambições, mas saboreando o vivendo sem receita nem bulas, mas com aceites e burlas. Ações moleculares que nos afetam, que podem criar ondas, se nos permitimos deixar afetar pelas coisas. Flash mob, um agenciamento por exemplo... Adoro adorar o adorável...

Vida é (ex)tensão, (ex)citação, vibração, o pulsar eterno que se (ex)pressa. (Ex)pressão que ganha forma de vida, afectos que nos movem¹⁸. Afectos que nos tiram de uma zona de conforto, nos desterritorializam, e nos colocam num outro lugar mesmo que seja o mesmo, mas afetados. Arte.

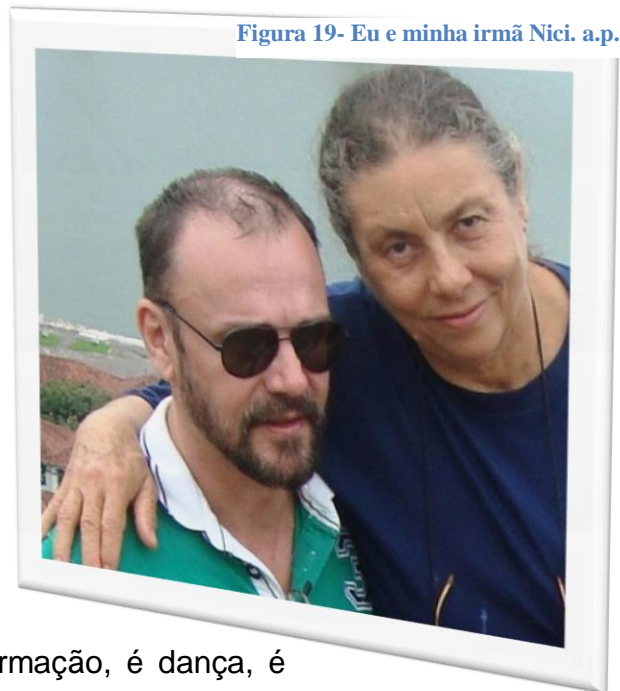


Figura 19- Eu e minha irmã Nici. a.p.

Vida é movimento, é transformação, é dança, é riso, é gozo, é gosto. É sorvete de coco com pedaço de chocolate, é suco de abacaxi com um pouquinho de hortelã, que minha irmã Nice preparou “*pr’amim ontesd’onte*”, é o filme de sábado no ScyFy. Adooooooro!

¹⁸Texto pensado e sentido me deixando afetar com a versão Viviane psicanalista Mosé e Nelson terapeuta Lucero numa conversa do programa “Café Filosófico” <http://www.youtube.com/watch?v=kadap0BROEO> café filosófico-o que podem os afectos? 01/07º.

Ouvindo também, claro que ao mesmo tempo, alguns poemas cantados de Lulu Santos como “tempos modernos”, e Cazusa, “o nosso amor a gente inventa” <http://www.youtube.com/watch?v=tqgvvtomw7y> <http://www.youtube.com/watch?v=c6od908ifee> e vendo a personagem Crô da novela “Fina estampa”, junto com as anotações e gravações da pesquisa.

“_Mas é assim mesmo, adoro minha profissão, mas hoje em dia não dá. Os valores estão trocados, ninguém para sentado, não querem saber da matéria, só ficam no (cor)redor, ninguém entende o que eles escrevem. Ainda bem que só faltam oito anos para eu me aposentar...” Diz a professora do corre(dor).

Correndo na dor de quem não se afeta, veta.

“_Se eu entendesse o que eles falam já estaria bom. Me chamam de coisas que eu nem imagino o que possa ser. Gente, achei horrível aquela bagunça na parede que eles fazem, prefiro branca, mesmo suja estava melhor. Nossa, já temos que dar aulas, dar conta do conteúdo, aguentar moleque mal criado que não sabe nada, e ainda vem o 1ºA, que só tem delinquente, ainda tem o menino, que todos mundo sabe, não é bem flor-que-se-cheire, sujar ainda mais o corredor. Absurdo. E o diretor não faz nada. Acha adorável aquela rabisqueira... Ainda bem que tem feriado esse mês. Quero ir embora disso aqui para dar uma relaxada.” Diz a outra professora.

Barulho. E fala, fala, fala, fala... Não cala. Para.

Não se dar conta da própria morte, não produz vida... Cegueira.

Não mais professora de humanas, agora, de exatas. Relações exatas ou humanas serão no tempo do corre(dor) da *professoramenino* e do *meninoprofessora*.

“_ Mas hãnhhh... professor, a professora é a ‘maior palha’¹⁹, ninguém entende o que ela fala, ‘mané’, nem pode se fazer nada nessa ‘bagaça’. Tenho que da meus ‘rolés’ para ver o que tá ‘rolando’ no corredor, ‘véiu’. hãnhhh... Todo mundo aí ‘dando um toque’ no celular e a gente aqui, “pilhado”, nem pode

¹⁹ _Mas professor, a professora **‘não nos dá atenção alguma’**, ninguém entende o que ela diz **‘professor’**, nem pode fazer nada **‘nessa escola’**. Tenho que ‘andar um pouco por aí’ para ver o que está **‘acontecendo’** no corredor, ‘professor’. Todo mundo **‘passando mensagens’** no celular e a gente, interessado, nem pode ver, ‘professor’. Nem estou fazendo nada, a gente fala as coisas e ela não escuta, fica só olhando para a cara da gente perguntando o que a gente falou. Fico **‘chateado’**. Só essa de aula **‘ruim’** que não passa, quero ir embora **‘para relaxar dessa tensão’**.

ver, véiu. Nem to fazendo nada, a gente fala as coisas e ela não escuta, fica só olhando pra cara da gente e perguntando o que a gente falou. Fico 'bolado'. Só essa 'p...' de aula que não passa. Quero ir embora 'pra dar uma zuada'. Hãnhhhh." Diz o apressado e impaciente menino do 1ºA, com seus dois celulares, fone de ouvido, rodando o caderno na ponta do dedo e com o famigerado boné. (Boné, outra tese, aff!)

Temos que viver nossas mortes, nem tudo é como fora e nem tudo será como imaginamos. A velocidade como meio de viver o ideal, sem saber sabor, sem tempo agora, sem apego, pois ontem ou amanhã era/será eu. O eu não ele, uno em grupo, dança sem par. Passa rápido/não passa. Quero, quero, quero, quero, quero. Forma de vida formatada em blocos.

Desconstruir endurecimentos, que acreditamos verdades, que nos aprisionam num modelo, numa forma, nos informa, molda-controla. Separa, para. Não vê além do seu corpo, próprio território, impróprio, não flui. Receber ou dar informações na escola, muitas vezes banais, faz dos corre(dores) rios secos, ou no máximo lamacentos.

Imagine-se tentar mover-se num rio de lama até a altura das coxas, caminhar daqui pra lá enterrando as pernas no lamaçal grudento desse *corredor* de margens erodidas, secas. Úmidas no centro, mas barro.

Construir uma forma fluida, construir uma forma em mim com a morte da outra que, afetada, vai e fica viva, nova. Vida do meu tamanho, agora. Relação sensível entrando em contato com a pulsação do corredor inundado de vida, de margem úmida, gramada, rizomada de cor, sem dor. Aberto, certo de que o tempo tem tempo, agora ou nunca. Pinta, sinta, tinta que me arte e vida. Vida bonita que eu adooooooro! A-do-rá-aaaaavel morte potente. Suicídio.

Construir relações que acreditamos potentes que nos libertam do modelo, numa forma outra, macia, maleável. Embrenha, move. Vê além do seu corpo, território próprio, impróprio, flui, não cabe em si. Sentir e compartilhar conhecimentos e vivências na escola, muitas vezes banais e sem aplicação,

faz dos (cor)(redores) rios turbulentos, sinuosos ou, no mínimo rizomas molhados de vida, afecção e potência, estética de vida. Vida bonita.

Adooooooooooooooro!

Da margem mergulha, e da superfície azul, pintada de calma, se deixa tragar pela correnteza amarela que é vermelha e corre, corre, corre. Adorável morte do tempo... Exatamente do seu tamanho. Seu corpo de tinta. Adorável.

“ _ ‘Ra-páizzz!’ Não é que o negócio está ficando bom mesmo? Como é que faz isso mesmo muleque?” Pergunta o professor para o menino no (cor)redor.



Afecto. Pouco fala, cala, sente.

Não mais professor de exatas, agora, de humanas. Relações humanas exatas no tempo do corredor do *professormenino* e do *meninoprofessor*.

Uma vida é invenção, {inter}[in](venção). Pode ser criada e recriada como uma obra de arte, bonita. Vida nos lança em movimentos, nos lança na corrente sem lama, clama. Podemos viver o artístico, a experiência. Arte pode ativar uma correnteza frenética nesse (cor)redor cheio imagens, sons, grafites, música, filmes, teatros, dança, livros, horários, zumbis, *professorasmemino*, vida que nos tira do automatismo, nos desgruda do barro-lama para fluir nas corredeiras dos afectos.

“ _ Mas professor eu não sei desenhar (pintar / cantar / dançar)...” Diz uma menina.

Afectar a menina é pro(mover) encontros, onde o 'não se deixar saber' seja tomado pelo 'descobrir que sabe, mesmo não sabendo'. Criar obras de arte de vida, estética de vida, poemas de existência. Devir.

RECEITA PARA ARRANCAR POEMAS PRESOS

Viviane Mosé

A maioria das doenças que as pessoas têm

São poemas presos.

Abscessos, tumores, nódulos, pedras são palavras calcificadas,

Poemas sem vazão.

Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado.

Prisão de ventre poderia um dia ter sido poema.

Mas não.

Pessoas às vezes adoecem da razão

De gostar de palavra presa.

Palavra boa é palavra líquida

Escorrendo em estado de lágrima

Lágrima é dor derretida.

Dor endurecida é tumor.

Lágrima é alegria derretida.

Alegria endurecida é tumor.

Lágrima é raiva derretida.

Raiva endurecida é tumor.

Lágrima é pessoa derretida.

Pessoa endurecida é tumor.

Tempo endurecido é tumor.

Tempo derretido é poema

Você pode arrancar poemas com pinças,

Buchas vegetais, óleos medicinais.

Com as pontas dos dedos, com as unhas.

Você pode arrancar poemas com banhos

De imersão, com o pente, com uma agulha.

Com pomada basilicão.

Alicate de cutículas.

Com massagens e hidratação.

Mas não use bisturi quase nunca.

Em caso de poemas difíceis use a dança.

A dança é uma forma de amolecer os poemas,

Endurecidos do corpo.

Uma forma de soltá-los,
Das dobras dos dedos dos pés, das vértebras.
Dos punhos, das axilas, do quadril.
São os poema cóccix, os poemas virilha.
Os poema olho, os poema peito.
Os poema sexo, os poema cílio.
Atualmente ando gostando de pensamento chão.
Pensamento chão é poema que nasce do pé.
É poema de pé no chão.
Poema de pé no chão é poema de gente normal,
Gente simples,
Gente de espírito santo.
Eu venho do espírito santo
Eu sou do espírito santo
Trago a Vitória do espírito santo
Santo é um espírito capaz de operar milagres
Sobre si mesmo.

Limitar a vida não pode ser uma finalidade, mas um meio para se viver mais intensamente o turbilhão de sensações que sentimos e podemos sentir sem perder essa sua intensidade, como já dito (o que nunca é demais). Sim, o limite é necessário, mas temos que nos arriscar e viver o novo, *nos-dar-a*, saboreando, vivendo, inventando fatos e espaços para que possamos vivê-los, nos dar aos excessos sem receita nem bulas, mas com aceites e burlas. “*Nós somos medo e desejos, somos feitos de silêncio e sons*”. Mas e o limite?

Flash Mob, por exemplo, em sua ideia inicial seria, a partir de uma pequena ação, como uma troca de e-mails, ou de SMS's, que se proliferam, multiplicam-se e se embrenham num agenciamento de pessoas em busca de sensações e ações, por pertencimento ao grupo de se arriscar e se deixar afetar pelo acontecimento... Mas como tudo é mutante, essa ação já se tornou molar, organizada demais, limitada aos grupos. Será que aí se perde a capacidade do afecto, que ali acabe essa vazão de vida? Eu acho que não, já virou outra coisa. Potência.

Pode se pensar que, não somente em grandes ações, em grandes e sonoros projetos premiados (uma raiz escolar muito comum) possam acontecer as afecções... Não podemos prever nem controlar um devir, planejar uma ação para afetar toda a escola ou todos os professores ou todos os alunos. Bobagem, um e outro até entram na onda Flash Mob pedagógica, mas... “*As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido*”. (DELEUZE, 1997, pg 213)

Mas vamos pensar em ações moleculares que nos afetam por nos permitir o silêncio, ser possuídos pelas sensações e educar os sentidos para fazer contato com o não vivido. Ver sabores, ouvir texturas, tocar cheiros, comer imagens, porque é gostoso, é potente, é silêncio singular. Vamos nos permitir experiências pessoais que podem sim criar ondas, se nos permitimos deixar afetar pelas coisas e afetar aos outros.

Flash MOB corredor. Adooooooooo!

Vamos pensar o pessoal num plano de intensidades da margem para o meio para a margem para o meio. Me permito-me, me afeta, silencio, sinto e aprendo, me modifico (fico de outro modo), me embrenho novamente (mente nova), me territorializando, desterritorializando e reterritorializando como diz Deleuze. Volto em mim como um outro, afectado por algo. Esse algo são as sensações que **me arte, que me vida.** Experiência.

Afecto.

Uma experiência é única, é individual, não se ensina em projetos, nem no *“vamos trabalhar a experiência num projeto categorizando os passos pedagogicamente”*. Lembre, um mínimo de limites nos permite dar conta do tamanho de nossas paixões, dando mais sabor a elas, mas é um meio, não um fim.

“_Mas, professor, seu projeto não é sobre isso?” Diz uma professora.

“_Ei danadinha, é, e por isso falo das minhas experiências, de meus afetos, meu afectos e perceptos embrenhado na imanência da escola e nas relações vividas com os habitantes desse território escolar, não só o escolar, claro, nesse territóriotese me expressando pela pintura dessa tela.”

“Afectos existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos.”
(DELEUZE, 1997, pg 213)

Só temos acesso à experiência do outro através de nossas sensações com relação às expressões deles, expressões artísticas que se torna arte pois são experiências. O que expresso aqui, é uma estética de vida onde a arte é o **meio** de ser entendido e entender e se entender nas relações. Vibrar no

entre, no meio, no buraco do muro, na vibração da parede branca bege cinza, no picho do menino, no grafite da menina, do *professoraluno*, no sorriso cúmplice da professora, do olhar reprovador de um e outro, na ação do outro. A arte se dá na interação entre as pessoas. Potência.

Todo corpo afeta e é afetado (*olha onda, olha a ondaaa!*), o que produz bons e maus encontros (SPINOZA,2007) que podem nos potencializar ou nos levar à morte, morte em vida. Alegria é se relacionar com vida, uma vida bonita. O resto não nos interessa agora, apesar (que pesa) da morte nos mover também, aceitar a morte produzindo vida. Não a desconsidero, mas falamos disso depois, numa outra pintura.

Por isso que eu digo que adoro adorar o adorável afecto no FLASH MOB corredor. Eita!

“Os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. A obra de arte é um ser de sensações, e nada mais: elas existem em si.” (DELEUZE, 1997, pg 213)”



O Nosso Amor A Gente Inventa

Cazuza

*O teu amor é uma mentira
Que a minha vaidade quer
É o meu, poesia de cego
Você não pode ver
Não pode ver que no meu mundo
Um troço qualquer morreu
Num corte lento e profundo
Entre você e eu
O nosso amor a gente inventa
Pra se distrair
E quando acaba a gente pensa
Que ele nunca existiu
O nosso amor A gente inventa
Te ver não é mais tão bacana
Quanto a semana passada
Você nem arrumou a cama
Parece que fugiu de casa
Mas ficou tudo fora de lugar
Café sem açúcar, dança sem par
Você podia ao menos me contar
Uma história romântica
O nosso amor a gente inventa
Pra se distrair
E quando acaba a gente pensa
Que ele nunca existiu*

Tempos Modernos

Lulu Santos

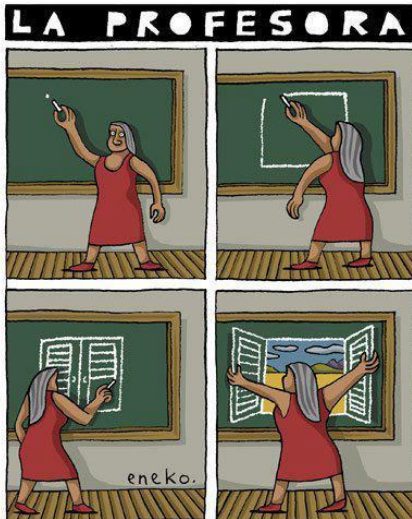
*Eu vejo a vida Melhor no futuro
Eu vejo isso Por cima de um
muro
De hipocrisia Que insiste Em nos
rodear...
Eu vejo a vida Mais clara e farta
Repleta de toda Satisfação
Que se tem direito Do
firmamento ao chão...
Eu quero crer No amor numa boa
Que isso valha Pra qualquer
pessoa
Que realizar, a força Que tem
uma paixão...
Eu vejo um novo Começo de era
De gente fina Elegante e sincera
Com habilidade Pra dizer mais
sim
Do que não, não, não...
Hoje o tempo voa amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo Que volte amor
Vamos viver tudo Que há pra
viver
Vamos nos permitir...*

***REFLEXÃO ACERCA DO PARADIGMA DO CURRÍCULO, DA REPETIÇÃO
E CLICHÊS... (reflexão?)**

Ou, Pirei na maionese, ou ainda Sexualidades clichê.

Lo a-luno

Aqui tem.



A estudante

O que seria uma escola senão um celeiro, um depósito de provisões do saber onde seu enredo se desenvolve pelas mãos calejadas de professores amantes da verdade indiscutível da construção de um ser humano melhor? Segundo nos brinda Icamí Tiba com sua brilhante análise sobre o sacerdócio do magistério, nenhum projeto é viável se não começa a construir-se desde já, o futuro será o que começarmos a fazer dele no presente. A escola é parceira, mas quem ama educa, pois a educação não pode ser delegada somente à escola, aluno é transitório mas filhos são para sempre. Nesse sentido, Os responsáveis que levam os filhos para a escola, para a igreja não não buscam-nos nas prisões.

No meu tempo, a escola era verdadeiramente outra. As aulas eram dadas numa sala de aula bem organizada, silenciosa onde os alunos ficavam sentadinhos nas fileiras de carteiras repetindo a tabuada em coro, e todos aprendiam toda a matéria, copiavam todo o conteúdo sem reclamar. Os alunos obedeciam os professores e preferiam andar antes só do que mal

acompanhados, não se misturavam com más companhias, fugiam das laranjas podres. O chão da escola era terreno sagrado, o professor era valorizado e a família era a base de tudo. O conhecimento era construído de uma forma sólida e as salas de aula eram limpas e organizadas. A grade curricular era o alicerce da sabedoria que era transmitida aos alunos pelos mestres, verdadeiros guerreiros da educação que com sacrifício e amor ao magistério, educavam nossas crianças para o futuro, para a educação do amanhã.

Um currículo bem feito, bem organizado que dá voz aos sujeitos atuantes nas redes de saberes fazeres dos cotidianos das escolas, onde todos sabem como proceder a cada situação, com referenciais bem ordenados e solidez nas ideias, esta é a meta que todos almejamos, para construir uma escola uniforme, limpa, bem organizada e feliz. Assim, objetivamos uma educação para a cidadania, para o mercado de trabalho, para a transformação social, para a vida. Prijeções , adiamentos, buscas por um futuro melhor. Todos sabem disso, essa escola e essas falas são compartilhadas por todos aqueles que constroem a educação.

Este currículo pode ser seguido de olhos fechados, pois todos colocam a mão no fogo por ele devido a sua credibilidade, que poderia ser uma faca de dois gumes, mas todos os acadêmicos, que dão seu sangue para a educação,

LA A-LUNA

carrega nas costas a responsabilidade de uma educação científica, de uma tese defendida por bancas qualificadas e reconhecidamente certificada pela coleta de dados impecável em um campo de pesquisa eficiente sem influenciar o bom andamento de seus objetos de pesquisa para trazer à luz e dar voz aos sujeitos objetos de suas pesquisas e construir, assim, cidadãos atuantes e críticos.



" Sonho que se sonha só

É só um sonho que se sonha só

Mas sonho que se sonha junto é realidade."

Le clichê de lo sonho de la a-luna
que agora é la professora



Le sonho de los clichês

A voz do povo é a voz de Deus,
portanto, como ninguém é de ferro, vou gozar um
pouco do meu restinho de fim de semana e relaxar vendo TV. Já vi o Faustão
e já acabou o Fantástico. Fazer o que agora? Organizar e
sistematizar meus dados do campo de
e pesquisa... aff.



Já passa da meia noite, estava eu zapeando a televisão quando começou um filme tipo classe C. Sem muita opção, **e meio que** em estado de zumbi, parei para ver o tal filme. O que me prendeu mais a atenção foi que ele acontecia em quatro núcleos de histórias diferentes, mas com a mesma tônica no enredo. Mesmo sendo com personagens diferentes, em diferentes situações e totalmente individuais umas das outras, esses núcleos se esbarravam o tempo todo, o que **me fez refletir acerca do paradigma do currículo**, da repetição e clichês.

*Pirei na maionese.

Vou narrar melhor o filme:

A abertura do filme já dava **o fio condutor** do enredo **que era** numa noite de Halloween. Começa com um casal de namorados que discute se irão ou não dormir juntos naquela noite, e decidem enfim que sim. **O menino** vai para o quarto enquanto a menina vai até o jardim recolher a decoração do dia das bruxas que é um monte de pedaços de corpos pendurados nas árvores.... Então, do nada, um assassino mascarado aparece e... (eu avisei que era classe C, kkkk) pega a garota e a esquarteja, em meio a gritos e tentativas de fuga. Enfim, mata a garota e pendura seus pedaços junto aos pedaços falsos **que já estava** lá na decoração do jardim escuro. Enquanto isso, o belo, forte e seminamorado da garota, depois de notar sua demora, vai atrás dela e é, aí, quando ele se dá conta que a menina foi morta e **esquartejada**, **vendo** seus pedaços ensanguentados pendurados e pingando sangue

junto aos da decoração do jardim, sai correndo nu aos berros (também

não **entendi** (rsrsr) o nu, mas você entenderia se visse...kkkk, show!).

OK, o **que** nos interessa efetivamente vem agora.

Começa o segundo enredo, onde três garotas sensuais estão se vestindo com fantasias de bruxas e saem da loja **conversando**.

Ao fundo, o casal do enredo anterior está passando, dando a entender que estão indo para casa onde se desenrolou o assassinato da garota.

Desenrola-se o enredo das três meninas e daí, uma delas é morta pelo tal assassino.

No terceiro enredo, um grupo de garotos bobões e paqueradores, bebe numa mesa de uma lanchonete, enquanto um casal (o tal da primeira história) faz pano de fundo na mesma lanchonete, e no desenrolar da história, as três meninas (as tais sensuais da história dois) passam e os garotos dão uma mexidinha com elas e continuam no desenrolar **de seu enredo**...

E por aí vai... (pessoal, tem que entender que o filme passou no canal aberto e era fim de noite de domingo, ok? "que atire a primeira pedra quem nunca assistiu a um desses... kkk).

Clichê? sim! Repetição? Não!

Numa escola, fatos acontecem simultaneamente, e cada um deles é pano de fundo de outra história que vai se desenvolvendo, enrolando e

desenrolando, esbarrando e se
distanciando umas das outras, umas nas outras
umas e outras, mas te garanto uma coisa, nunca, **nunca, mas**
nunca mesmo uma **ou** outra!

O que **vou fazer** aqui então senão montar um enredo classe C.

C de **clichê**? Talvez, ou seria Cultura-Curriculo-Conhecimento-Cultivo, C
de Curriculo? C de Cultura? C de Conhecimento, ou seria clichê fragmentar?
Organizar e emoldurar num enredo linear o pulsar da escola, escolher entre
esta ou aquela história, **colher num campo (afff)** de
pesquisa as observações, fotos e sons de personagens pré-enredados e
definidos num projeto para um expectador específico? Um público que
consome ou quer consumir uma escola re-conhecida... reconhecível... através
das citações e observações tal e qual foi planejada e esperada,
hollywoodianamente montada, como num filme clichê de classe C linear
com heróis, mocinhos, cenários, locações e final fatalista, derrotista, triste ou
feliz... Hummm esqueci, da moral da historia no final. Como disse Deleuze em
sua época, o cinema americano era linear, previsível, clichê. Continua, mas
buscamos potencializar esse clichê a nosso favor, fazendo uso do que nos
interessa nesse momento como potência de pensamento.

Clichê... Talvez.

Pensemos, pois, em uma escola inventada por uma personagem **que**
ao invés de tentar descrever o que vê somente,
descreve o que sente, em um turbilhão de acontecimentos simultâneos, sendo

ele o centro momentâneo e você, leitor, **inventará a partir de suas próprias vivências** e clichês esta escola inventada por mim, que a partir de cada fato narrado foi **sentida e vivida de uma forma diferente. Sim, isso mesmo**, a mesma cena *narrada sentida descrita* de diferentes ângulos, com diferentes sentidos, em múltiplos sabores e diversos tons, tantos quantos um professor autor ator puder inventar, te dando então, a possibilidade de dançar comigo que dancei com eles nesse corredor clichê transformado em palco, em pista, em currículo, em cultura, em personagem, em conceito, em **afecção.**

Sim, sei que é difícil pensar o todo, ninguém precisa saber tudo, estar atento a tudo, nem eu me propus a isso. Trago essa possível sensação a respeito dessa vibração latente nessa personagem corredor que atua na escola. Entender essa personagem corredor como um pensamento complexo em processo de complexidade constantemente movente fluindo em movimento constante, pode nos possibilitar sentir e nos perceber nesse ir-vir-estar-fugir para se falar em um currículo como uma bateria, uma pilha dessa pulsação que vibra na escola e em nós.

Não. Repito: ninguém precisa saber tudo, saber que não sabe já é um bom começo de fim. Vivencia o corredor, suas cenas, seus pulsares, suas personagens minhas que se inventarão suas só serão úteis e potentes se a nós afetar. Se nos afetarem saberemos de cor, que é a pilha que nos move. C de Cor, cor de Coração... Cor que bate e leva o



sangue pulsando nas veias que são corredores.

"Quando digo que não sou culto, nem intelectual, quero dizer algo bem fácil, é que não tenho saber de reserva, pelo menos não tenho esse problema. Com minha morte, não se precisará procurar o que tenho para publicar, nada, pois não tenho reserva alguma. Não tenho nada, provisão alguma, nenhum saber de provisão, e tudo o que aprendo, aprendo para certa tarefa, e, feita a tarefa, esqueço. de modo que, se dez anos depois, sou forçado, isso me alegra, se sou forçado a me colocar em algo vizinho ou no mesmo tema, tenho que recomeçar do zero, exceto em alguns casos raros, pois Spinoza esta em meu coração, não o esqueço, é meu coração, não minha cabeça, senão..."(PARNET, 1994)

Como Deleuze diz para Claire, ele foi afetado por Spinoza de tal forma que seu corpo responde de cor à seus saberes. Dizendo de outra forma, afecção é a intensidade de um corpo sobre o outro, mistura de corpos que pulsam numa mesma vibração, que dançam num mesmo corredor, trocam cadeiradas ou conversam nesse corredor vibrátil onde um, ao receber a afecção de um outro, se modifica recebendo as características do que o afeta, tornando-se assim uma terceira coisa, corpos que se fundem numa dança pintada em tons de sabores diferentes, que combinados exalam fragrâncias pluri-sensoriais. Dito de forma mais simples, delezianamente de cor, é meu corpo que afeta e se afeta e não minha cabeça que frequenta o corredor classe C, de De Cor.



Loooooooooooooooooonge do C de clichê, não colho nada em campos de jogos de dados, vou ao corredor dos afectos através da tela da televisão, do livro de Deleuze,



da pintura de alguém, da poesia de fulano, através do texto leve do Aldo, do abraço de Hiran, do olhar carinho de Janete, da doçura meiga de

Regina, a generosidade intensa de Toninho, do eu Edu que me sabe, das cadeiradas e conversas na escola, da potencia da professorinha baianinha, da aula delícia e péssima, da rabugice da professora na escola, do carro dirigindo para escola, do passeio à Pedra da Cebola, dos memes do facebook, vou através do dia de preguiça no sofá com Rosana num abraço de bebê e através da enchente dessa manhã, que me fez, afetado, inventar esse texto de hoje.

Agora vou ver TV. Depois eu conto mais...



Sexualidades e fabulação: sobre currículos, clichês e cotidianos

"Eros e Psiqué"
(FERNANDO PESSOA)

*Conta a lenda que dormia uma Princesa
encantada. A quem só despertaria
Um Infante, que viria De além do muro da
estrada.*

*Ele tinha que, tentado, Vencer o mal e o bem.
Antes que, já libertado, Deixasse o caminho
errado Por o que à Princesa vem.*



*A Princesa adormecida se espera, dormindo espera. Sonha em
morte a sua vida, E orna-lhe a fronte esquecida, Verde, uma
grinalda de hera.*

*Longe o Infante, esforçado, Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado. Ele dela é ignorado, Ela para
ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino. Ela dormindo
encantada,*

*Ele buscando-a sem tino pelo processo divino que
faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro, tudo pela estrada
fora, e falso, ele vem seguro, E vencendo
estrada e muro, Chega onde em sono ela
morar.*

*E, inda tonto do que houvera, a cabeça,
em maresia, Ergue a mão, e encontra
hera, E vê que ele mesmo era...
A Princesa que dormia.*



Fabulações e sexualidades I: sobre brincadeira(das) de menino e menina

Escola. Terra de Ouro, de Prata, de Alumínio ou de Plástico? Escola que liga. Escola da briga de ontem, do ensaio de dança de hoje, da professora em estado interessante de espera... Momentos graves de momentos grávidos. Escola de um corredor de *atoresautoresprofessoresartistas* e bravos e amigos e indiferentes à escola que não pulsa junto, que briga no corredor das cadeiradas e dos afagos entre brincadeiras de corda e roda. Quem pode isso, quem pode aquilo?... Brincadeiras de meninas e meninos (que bobagem!).

Corredor de gente que circula por ali, que habita o lugar, e este lugar aqui também. *Escolabrincadeirasbrigas* onde, nesse corredor que está em

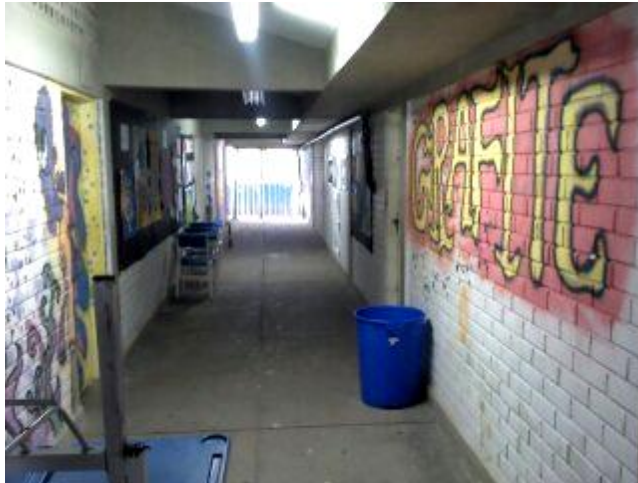


Figura 20 Corredor das cadeiradas. a.p.

mente agora e estava presente ontem e estará já já, é a veia curricular por onde pulsa o *sanguevida* dessas *brincadeiradas* que entra nas tais redes de *saberesfazer* tecidas nos corredores *passando-pulsando* em brigas, conversas e afagos e devires...

Aqui pode, lá não...

Brincar disso pode, disso não. Por quê?

Por que sim? Por que não?

Então... Cadeiradas, é lógico, é coerente.

Se não pode sujar de tinta, suja com cadeiras mesmo.

Suja o nome, suja a brincadeira, se não pode, por que não?

Ela, princesa. Já morou na Itália... Linnnda de viver, uma pestinha embrulhada para presente (de grego, feito a Helena).

Ele, príncipe, já morou em Portugal... Linnndo de viver, uma pestinha embrulhada para presente (de troiano, feito Páris).

Presentes.

Aqui e hoje, uma guerra. Cadeirada neles!

Porque não pode? Príncipe brincar com cordas e princesas com futebol?
E ainda era futebol de botão
“for Crist’s seack’s”...



As personagens da cena vivida no cotidiano escolar me fez lembrar de um desenho animado chamado “A princesa e o cavaleiro” ou “Príncipe Safire”, que não era príncipe, mas sim uma princesa. *Príncipeprincesa herdeiroherdeira* da Terra de Prata.

Era um menino estranho porque era delicado, era uma menina estranha porque não era delicada, era um menino valente que era sensível e amável, era uma menina meiga que era corajosa, aguerrida e travessa.

Conto de fadas (europeu) contado por artistas (japoneses) que lançam alguns episódios no mercado (americano) de histórias em quadrinhos (em animação) e faz muito sucesso inclusive por aqui (Brasil).

Devires improváveis que se desenham rizomáticos, múltiplos em singularidades imanentes nas relações que acon(tecem) nos corredores das escolas, e que aqui, freezer de idéias, se busca pintar, em cor, uma tela de sentidos, desejos e virtualidades da imanência potente de vida cartografada em movimento e arte. Multiplicidades.

Ao mesmo tempo em que as *brincadeiras* acontecem uma professorinha de educação física, sem local apropriado na escola, ocupa uma sala e o corredor para dar algumas atividades para uma turma de 5ªB, vizinha a sala de artes. Cor, som, música risos e conversas. Sons de pular cordas, de peças de ‘damas’ batendo na caixinha. Cheiro de suor das brincadeiras e das tintas invadindo o cor(redor).

O corredor corre...

E duro, que mistura estrada e muro... E sons e cor e odor

escola ideal.

E num salto da sala de artes, o professor bailarino lutador num sauté pás de chevel com changements de pieds aterrissa no meio



do corredor onde a confusão está formada e a via pulsa em cadeiradas por poder ser “Safire”,

príncipe e princesa, com corda ou bola. Porque não?... Uai... Se não, faço ser, porque, sim!

Vida é tensão, excitação, vibração, o pulsar eterno que se estressa. Expressão ganha forma de morte, afectos que nos

paralisam ou nos movem. Parte-se, dividido em dois, aqui ou lá, isso pode aquilo não, fica doente, que dói em movimento, morto aqui, vivo só lá. Assim não vira música, não se faz dança, cansa (justifica a cadeirada).

Afectos que nos colocam em uma zona de “conforto”, nos territorializam, e nos movem a um mesmo lugar, mesmo que seja outro, mas conformados. Afectos que nos situam em uma zona de “desconforto”, nos desterritorializam,

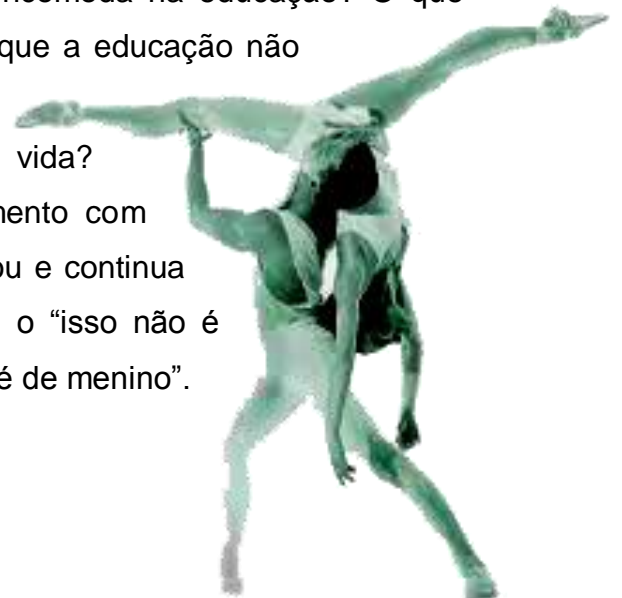


e nos movem para outro lugar, mesmo que seja outro, mas inconformados e vivos, dançantes.

O que nos incomoda na educação? O que faz com que a educação não

seja
potência de vida?

Durante todo esse tempo de nosso envolvimento com a(s) escola(s), algo que sempre nos incomodou e continua nos incomodando é o “não pode”, ou, ainda, o “isso não é possível”, ou mesmo, “isso é de menina e isso é de menino”.



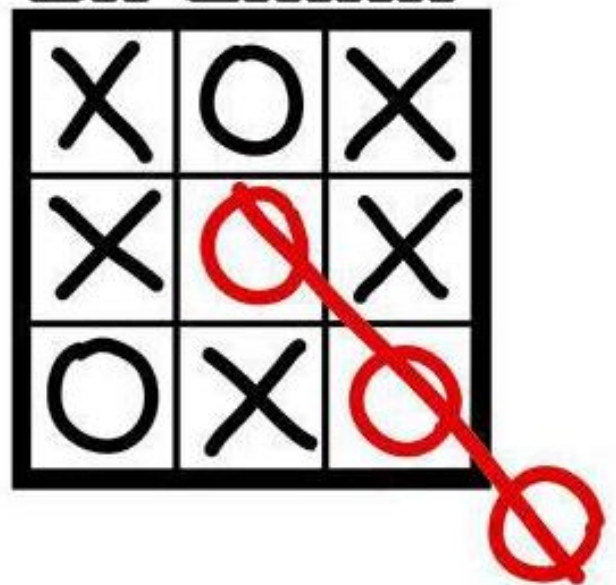
O que nos incomoda e continua nos incomodando são as inúmeras tentativas de controle sobre o corpo que pulsa, de formas de aprisionamento das ações que ousam romper com a inércia, com as superfícies estriadas (DELEUZE, 1997) da escola, colocando em análise o atual modelo-molde de educação pautado por uma lógica que privilegia uma dada hegemonia do pensamento e de comportamento.

Mas, ao mesmo tempo, sabemos que os cotidianos da vida se inventam de mil maneiras não autorizadas. Sabemos da rebeldia do cotidiano, que insiste na potência da vida. Sabemos das burlas, *táticasartimanhas*, astúcias (CERTEAU, 1996), que irrompem nesses cotidianos e que não cessam de nos mostrar que a vida sempre escapa.

Na condição de *professorpesquisadorartista* é essa rebeldia em cor dos cotidianos que me interessa. Sem desconsiderar a existência das forças que contribuem para a diminuição da vida, deslizamos em superfícies lisas que possam potencializar uma vida e bonita e colorida diante da mesmice.



PENSE
F O R A
D A C A I X A



Fabulações e sexualidades II: sobre o desenho animado “A princesa e o cavaleiro”²⁰

Há muito tempo atrás num reino próspero chamado Terra de Prata, ou Escola, ou corredor, o Rei e a Rainha estavam para ter um herdeiro, mas um anjo travesso chamado Ching coloca um coração de menina no corpo do menino.

Assim nasce a princesa Safiri num reino que tinha como lei, e bastante severa, que somente um homem poderia suceder o trono real.



Para evitar que o maquiavélico Duque Duralumínio, parente mais próximo do Rei, colocasse seu filho Plástico no poder, o Rei anuncia o nascimento de um menino. Ching é enviado à Terra como castigo e tem como missão ajudar Safiri, enquanto aprende a se comportar melhor. Safiri tem de aprender a viver como um menino, pois caso seja descoberta seria condenada à morte. Assim a princesa foi ensinada a se fazer passar por homem e aprendeu a lutar com espadas e a cavalgar com seu fiel cavalo Opau. Poucas pessoas compartilhavam o segredo da menina.

Seus maiores inimigos eram o malvado Duque Duralumínio, o parente mais próximo do Rei e candidato direto à sucessão do trono, e seu assistente Nylon que tentavam a todo custo provar que Safiri era uma menina, além do bruxo Satã e a organização Unidade X. Longe dos olhos do público, Saphire mantém sua feminilidade, o que não a impede de se tornar uma grande espadachim, agindo secretamente como o Cavaleiro Vingador, um herói medieval. De noite Safiri se ocultava sob o uniforme do Cavaleiro e saía para combater o mal.

²⁰ http://www.infantv.com.br/princesa_cava.htm - imagens e textos

Ching foi enviado do céu para buscar o coração azul de Sapphire e transformá-la em uma menina meiga e agradável. Ching procurou durante 12 anos e quando ele a acha a aventura começa.



Da Terra do Ouro veio o Príncipe Franz, por quem Sapphire se apaixonou e foi correspondida, pois ele percebeu que ela era uma garota e juntos combatiam o mal.

Osamu Tezuka definiu que os principais protagonistas de seu desenho teriam nomes de metais preciosos e pedras preciosas e os vilões da história, teriam nomes baseados em ligas baratas ou sintéticas. Daí os nomes de Sapphire, Duralumínio e Nylon.

A Princesa e o Cavaleiro, além de ser um desenho clássico, possui elementos da mitologia grega, cristã, e uma suspeita propaganda da bissexualidade.

O desenho animado “A Princesa e o Cavaleiro” foi baseado na publicação do Manga publicado de 1953 a 1956 e tornou-se um clássico da animação japonesa. A saga da princesa Sapphire, que estreou na Tv Asahi no dia 2 de abril de 1967, apresentou toda a magia da obra de Osamu Tezuka.



Figura 21 Maurício de Souza compondo com Osamu Tezuka personagens com a discussão da sexualidade. Anos 2000.

Fabulações e sexualidades III: sobre clichês e cotidiano escolar



“Mas isso não é coisa de menina... Você precisa tomar jeito de menina, ser mais meiga, delicada, obediente”.

“Não sei não, você já reparou no jeito dele? Meio afeminado. Não tem jeito de homem. A família faz de conta que não vê. Ou será que vê e não faz nada?”

“Hoje em dia a sexualidade está aflorada. Repare na maneira como eles dançam. No modo de se vestir. Tudo transpira sexualidade”.

“As meninas estão ficando grávidas cada vez mais cedo. Falta orientação sexual e sobra sexualidade”.

Nossa aposta na vida que pulsa nas escolas não tem a intenção nem de representar uma dada realidade ideal, nem de valorizar um dado comportamento padrão. Mas uma conversa como essa numa sala de professores é algo que **me cinza**, que **me bege**, não é bonito. Estamos interessados em criar possibilidades de ampliação da **potência de vida** nos corredores cotidianos das escolas a partir da **desconstrução** do que temos chamado de clichê.

Uma imagem que venha a "cair" em clichês, e ser modelo de clichês, uma vez atualizada, parece ser, por uma razão ou por outra, inevitável, senão mesmo constitutivo da própria condição de um simulacro.



Figura 22 - Morador de uma pequena cidade ao sul da Alemanha, Nils Pickert decidiu usar saias em público para apoiar seu filho, de cinco anos, que gosta de usar vestidos. A história, publicada na revista online alemã "Emma" em forma de depoimento, vem ganhando repercussão no mundo todo e rendeu a Nils o título de "pai do ano" entre internautas. <http://delas.ig.com.br/filhos/2012-09-04/pai-adepto-da-criacao-sem-genero-usa-saias-em-publico-para-apoiar-o-filho.html>

Ou seja, toda a invenção de um simulacro pressupõe o reino dos estereótipos. Estamos interessados não em denunciar e/ou desqualificar e/ou negar os clichês, mas com(versa-los) como potência de produção de simulacros e de abertura para as diferenças. A invenção do simulacro implica a presença ou a existência do clichê. Muito provavelmente não haveria a necessidade de inventar simulacros se os clichês não fossem simulacros degradados.

Atingir as imagens, furar os clichês implica colocar a imagem numa posição em que, relativamente a ela, deixamos de poder fazer o que normalmente fazemos, em função de nossa situação, das nossas capacidades, dos nossos gostos: desviar o olhar quando é demasiado desagradável, resignamo-nos quando é horrível, assimilamos quando é belo.



Mas, a partir das questões colocadas importa perguntar: que estamos chamando de *horrível*, de *desagradável* e de *belo*? Assim, atingir a imagem, furar o clichê, será, no fim das contas, fazer da imagem qualquer coisa de imediatamente real: quebrar, desconstruir esquemas de percepção, superando a idéia de que é possível representar sem alterar.

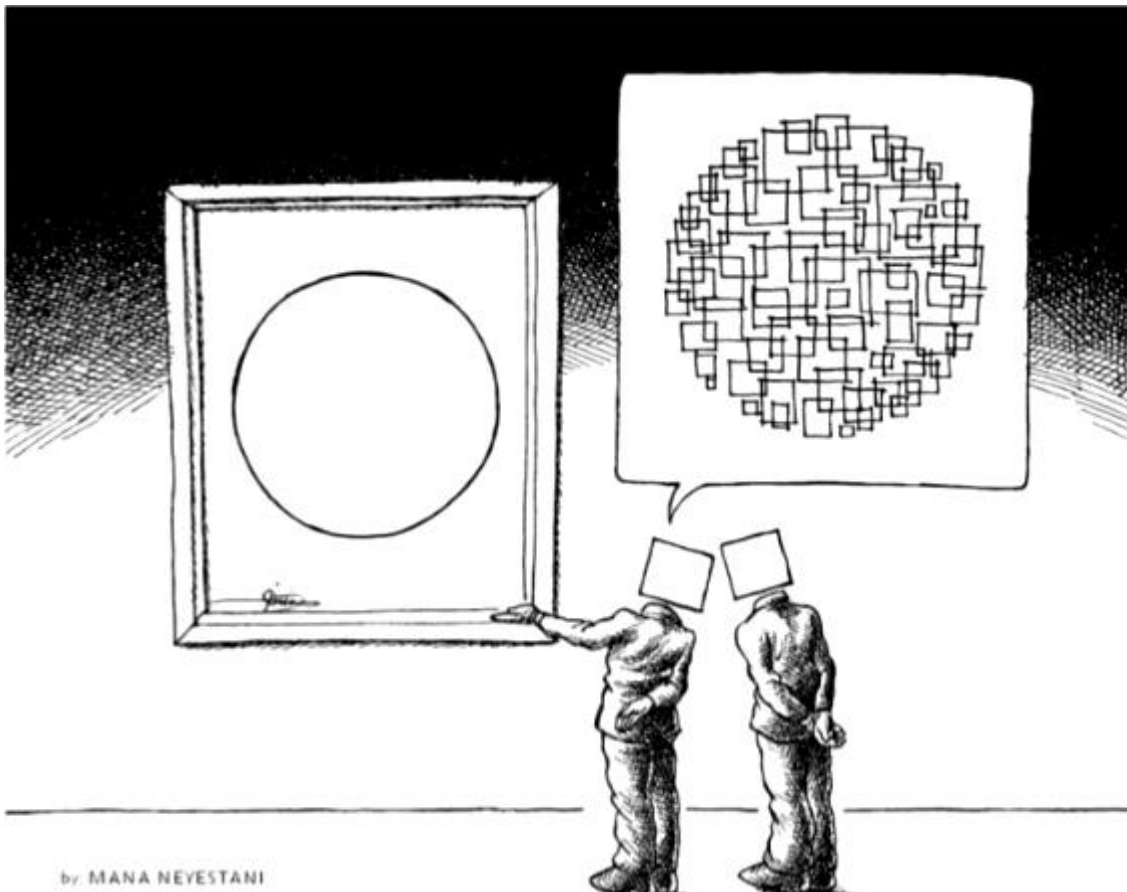


Figura 23 Sem movimento das ideias, existe encaixes, transformando o novo, o estranho, num arremedo do que já conhecemos. Se transforma o novo num velho resignificado. Clichê...

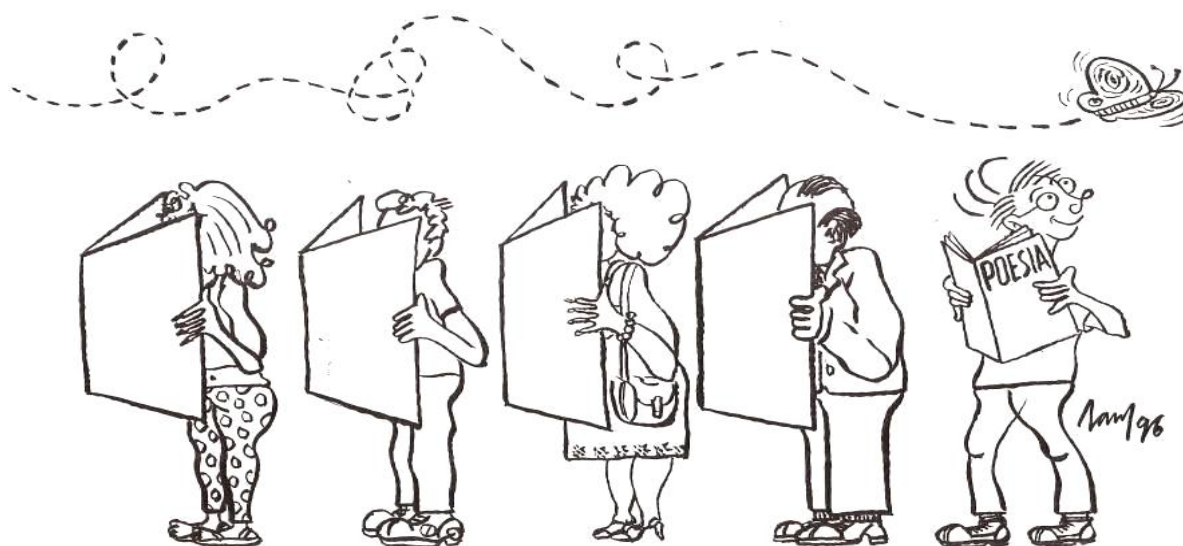
“Mas, qual o sentido de se procurar conhecer "a condição sexual" dos alunos? O que isso potencializa nosso trabalho na escola ou não?”.

“Estamos, o tempo todo, nos referindo à sexualidade como um problema a ser resolvido. Por que sempre associamos sexualidade a uma situação de desconforto, de proibido, de orientação, de problema?”. “Que é ser heterossexual e ser homossexual e ser transexual e ser bissexual e ser pansexual e ser e ser e ser e... ahhh? Tem um único jeito de ser sexual?”

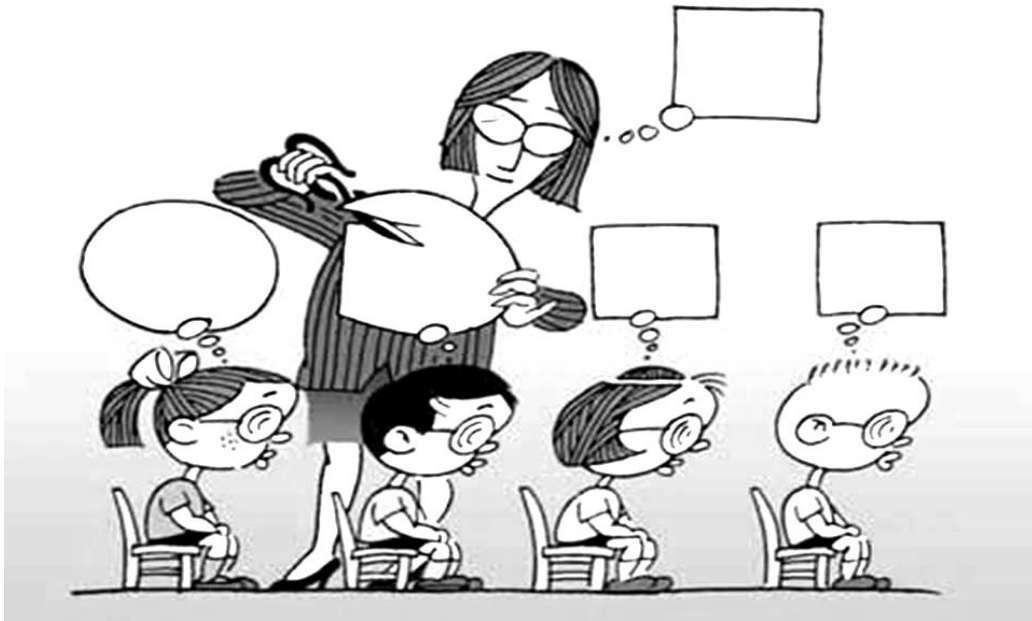
Não dá para aceitar os discursos moralistas, principalmente das igrejas e de algumas pedagogias. Não dá pra concordar com a déia de que temos que ter comportamentos adequados às nossas condições/preferências²¹ sexuais”.

... E o currículo?

Conversando sobre um *currículossexualidades*, importam os processos que se constituem como agenciamentos que evidenciam clichês sobre as sexualidades vividas nas escolas, produzindo *narrativasimagens* que possam nos ajudar a potencializar a desconstrução desses clichês, como foi o caso do desenho animado A Princesa e o Cavaleiro, da atitude do pai na educação de seu filho ou ainda, fazendo do clichê uma possibilidade de abertura para a diferença.



²¹ Levamos em conta que condição é o ser homo, bi, trans, hetero, pan ... pois não escolhemos ser assim, simplesmente somos. Preferência é o que fazemos com nossos parceiros na relação em si dentro de nossa condição sexual, trocando prazeres, fantasias e sentimentos, independente da identidade sexual que nos reconhecemos.



O entendimento ampliado a respeito das múltiplas e complexas realidades das escolas reais, com seus alunos, alunas, professores e professoras e problemas reais, exige que enfrentemos o desafio de mergulhar nestes cotidianos, buscando neles mais do que as marcas das normas estabelecidas no e percebidas do alto, que definem o formato das prescrições curriculares. É preciso buscar outras marcas, da vida cotidiana, das opções tecidas nos acasos e situações que compõem a história de vida dos sujeitos pedagógicos que, em processos reais de interação, dão vida e corpo às propostas curriculares.(OLIVEIRA, 2003, p.69)

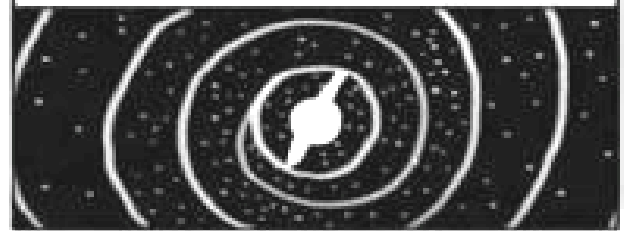


Tão importante quanto realizar os projetos e programas oficiais, coloca-se a necessidade de nos dedicarmos a problematizar a diferença que se manifesta nas escolas. Não interessa a busca pela norma e/ou pelo comportamento considerado padrão, até porque isso é sempre arbitrário. Interessa ampliar as possibilidades de se viver a diferença na vida .

Estima-se que existem mais de 200 bilhões de galáxias no universo.



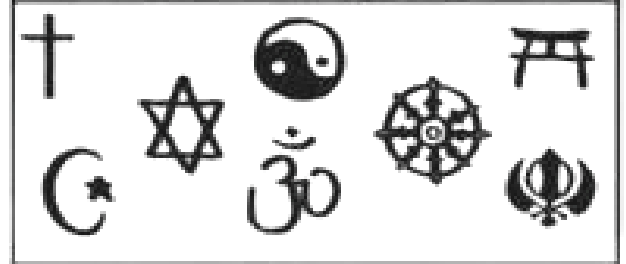
Nossa galáxia, a VIA LÁCTEA, tem uma população de pelo menos 50 BILHÕES de planetas, dos quais 500 milhões estão localizados na "Zona habitável" de sua estrela mãe.



A terra é apenas um desses planetas, lar de cerca de 7 bilhões de pessoas.



Existem cerca de 21 religiões principais no mundo hoje, as quais se dividem em centenas de denominações.



e ainda....

uma pessoa que é
UMA EM 7 BILHÕES

num planeta que é
UM EM 50 BILHÕES

numa galáxia que é
UMA EM 200 BILHÕES

dirá com absoluta certeza que...

É CLARO QUE
A MINHA
RELIGIÃO É A
ÚNICA
RELIGIÃO
VERDADEIRA.



FORLAKUABETTERCOMIC.COM

Ha... ia me esquecendo, Porque estou usando memes do facebook?
Oras, são clichês em movimento, uai, rrsrrsrr :-) Possibilidades de abertura
para as diferenças

“O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos.

“O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos.

Os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são

seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensações, e nada mais: elas existem em si.”(DELEUZE, 1997, p 213)

Ou Sobre ser-sendo-hífenado-nas-redes-de-subjetividades

Marco-Mô-tio-amante-amor-namorado-marido-amado-ama-odeia-odiado-Loro-MarcoAntonio-Marcão-irmão-espíritosanto-filho-pai-mãe-tiopai-paulista-ribeirãoopretano-capixaba-brasileiro-sulamericano-humano-animal-terráqueo-professor-artista-arteiro-doido-preguiçoso-animado-carnavalesco-professorcarnavaleso-mestre-Mestre-doutorando-aluno-professoraluno-alunoprofessor-jovem-adulto-velho-criança-lindo-feio-bonito-semgraça-engraçado-adorado-respeitado-admirado-ignorado-triste-doente-saudavel-guloso-disciplinado-bagunceiro-organizado-observador-cego-miope-ateu-religioso?-menteaberta-obtuso-liberal-preconceituoso-magro-gordo-cabeludo-careca-homem-menino-mulher-jovem-Oliva-macho-Gomes-ativo-Ferraço-calmo-nervoso-heterosensorial-ator-falso-verdadeiro-direto-mentiroso-autodidata-franco-polido-bemvestido-brega-namoda-sorvetólatra-bipolar-umagracinha-perigoso-destemperado-safadão-leal-astiguimático-amigo-moreno-baixo-bemapeesoado-alto-brasileiro-cafajeste-meigo-potente-depressivo-empolgado-depressivo-tripolar-depressivo-ocara-búfalo-leãozinho-leão-umgato-Senhor-ootro-barbado-padrinho-sobrinho-estorvo-ameaça-apoio-colega-cherosinho-notivago-vespertino-atual-ex-esperança-objeto-de-desejo-de-ciúme-perfeito-costureiro-desenhista-escultor-escritor-construtor-pesquisador-orientando-confuso-centrado-des-esperançoso-preocupado-entediado-estimulado-filho-da-mãe-sabidinho-nervoso-sarcástico-criativo-ingênuo-absurdo-surdo-cego-poético-ético-estético-vazio-cheio-duro-complacente-copista-criador-sujeito-objeto-objetivo-prolíxo-criatura-eu²² ... E eu mesmo e criatura e prolixo e objetivo e objeto e sujeito e criador e copista e complacente e duro e cheio e vazio e estético e ético e poético e cego e surdo e absurdo e ingênuo e criativo e sarcástico e nervoso e sabidinho e filho da mãe e

²²Um sujeito hífenado para Stuart Hall é fragmentado; composto por várias identidades, às vezes contraditórias ou não resolvidas. O próprio sujeito pós-moderno conceitualista como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 1988). O sujeito assume identidades diferentes que não são unificadas ao redor de um eu coerente, continuamente deslocada. Ter uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, uma cômoda história “Narrativa do eu.” (HALL, 1990)

estimulado e entediado e preocupado e esperançoso e dês esperançoso e centrado e confuso e orientando e pesquisador e consultor e escritor e escultor e desenhista e costureiro e perfeito e objeto de ciúmes e objeto de desejo e objeto e ex e atual e vespertino e notívago e cheirosinho e colega e apoio e ameaça e estorvo e sobrinho e padrinho e barbado e o outro e o Senhor e um gato e leão e leãozinho e búfalo e “o” cara e depressivo e tripolar e depressivo e empolgado e depressivo e potente e meigo e cafajeste e brasileiro e alto e bem apessoado e baixo e moreno e amigo e astigmático e leal e safadão e destemperado e perigoso e uma gracinha e bipolar e sorvetólatra e na moda e brega e bem vestido e polido e franco e autodidata e mentiroso e direto e verdadeiro e falso e ator e heterosensorial e nervoso e calmo e Ferração e ativo e Gomes e macho e Oliva e jovem e mulher e menino e homem e careca e cabeludo e gordo e magro e preconceituoso e liberal e obtuso e mente aberta e religioso... E... Ateu e míope e cego e observador e organizado e bagunceiro e disciplinado e guloso e saudável e doente e triste e ignorado e admirado e respeitado e adorado e engraçado e sem graça e bonito e feio e lindo e criança e velho e adulto e jovem e alunoprofessor e professoraluno e aluno e doutorando e Mestre e mestre e professorcarnavalesco e carnavalesco e animado e preguiçoso e doido e arteiro e artista e professor e terráqueo e animal e humano e sulamericano e brasileiro e capixaba e ribeiraopretano e paulista e tiopai e mãe e pai e filho e de espírito santo e irmão e Marcão e Marco Antonio e Loro e odiado e odeia e ama e é amado e marido e namorado e amor e amante e tio e Mô e Marco e Marco Antonio Oliva e outros tantos que Janete me mataria se eu colocasse aqui... Sou vários verdadeiros, ou eu seria outro. Um ele simples, um *euvocê*. Ou sou *elevocê* **OU**²³ eu e vivo e...

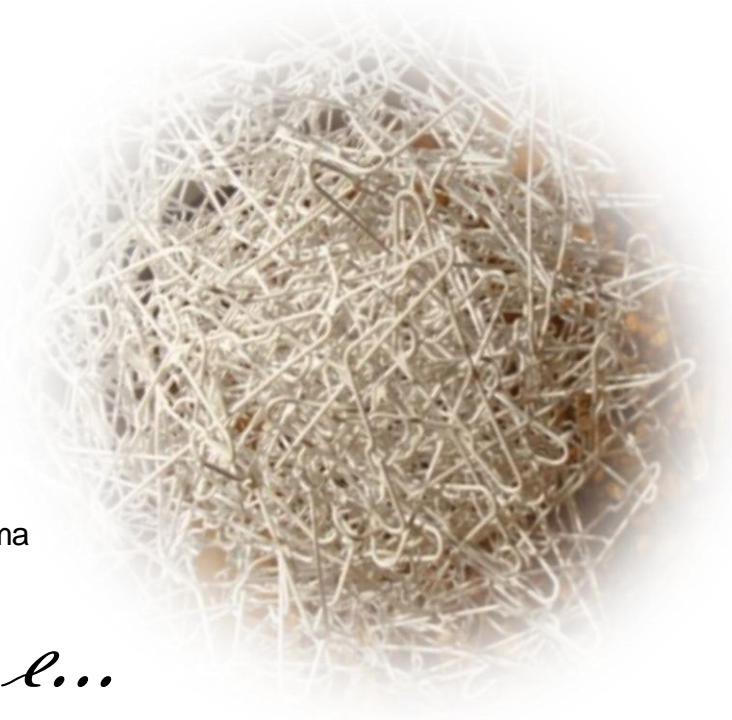
²³ O moderníssimo “ou” dicotomiza, mas tem a sua importância, nos faz pensar, mas, depois da tensão, congela. De modo geral, o discurso hegemônico da ciência moderna nos ensinou a pensar a complexidade do mundo a partir de dicotomias, polaridades, binarismos, produzindo um efeito de realidade no qual “ou isto ou aquilo” se constituiria em uma maneira habitual de se pensar. Já sem cor. Na educação, ou se aprova ou se reprova, ou é normal ou especial, ou é letivo ou facultativo, ou prescrito ou vivido, ou silêncio ou é bagunça, ou uniformizado ou está fora, ou estuda ou engana, ou tradicional ou progressista, ou Piaget ou Vygotsky, ou razão ou emoção, ou Hall ou Deleuze (ou sobrevivo ou não a isso).

Ou sujeito hifenado e... E
Ou, ainda, rizoma

...E *ℓ* é um looping de

sensações e idéias escrito pela
mão do menino, que como numa

montanha russa, - *ℓ... ℓ...*



ℓ ■ ■ ■ - nos vira de ponta cabeça e impulsiona e aumenta a velocidade do

movimento. É uma delícia desenhar um belo “*ℓ*” .

Movimente um lápis ou o dedo e mova uma linha em um espaço,
&“\tem um @í abaixo”/ & e sinta, mas daquele
jeitinho *montanharrússico*. Antes de tocar o lápis no papel, já desenhe no ar
uma descidinha curva, tocando suavemente a superfície da folha, então
mergulhe a ponta do lápis e sinta a textura do papel, vai entrando na

correnteza da linha que começa devagarzinh *@* ■ ■ ■ *ℓ*. Continue subindo,

da uma dobradinha no meio e desça, gozando a sua sensação, desça mais rápido e arraste a perninha um pouco mais e...

...E parece com essa a sensação que sinto. Saboreie esse toque vendo o som do desenhando, ouvindo o gosto do corpo que se expande e move.

Não continue a ler se não desenhar, senão, não adiantou nem adiantará nada continuar. Duro. Não é furo no muro.

...E faça um 'E' grandão, e pode fazer um sobre o outro, ao lado, dentro, acima, entrelaçar.

Se alguém já tiver feito um, melhor, faça outro... Mude a cor. Faça mais gordinho, mais altinho, pode ser aqui também, vai... => e ali

eeeeee →

← *eeeeee*

Hummm! Chatinh@, não fez e já está lendo aqui? Então volte e faça, vivencie o E com a leitura. Pode, é gostoso.

Já sei, já está tudo cheio, (*olha o sucesso...*), sem problema, faz do ladinho ali, se também não der, se o rizoma tiver tomado conta desse espaço, expanda-o para a outra folha, sem medo. Pode. ... E sinta o movimento de escrever a n-1, não seja nem uno (*menos ainda o Mille Fire 1.0, é péssimo!*) nem múltiplo, seja multiplicidade (com'o' o *professoraluno* com cheirinho de malbeck, que “Ezou” com um *meninoproblema* no (cor)redor – pag. 71).

Imagine um toboágua com um e-looping *montanharrússico*: você vem escorregando num fluxo (lembre da cena do seu desenho do e... ah, danadinho... se não lembra foi porque não experienciou, dá tempo ainda...), entra na subida, bem veloz, vai subindo para a dobra. Devagariza um pouco faz a dobrinha lá em cima e, numa dobrada rápida muda de direção, entra na fonte d'água lá embaixo. Bebe, nada, brinca, ri, acha outro escorregador e... Você vem escorregando num fluxo (lembre da cena do seu desenho do e...), entra na subida, bem veloz, vai subindo para a dobra – devagariza um pouco faz a dobrinha lá em cima e, numa dobrada rápida muda de direção, entra na

fonte d'água lá embaixo. Bebe, nada, brinca, ri, encontra Nilda, acha outro escorregador

nessa fonte, (ALVES, 2001) *eeeeee... beber, beber,*

beber...

Ser unidade múltipla sendo multiplicidades. Corpos de corpos. Corpos *professoralunotese, -professor-aluno-tese- e professor e aluno e tese. - + - = +*. Menos mais menos igual a mais. Múltiplos seres em um. Seres-1 / n-1 = E. Multiplicidades de seres menos o um, que não existe. Ser sendo um uns, sendo multiplicidade de seres sem um corpo, mas um corpo de multiplicidades.

Multiversos. Seres que não cabem em si. Ser e...

Ser escrita, ser desenho, ser ela em mim, ser livro, ser objeto, ser-ser, ser gosto, ser sendo, ser gozo.

http://uzinamarta.blogspot.com.br/2010_12_04_archive.html



“um rizoma não começa nem conclui ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-se, intermezzo. A árvore é filiação, mas rizoma é aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma impõe a conjunção “e... e... e...” Há nessa conjunção força suficiente para anular o verbo “ser”. Para onde você vai? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabua rasa, partir ou repartir o zero, buscar um começo, ou um fundamento. Implicam uma falsa viagem e do movimento.” (DELEUZE, 1997).

“Um novo que busca romper com a figura de um corpo orgânico que relata, testemunha e faz espalhar suas diferenças. Pensamento que contrai, distende, retrai e causa refração em diferenças, expressando-se pelo indiscernível e...E.

Sem liberação. Intensidade pura que força a vida em expressão violenta da a-significação estrutural. Ao aproximar-se dos conectores de pensamento que este texto indica, o currículo assume-se como linguagem em composição, também deambulando, imprecisamente, em movimentos (por vezes indiscerníveis) de interioridade e exterioridade, para os quais a propulsão diferença perfura-o repetidamente, com as mesmas e antigas palavras conhecidas, quase banalizadas pela experiência estável do recognoscível, da interpretação, e inventa na mesma língua, na mesma imagem, no mesmo objeto, escritas em multiplicidades.

Assim, o currículo acredita no mundo, e... E afeta-se. Para começar tudo de novo, e de novo, e novamente, no encontro de temporalidades que é a educação.

E repete-se em criança e escola
(AMORIM,
2010, v. 1, p.
114-131)

Ou isto ou aquilo
Cecília Meireles

Ou se tem chuva e não se tem
sol, ou se tem sol e não se tem
chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o
anel, ou se põe o anel e não se
calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no
chão, quem fica no chão não sobe
nos ares.

É uma grande pena que não se
possa estar ao mesmo tempo nos
dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não
compro o doce, ou compro o
doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou
aquilo... E vivo escolhendo o dia
inteiro!

Não sei se brinco, não sei se
estudo, se saio correndo ou fico
tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Enviado via iPhone

Início da mensagem encaminhada

De: JANETE MC <janetemc@terra.com.br>

Data: 29 de fevereiro de 2012 11:06:32 BRT

Para:

Assunto: Sobre a escolha da capa do nosso livro

Em 29/02/2012 11:06, escreveu:

Pessoal. Preciso escolher entre as opções de capa. Estou tendendo para a de n. 2, com as letras do título aumentadas. Gostaria da opinião de vcs, mas é urgente.

Bjos

Janete

To: janete_curriculos@yahoogrupos.com.br; dulcimarpereira@yahoo.com.br; sandra.kretli@hotmail.com; smmachado01@yahoo.com.br; holzpaula@hotmail.com; fariaanavix@gmail.com; taniadelboni@terra.com.br; "janetemc@terra.com.br"; ricardofigueiredo@ebrnet.com.br; ajpizetta@enff.org.br; rizianeprates1@gmail.com; larirodrigues22@hotmail.com; Giovana MESTRADO ;

From: paramarcoantonio@uol.com.br

Date: 29 Febr 2012 14:32:38

Subject: [janete_curriculos] Sobre a escolha da capa do nosso livro

Das cores primárias se consegue uma explosão de nuances de brilhos (de olhares) que expressam nossas tentativas de encantar os olhares delesnossos.

A cor, o colorido é feito de luz, a cor não existe realmente, nós é que a sentimos a partir da luz, sem quadrados, delimitações e nem organizações.

A opção de capa INFÂNCIA 2(cores +- organizadas, mas mais próximo de uma explosão), em meu sentir, abre mais caminhos { através da cor } para o olhar da gente caminhar.

Ainda... Colocaria as letras do título

maiores sim, e coloridas também [cores secundárias] Poderia ser dito também: Prefiro a opção 2.

Abraço

Marco Antonio

“_Mas professor, você não acha que daria mais crédito se citasse?” Diz uma professora.



Figura 24- “Composição de Olhares”

“O prazer da cor é de certo o prazer dos olhos; chega mesmo a sê-lo em seu mais alto grau... e exprime-se logo à primeira vista sob a forma e o desejo de ~~toque~~. Diante dos quadros de grandes coloristas, o expectador tem a impressão de que seus olhos são dedos...”
(J. Lichtenstein 1994)

É, pois, a cor, o colorido, que faz com que um pintor seja um pintor; é apenas a pintura que, graças à cor, torna os objetos como que dotados de alma e de vida.

Como comentar um autor sem fazer nem uma simples recitação nem dizer o que ele jamais havia dito?
(VEIGA- NETO 1995, pag15)

“Alguém quis ser cego para filosofar e não ver, a cada instante, objetos que o distraíssem daqueles, ocultos e raríssimos, que compunham as suas excelentes meditações. Eu não teria a audácia de condenar tão grande filósofo, mas também não saberia imitá-lo.”
Leon Battista Albeti

[...] Os artistas são como os filósofos, têm frequentemente uma saudadezinha frágil, mas não por causa de suas doenças nem de suas neuroses, é porque eles viram na vida algo de grande demais para qualquer um, de grande demais para eles, e que pôs neles a marca discreta da “morte”. Mas esse algo é também a fonte ou o fôlego que os fazem viver através das doenças do vivido (o que Nietzsche chama de saúde...) (DELEUZE, 1997, pg 224)

Ou Sobre agenciamentos.

Aqui tem.

Não conheço Nietzsche, mas se o conhecesse, não o conheceria.

Não **sabê-lo** me move em direção a ele, ele objeto, não sabor.

Quem conhece que o diga. E quem conhece, conhece quem se viu em um signo, em algo escrito dele.

*“_Hummm! Então se conheceu a si, não a ele que em signo não **É** mais ele, é quem **não** se conhecia e se encontrou no objeto. Ele que não se conhece, pois conheceu o desconhecido que era num signo que não é ele, não acontece, é **barulho** e só.”*

Signos deixados pelo corredor de vida que no **silêncio, me arte, me vida**, mas que em signo só sobrevive, não cala, só fala. Reconhece-se em espelhos que reconhecemos e acreditamos que são verdades ideais. **Não** me arte, só reflete. **Fala**, e alto. **FALA**, fala, fala, fala, fala, fala, fala...

Não devir.

Não **conheço** Deleuze, mas se conhecesse, não **O** conheceria.

Não sabê-lo me move em direção a *euele* imanente, **sabor (cor)**redor escola **que me arte**.

Reconheço Nietzsche, reconheço Deleuze. Não refletido, vivido,
acontecido. Silenciosamente **afeta**, pulsa e cala, cala,
cala, cala, cala, cala e cala.
Me arte, **me vive na**
COR que pinto e depois,
silêncio, **pois**
quem me
acha é ele em
alguém, que
se reconheceu, a mim, **nele.**



Devir.

A pele que me habita é mutante, colorida. Tatuagem que pulsa, vibra *morrevive* a cada instante. Refaz-se a cada silêncio vivido. Não reflete, refaz-se, se cria, recria, procria fecundada por uma palavra, um tropeço, um signo, um livro, um clique, um enter, um por acaso, uma navegação no rizoma de redes de textos, hipertextos. Fugaz, superficial, esquecível (*escapa se não pintá-lo, em cor, numa tela*).



Clik. Teck. Enter. Nunca mais se acha o endereço do site que o Hiran quer a referência. Mas está lá, em algum lugar, vivo. Virtual.

Google, Face, Youtube, arte virtual, imanência cibernética, que é viva, que pulsa e se recria a cada micro segundo.

Reconheço Nietzsche, reconheço Deleuze, reconheço

Google, reconheço Face book, the book is in the tablet,
reconheço Youtube, reconheço.com. E-mail's, MSN,
skape.com@sandrinha; Encontro.comjanete;
Conversa.com\meucarro;
C:\User\meustextos\Power\office\;
www.Ferroço.afecções, conceito@virtual.org.zzz,
http://rizoma.devir.com. Não refletido, vivido,
acontecido, inventado, blogado, controlizado,
assistido, visto, sentido, saboreado.

SILÊNCIOS. Reconheço e esqueço, mas, agora sou eu neles e eles em mim.

Encontros. Conversas. Perceptos. Afectos.

OU

BARULHOS. Conheço e sei agora ele sou eu e eu em mim.

Clik. Teck / enter... (pode no deletar também.)

"From: CAIO, ACHO QUE VOCÊ NÃO ENTENDEU

NIETZSCHE To: contato@caiofabio.com Sent: Thursday, October 27, 2005 10:54 PM Subject: Uma análise "Não creio em um deus que não saiba dançar..."

Caro Caio Fábio, [...]Chamo-me Wellington, sou seminarista católico. O ponto que eu aqui coloco é uma de suas reflexões na qual não concordei de maneira alguma que Nietzsche não tinha percebido o dançar de Deus em Cristo, Verbo humanado, por seu condicionamento. Nietzsche, filósofo que conhecia por demais a metafísica cristã ao falar isso em sua Obra Magna "Assim falou Zarathustra" quer criticar justamente uma metafísica que oprime o ser humano, que platoniza e encarcera a vida em esquemas teóricos que não valem a pena viver. Caio, quando Nietzsche diz isso, ele quer re-abrir uma possibilidade de ver o nosso Deus de um jeito diferente, ou melhor, resgatar a nobreza do bailado de Deus. Além disso, Nietzsche critica a imobilidade como sinônimo de perfeição como os tomistas queriam colocar. Nietzsche ao falar que cria em um Deus que soubesse dançar foi profeta, com tamanha profundidade, que as pessoas ainda não entenderam a densidade da sua proposta libertador a do próprio

sabê-lo não é barulho. No silêncio, me arte, me vida, não
fala, cala.
Conheço o sabor cor que me arte. Afeta e cala, me vive na cor, pois
quem me acha é alguém, nele.

homem, e assim de todos os nossos ídolos. Percebeu o óbvio ululante e o óbvio ululante é sempre o mais imperceptível. Um abraço-----

Querido amigo Wellington: Graça, Paz e Bailado no Amor do Pai! **Eu não conheço Nietzsche apenas de ouvir outros falarem dele, como acontece com a maioria**. Li e reli praticamente tudo o que há dele em inglês e português, e um sem número de textos acerca dele, muitos de natureza biográfica também. **Na minha maneira de ver**, Nietzsche serve para qualquer coisa, isso se se deseja vê-lo de um “dado” modo.[...] **Ou seja: Nietzsche é pura contradição, e nunca desejo** ser entendido como quem “entende” algo. **Se Nietzsche se visse como alguém a ser “compreendido”, ele mesmo viraria filósofo**, o que ele nunca quis. Além disso, **também creio** que a “igreja” demonizou tanto o cara, que, com o passar do tempo, e com o reconhecimento de sua “insana-lucidez-insana”, muitos, inclusive cristãos, infantilmente, **tentaram e tentam fazer Nietzsche dizer o que ele não disse;** [...]Nietzsche não se via como você tenta vê-lo. **Ele era apenas Nietzsche.** [...]Nietzsche era um gênio. [...]Todavia, no coração de Nietzsche, havia acima de tudo o derrame de seu pensar psicologicamente **desesperado, certo** de que o “Deus” estava morto pelo Homem, **e** que o **Super-Homem** — o homem livre de “Deus”, sendo ele próprio deus — haveria de abolir toda virtude “cristã”, obra da fraqueza, e alçar vãos para a suprema nobreza **de ser sujeito e diretor** de sua própria história. [...]Assim, sem psicologia não dá para ler Nietzsche. Pela filosofia e pela teologia Nietzsche não é nada além **de** um caleidoscópio de coisas lindas, e, outras loucas. Perfeita e linda insanidade! Portanto, nem Nietzsche está no inferno, **pois Deus compreendia Nietzsche e o amava** como ama a **todos os homens;** e, **nem tampouco, precisamos fazer Nietzsche dizer, crer, pensar e sentir, o que ele não disse, não creu, não sentiu, e nem desejou** que tentassem, em seu nome, **fazer ou pensar.** [...] para mim, Nietzsche foi um ser tão “psicológico”, que a tentativa de entendê-lo de modo “descolado” de sua história, é algo antinietzschiano. [...]Todavia, **eu sei que Nietzsche** não carregava uma proposta, e nem sequer qualquer esperança de que houvesse um Deus real com quem se poderia bailar. Mas é só até aí que vou. E, como **disse** não se precisa fazer esse hercúleo exercício para tornar Nietzsche um crente oculto. **Na realidade ele** até era. Apenas **não sabia** disto. [...] Pra **mim é melhor** Nietzsche ser apenas Nietzsche. Um grande abraço! [...]; pois, este meu filho, estava morto e reviveu; estava perdido e foi achado. E todos começaram a dançar.

Caio ----- Original Message ----- From: UM ELOGIO To: Sent: Saturday, October 29, 2005 4:01 AM Subject: Um elogio ...Usa dez vezes mais as tuas forças para re-tornar àquele que te ama..."

Olá Caio? Eu fiquei muito feliz com a sua resposta e até lisonjeado por colocar a minha carta lá no lugar de correspondências. Agradeço pela disponibilidade mesmo de escrever. Percebi de maneira tampada e estampada que você conhece com densidade a obra de Nietzsche. Discordo de ti em alguns aspectos:

A obra de Nietzsche não deva jamais ser percebida

a partir de um único prisma, [...] São multifocais as leituras sobre Nietzsche, sou da linha que propõe que ele foi o verdadeiro quebranto da metafísica tradicional.

[...] Caio. Um abraço! **Sempre** procurarei me corresponder contigo. Um abraço.
(Disponível em: < <http://www.caiofabio.net/conteudo.asp?codigo=01845> > . Acesso em: 15 abr. 2012)."

No texto acima, ha um outro texto subentendido formado por palavras escritas em tamanho maior. Volte e tente decifrá-lo pois ele produz outros sentidos.

O mesmo acontece em alguns outros platôs onde está escrito no seu início "**Aqui tem**"²⁴, faça o seguinte, se já não o fez:

Volte e agora leia somente as letras maiores, considerando cada contexto e seu locutor, depois continue daqui.

24

O mundo virtual do qual estamos falando é mutante, efêmero, público, exposto. Cria afectos e perceptos e conceptos, ou não. Está fora do aprisionamento do conhecimento que define verdades ideais. Não posso falar por ninguém, vou sempre falar de alguém por mim, a partir de mim. Tudo o que cala fala mais alto.

Não conheço Nietzsche, mas se o conhecesse, não o conheceria, não dá. Ele seria um novo a cada vivência, a cada conversa, a cada encontro. Conhecendo seu objeto com ideias congeladas, escritas e que são sempre as mesmas palavras, só

²⁴ Faço uso das palavras escritas maiores, dobrando o tamanho, também para dobrar a força e a ênfase que eu tento trazer na palavra escrita, por isso aviso você, leitor, quando existe outro texto emaranhado entre as letras e idéias, digo que "nesse tem", desde o começo da escrita.

mudam e têm sentido a partir de quem lê, quando lê e porque lê, ou seja, o objeto nunca será o mesmo também, mesmo congelado é mutante em nós.

Não saber nos move ao encontro do saber... *sabersabor*. Quem se conhece que o tente dizer. Não saber que sabe, mas se descobrir saber. E quem se reconhece, em algo escrito e se descobre, cala. Sorri.

" _ *Eita vida bonita!*"

Devir.

" _ *Hummm! Então me conheci, não a ele que é irreconhecível, porque é mutante, vivo, e vida é movimento. E eu não me conheço, pois conheço o desconhecido a cada momento. É silêncio e sons.*"

As certezas deixadas pelos corredores barulhentos de citações e falácias de verdades que se reproduzem a cada barulho e sobrevive, não cala, só fala. Não sentimos nossos cheiros, não nos ouvimos (calados), só nos vemos de dentro, nos outros e só ouvimos a nós mesmos falando, – não encontro, um nó cego e surdo – nos debatendo afogados em palavras morrendo sozinhos, nos debatendo e afogando com outro, que se debate, e puxa o outro para se segurar que por sua vez puxa o outro para se segurar. Debate de dois se afogando em palavras e citações e coisas e certezas e verdades e reconhecimento, se afogar em reconhe**(cimento)**. Só se reconhece em espelhos que reconhecemos num mar cimentado de verdades que *acr{e(ditamos)}* ideais. Não nos afeta, só reflete. **E Fala, fala, fala,**

fala, fala, fala, fala...

" _ *Prefiro o debate, só ouvir não me basta! (silêncio em mim não me basta)*".

Diz uma professora.

Não devir. Barulho.

Conversa é silêncio é ouvir, se ouvir ouvindo o outro. Debate é barulho, é falar, se falar falando do outro pelo outro.

Desencontro, afogamentos, desconversas.

“_Mas Marco, você não acha que a citação dará ao trabalho mais reconhecimento?”... Diz uma professora.

Numa entrevista a Claire Parnet em 1988, para o canal Arte da televisão francesa (Gilles Deleuze de A à Z), Deleuze dizia que não gostava dos intelectuais. Sobre a conversa e que a ideia de que o filósofo não discute e que sua atividade criadora só pode ser isolada:²⁵

Já é difícil compreender o que alguém diz. Discutir é um exercício narcísico, no qual cada um se exhibe, por sua vez: muito rapidamente, não se sabe mais sobre o que se fala.

O que é difícil é determinar o problema ao qual esta ou aquela proposição responde. Ora, se se compreende o que problema formulado por alguém, não se tem nenhuma vontade de discutir com ele: ou se formula o mesmo problema, ou então se formula um outro e se tem, antes, vontade de avançar nessa direção.

Como discutir se não se tem um fundo comum de problemas, e porque discutir quando se o tem?

Tem-se sempre as soluções que correspondem aos problemas que se formulam. As discussões representam muita perda de tempo para problemas indeterminados.

As conversações são outra coisa. É preciso, certamente, entrar em conversações. Mas a menor conversação é um exercício esquizofrênico que se passe entre indivíduos que têm um fundo em comum, e um grande gosto por elipses e atalhos. A conversação é feita de pausas, de longos silêncios; ela pode dar ideias.

Mas a discussão não faz, absolutamente, parte do trabalho filosófico. Terror da fórmula “vamos discutir um pouco.”

.....

O nome próprio: um embuste superior. O nome próprio: um ideal. O nome próprio: uma ficção reguladora criada pela poesia; uma ficção cuja regulação, estanque, esquecida de sua ficcionalidade, deixa de ser poetizada, deixa de ser uma

françois dosse

gillesdeleuzefélixguattari
BIOGRAPHIE CROISÉE



²⁵ Disponível em < <http://lutaaquariana.blogspot.com.br/2009/04/nos-inventamos-o-ritornelo-gilles.html> >. visto em 15 de abril de 2012.

metamorfose de verbos, de movimentos, de devires, de forças, transformando em maiúsculas o que é só apelido.[...]

Os apelidos são imagens de devires, metáforas solitárias a partir dos nervos dos devires, algumas de suas iluminações, ejaculações da alegria. Um apelido: um gozo, um regozijo, uma fruição. Os apelidos: criações de devires, fluxos que se iniciam. Os apelidos: quando, de alguma maneira, a solidão ainda consegue ser compartilhada, quando a solidão ainda consegue ganhar convivências. Apelidos, apelidos.

Quando se soletra um apelido, abre-se sempre em uma gargalhada, ou o apelido já deriva de uma risada ruidosa e prolongada. Um apelido – uma descompressão. Um apelido – um destensivo. Não, não conheço seu nome próprio, apenas seus apelidos. O nome próprio: poético: apelido: apelidos: apelidos de apelidos. Apelidos. Penso que ele não tenha nome próprio, mas que apelidos impróprios nos façam lembrar dele, nos façam acreditar que há um ele, apelidos que o indeterminam. Um de seus apelidos: tal e tal, eu sou tal e tal, ele falou, mais um de seus apelidos, traçado pela escrita dos vários apelidos. Apelidos dos quais ele precisa para se diferenciar, de todos e dele mesmo, apelidos que ele precisa para se diferenciar até mesmo de ninguém, logo ele, o indiferenciado, o qualquer, o ninguém. Nas capas dos livros, nos livros de outros escritores, seus apelidos: assinaturas das intensidades de vida, vidas que se querem fenômenos de vida: apelidos, apelidos, apelidos de vida. Um dos apelidos de vida: Nietzsche. E outros. Apelidos, apelidos, apelidos de vida. . (PUCHEU, 2005)²⁶

.....

Certamente não é a competição acadêmica para ver quem chega primeiro ao trono da verdade que hoje tem sua sede no palácio da mídia cultural; isto não tem nada a ver com pensar. O que nos força é o mal-estar que nos invade quando

²⁶ . (Disponível em:< www.confrariadovento.com/revista/numero2/ensaio02.htm> . Acesso em: 15 abr. 2012)

forças do ambiente em que vivemos e que são a própria consistência de nossa subjetividade, formam novas combinações, promovendo diferenças de estado sensível em relação aos estados que conhecíamos e nos quais nos situávamos. Deleuze dizia que não gostava dos intelectuais. Ele os definia como dispendo de uma reserva de saber de que se servem para falar de qualquer coisa, em qualquer lugar e a qualquer momento. Para ele, não se tratava de formar uma reserva deste tipo: ele lia os textos em função da elaboração de problemas específicos e depois os esquecia.

Tudo isto define uma posição, que mais do que metodológica ou epistemológica é ética, estética e política. Ética, porque o que a define não é um conjunto de regras tomadas como um valor em si para se chegar à verdade (um método), nem um sistema de verdades tomado com um valor universal: ambos são da alçada de uma posição de ordem moral. Estética, porque não se trata de dominar um campo de saber já dado, mas sim de criar um campo no pensamento que seja a encarnação das diferenças que nos inquietam, fazendo do pensamento uma obra de arte. Política, porque se trata de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir: forças reativas, forças reacionárias. Se o leitor for alguém que se utiliza do pensamento como uma arma defensiva contra a instabilidade e a finitude de toda e qualquer verdade, certamente se sentirá incomodado pelos textos de Deleuze. Os textos de Deleuze (como eram suas aulas) só fazem sentido se os tomamos como peça de um processo de elaboração de problemas que nos são próprios. Quando o leitor faz do pensamento este tipo de exercício, ele encontra nos textos de Deleuze um universo de uma extrema generosidade.

Talvez a força maior do pensamento de Deleuze esteja justamente em criar condições para convocar no leitor a potência do pensamento. Quando isto acontece, a produção do leitor será necessariamente singular e, portanto, jamais "deleuziana". Só é possível embarcar no universo deleuziano se for a partir de um exercício do pensamento a serviço de questões que pedem passagem na existência de cada um. Ora as questões são sempre singulares, assim como singular é o estilo através do qual elas são problematizadas. Ser

“deleuziano” é um contra-senso em relação ao que de melhor nos oferece Deleuze. Não sei o que me desagradava mais, se são as pessoas que resistem ao pensamento de Deleuze com o ressentimento de quem resiste ao erro ou aquelas que se entregam deslumbradas com a reverência de quem se entrega à verdade. Como já disse, o texto de Deleuze não poderia ter o poder de evitar estes e outros contra-sensos, mas seja como for, diante de qualquer uma destas atitudes o universo deleuziano torna-se estéril. A dimensão política da obra de Deleuze e Guattari também se presta a vários contra-sensos. O primeiro é o de entender “micro” no sentido das relações entre indivíduos, ou intra-grupos, contra-senso que se faz também em torno da “microfísica do poder” proposta por Foucault. Mas, o contra-senso mais grave, a meu ver, se faz em torno da noção de diferença em Deleuze. Entendendo a diferença no sentido identitário (representação das características particulares de cada indivíduo ou grupo), acusa-se Deleuze pelas atrocidades que se cometem em nome da defesa das diferenças (guerras étnicas, racismos, fundamentalismos, etc). Ora, o conceito de diferença em Deleuze é todo o contrário disso: diferença é justamente o que nos arranca de nós mesmos e nos faz devir outro. A obra de Deleuze e Guattari nada tem a ver com a defesa de particularidades, e mais do que isso ela nos ajuda a pensar porque esta defesa pode levar a atrocidades. Se é verdade que a reivindicação da diferença identitária é politicamente correta para a conquista de direitos civis, não é menos verdade que ela pode levar a uma guetificação dos indivíduos e dos grupos (minorias) e se tornar politicamente nefasta: é que defender características particulares passa por neutralizar os efeitos das diferenças, pois estes consistem exatamente no abalo das identidades vigentes e na exigência de se criar novas figuras. Só que aqui já não estamos mais falando de diferença no sentido identitário, mas sim no sentido de novas combinações de forças, sentido proposto por Deleuze. Quando a ameaça de abalo das identidades é vivida como um perigo intolerável, para neutralizar os efeitos disruptores das diferenças e garantir a permanência das identidades vigentes, se é capaz de tudo, inclusive matar. O que Deleuze e Guattari nos mostram é que a

diferença é necessariamente produção de um coletivo, já que ela é o fruto de composições das forças que constituem um determinado contexto sócio-cultural; eles nos mostram ainda que abrir-se para a diferença implica em se deixar afetar pelas forças de seu tempo. Uma política que não consiste simplesmente em reconhecer o outro, respeitá-lo, preocupar-se com as consequências que nossa conduta possa ter sobre ele; mais além, trata-se de assumir as consequências de sermos permanentemente atravessados pelo outro, uma política indissociável de uma ética de respeito pela vida. Deleuze e Guattari nos ajudam a substituir a luta em torno de ideais abstratos pelo enfrentamento dos problemas concretos. Não dá para adivinhar as diversas maneiras pelas quais os séculos vindouros se agenciarão com o nosso, e muito menos com Deleuze; não dá para antever as diferentes caras que este século terá depois; só dá para saber o quanto o pensamento de Deleuze nos oferece uma vigorosa cartografia para pensar e avançar neste difícil, mas não menos apaixonante final de século.

www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/ninguem.pdf

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>

Conhecimento, reconhe(cimento).

A pele que me habita é mutante, colorida. Tatuagem que pulsa, vibra refaz-se a cada silêncio vivido. Não reflete, refaz-se, se cria, recria, procria fecundada por uma palavra, um tropeço, um signo, um clique, um enter, um por acaso, uma navegação no rizoma da rede de texto, hipertexto. Fugaz, superficial, esquecível.

Clique. Enter. Nunca mais se acha o endereço que hospeda a imagem que o Hiran quer. Mas está lá, em algum lugar. E se retorna, retorna com alguma diferença, se conecta com outros tantos e perde-se de novo e através do clique.enter, Hiran, no emaranhado de diferentes, retorna-se novamente ao endereço que se tinha perdido. Clique.enter, _Chiiiiiii... Shhrrr?! Nuss!

Este que se perdeu, pois agora é outro, é diferente mesmo em sendo igual o caminho. Eu estou diferente, você está diferente.

“ _ E mesmo querendo, infelizmente, Hiran querido, os motivos seus são diferentes dos meus na busca.”

Ao percorrer as linhas e cliks ao entrar nesse ou naquele endereço pelo caminho que segui, e achei a página, percorri outros sentidos, me dando outros motivos, sabores e cores para o retorno ao início que já é o meio e o fim. Não voltaria ao mesmo ponto igual, mesmo que quisesse, não dá. Quem se dá aos encontros, muda, cala. Se arte, se vida. É assim mesmo, vida, bonita e gostosa, mutante.

“ _ Vamos de novo.

1 – do caos Google, buscamos o endereço, que é fugidio, mas com um ctrl+z ou alt + seta para recuperar o caminho, o ponto seguro /

2- Ctrl+c Ctrl+v armazena o endereço – um território fixado e dele, para que se possa navegar com segurança e não se perder entre os múltiplos caminhos /

3 - ctrl + clique esquerdo para se dar a navegar pelo emaranhado de territórios virtuais da web pelos intercaminhos de navegação.”

Experimentando forçar os limites e se jogar ao caos ou saborear com mais cautela, se vive, se arte

É uma experiência virtual imanente de vida. É arte no *espaçotempo*, num abstrato, num cubo! Sua materialidade pode durar o tempo que se levou para vê-lo. Pode-se apagar com um click ou duplicar com Ctrl+c / Ctrl+v, com Word, Movie Maker, PowerPoint, Excel, Media Player. Pode-se apagar com um clik.Del, mas continuará lá. Quem fez, sabe! Quem viu e se viu nele, sabe! Quem tentou apagar, sabe! É vivo no virtual, está no ar, perdido nas redes rizomáticas ou mesmo que só na memória de quem foi atravessado por ele. É isso que me encanta e legitima. Encanta a Janete, ao Hiran e ao Eduardo, a Regina, ao Toninho, ao Aldo porque é potente. Encanta a vida porque é gostoso.

Potência. Estética

Foucault nos estimula a pensar, encontrar um modo de o pensamento escapar de si mesmo e, com isso, considerar que as pessoas são muito mais livres do que imaginam. Assim, por exemplo, a sala de aula pode ser pensada

como um universo, com temas múltiplos sensoriais de múltiplas cores. Nessa viagem sensorial que pensamos, **a estética da arte como fonte potencializante na busca por “possíveis” com os cotidianos escolares.** Nessas linhas de fuga *traçadastecidas* junto com autores

que fazem uso da arte para a vida, vamos ao encontro de sensações múltiplas em múltiplos *espaçostempos*, sempre em fluxos constantes de cores múltiplas, em múltiplas formas, outros modos de existência que não os postos. Não por oposição aos contrários, mas como forças que fluem e confluem em potências

de vidas. **Devires.** Quando relacionamos a estética visual da arte com

a **estética da existência**, buscamos entender e, ao mesmo

tempo, estamos apostando na produção/invenção de outras relações que acontecem nos cotidianos escolares e nos usos que são feitos desses *espaçostempos*, pelos alunos que neles habitam. A ideia de discutir a arte como potência para uma estética da existência, nos permite percorrer territórios inspiradores nos cotidianos das escolas indo ao encontro dos sujeitos que os

praticam, buscando **com** eles formas de *serestar* no mundo.

Nessa busca por uma existência potente, a possibilidade de se desenvolver outras formas de nos relacionarmos com tudo o que está a nossa

volta, **criar vários modos de saborear o mundo sentindo cores que falam sabores de nuances ilimitadas que nos**

dão a possibilidade de vivenciar trocas de vidas

com os outros e com a gente mesmo, potencializa uma estética da existência que Foucault nos sugere como uma rachadura molecular numa parede branca ou cinza ou bege, sem vida, um vasto e colorido horizonte num muro vazio de vida.

Nessa escola, nesse muro, existe uma possibilidade de se potencializar redes de subjetividades mais prazerosas, um estilo de vida mais criativo e colorido e plural com espaços para as diferenças. Um exercício de liberdade e criatividade que ameaça a norma imposta pela forma de nossas escolas, com procedimentos disciplinares para ajustar a vida em carteiras



Figura 25 Corre-a-dor sem vida

enfileiradas, numa sala de aula quieta num corredor com paredes limpas de vida, um

parador para a dor da vida enjaulada em salas, sem em cantar

a vida, uma em frente à outra, uma ao lado da outra, sem vôo, incolores esperando ouvir a cor e correr *nodo parador* que, então, vibra em cores.



O medo do diferente nos imobiliza. Quando eu não conheço, eu não posso controlar. Se eu não controlo, eu não tenho poder sobre o outro. A busca por poder e controle faz negar tudo aquilo que ele não é, é uma força sim, mas negativa, despotencializadora, afirma o diferente e nega as possibilidades, reafirma a desqualificação desse diferente, do inusitado, do ousado do disforme, do híbrido. Ser aceito é ser normal.

A norma nos enquadra. Estar em um quadro, ter um nome, é estar de alguma maneira prisioneiro. Quem pinta um quadro e o emoldura, está cristalizando uma cena... A cena é minha e ninguém tasca! Meus alunos, minha sala de aula, minha escola. Meu muro limpinho, que lindo!

O uso de outros *espaçostempos*, linguagens e suportes que não os das salas de aulas, a escrita e os cadernos para potencializar a aprendizagem, é desafiador e diferente, mas potente, nos faz perder o controle, mas gratifica, vendo a vida pulsar sorridente e colorir a escola branca.



Figura 26 - aula de mistura de composição e formas - suporte parede do corredor(a.p.)

Não é que o branco, o cinza e o bege não eduquem, e menos ainda que se pense numa educação com todas as cores misturadas, dessa mistura, daria o preto. Falamos de uma escola com vidas azuis e brancas e vermelhas e cinzas e amarelas e beges e...

“As imagens poéticas dos seres em movimentos de vida e conhecimentos sentidos e escritos nas cenas cotidianas dos muros das escolas” nos convidam a esse exercício de nos dar a essa prática de produzir vida em cores e saberes e conhecimentos em outros espaços com outras

linguagens e em outros suportes. **Grafite!!!**

O grafite do qual estamos falando é mutante, efêmero, cria afectos e perceptos . Está fora do aprisionamento do conhecimento que define. É uma expressão imanente de vida.

Nessa tese **devir**, que se propõe **ser levada pelo pulsar da vida cotidiana**, eu *professorcarnavalesco* ao ensaiar um modo de ser, sendo *grafiteiroalunoprofessor*, me embrenho no vazio de um muro cheio, molecular, vibrando vida nas *vivências poéticas com as redes dos espaçostempos de um devir escola-escola e escola de samba e escola-cor e escola-vida*. Um possível que busco compartilhar nas cenas de educação escolar com minhas vivências de conhecimentos sentidos com samba e tinta e muro e cor. Com uma Diretora e muro e chão e horta e Janete



Figura 28 Parte de fora de minha sala de aulas de Arte(a.p.)
e Hiran e Eduardo e com um menino e com uma Maria e com um Deleuze e com uma pedadoga-baiana e com algum Foucault e com Certeau e com quem mais vibrar com a gente. Pensamentos sentidos e um estilo de vida-educação-potência que buscam escapar de moldes e receitas, que pensam em movimentos de vida colorida e conhecimentos sentidos e escritos nas cenas cotidianas das escolas como professor **artista** (DELEUZE, 1997) e não como um

possuidor da habilidade argumentativa com vistas à descoberta da verdade.
Faço porque é gostoso, é colorido, é vida.

Este é/foi/será um pensamento que se dá a partir de meu entendimento
nessa minha versão congelada, que se m

.odifica a cada leitura a cada troca de idéia, a cada observação, a cada
envolvimento, a cada convite a cada existência.

Um texto visual, onde a imagem se funde com o texto que se
funde com a imagem que passeia sob nossos olhos. **Um texto**



Figura 29 Composição
SER COM -

móvel *(nota numero 4, lembra? Pag. 51)*, que tem vida compartilhada com quem o experimenta hoje assim, agora assado, ontem daquele jeito, amanhã... Quem sabe? Ele está vivo, mutante. Tentativa de aproximação de uma escrita em movimento que começa como termina. Onde eu sentir começo, começo. Onde eu sentir fim, finalizo. São processos de troca de sensações que movem e fazem mover. Cada um tem seu entendimento, *sentevé* de um jeito ímpar. Saboreia as imagens. Vê os gostos. Ouve as letras, intimamente! Os questionamentos, contribuições vão se dando nesse processo de trocas, pois fui tocado pela potencia que pulsa nas falas e sensações e trocas que aconteceram e dispararam meus pensamentos. Nesse **território**

vida, ao qual sou convidado e conduzido e conduzo e convido, deixo-me levar envolto pelas/nas histórias, experienciando e me embrenhando em redes e rizomas Com fios em mim **criança, ser**

sendo **com** eles. Me *vendosentindo*, eu lá. Ser não sendo eu, sendo vida, sendo **nós**.

Águas de Março Tom Jobin

É o pau, é a pedra, é o fim do caminho É um resto de toco, é um pouco sozinho. É um caco de vidro, é a vida, é o sol. É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol.

É peroba do campo, é o nó da madeira. Caingá candeia, é o matinta-pereira. É madeira de vento, tombo da ribanceira. É o mistério profundo, é o queira ou não queira.

É o vento ventando, é o fim da ladeira. É a viga, é o vão, festa da cumeeira. É a chuva chovendo, é conversa ribeira. Das águas de março, é o fim da canseira.

É o pé, é o chão, é a marcha estradeira. Passarinho na mão, pedra de atiradeira.

É uma ave no céu, é uma ave no chão. É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão.

É o fundo do poço, é o fim do caminho. No rosto um desgosto, é um pouco sozinho.

É um estepe, é um prego, é uma conta, é um conto. É um pingo pingando, é um tremendo desconto.

É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando. É a luz da manhã, é o tijolo chegando.

É a lenha, é o dia, é o fim da picada. É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada. É o projeto da casa, é o corpo na cama. É o carro enguiçado, é a lama, é a lama.

É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã. É um resto de mato na luz da manhã.

São as águas de março fechando o verão. É a promessa de vida no teu coração

É uma cobra, é um pau, é João, é José. É um espinho na mão, é um corte no pé.

São as águas de março fechando o verão. É a promessa de vida no teu coração

É pau, é pedra, é o fim do caminho. É um resto de toco, é um pouco sozinho

É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã. É um belo horizonte, é uma febre terça. São as águas de março fechando o verão. É a promessa de vida no teu coração.

***POSSÍVEIS**

Ou Cartografias formigais.

Nós não sabemos, ou será que sabemos e não nos damos conta, que gostamos de flutuar por entre as pinturas e poemas e memórias e lembranças de escolas onde há muito tempo nos embrenhamos em seus desenhos e gravuras impressas no ar. Sentindo cada cruzamento, cada voltinha, cada traço labiríntico que as idas e vindas e voltas e idas e falas e escritos e cores e calores e frios e vindas e idas e encontros e chegadas e saídas e com uma atenção sigilosa. Com um interminável apalpar de antenas sentindo, vezes carregando pesos, vezes carregando doces, ora carregando ar, indo e vindo, virando, contornando as salas de aula e os corredores e o pátio e a reunião deles delas e dos outros.

Gráfia de Vida

Encontros.



Talvez seja o tempo de *olharsentir* as marcas traçadas por essas andanças formigais e explicar por que adiamos, durante tanto tempo, nossa fatalidade de nos embrenharmos no formigueiro faminto, nas intermináveis fileiras indo e vindo com pedacinhos de coisas, fragmentos\migalhas de vidas, encontrando e desencontrando, se refazendo em cada gota de chuva que cai e destrói um dos caminhos traçados no formigueiro que, logo em seguida, grafará um outro caminho e será um novo traçado que se cria para se chegar lá, no ponto de partida de um encontro que se chegou quando partiu vindo de lá, mas vai por aqui, contornado acolá,



encontrando com aquele, depois com outro... Insetos antenados vivos num emaranhado de caminhos e de funções num leva e trás, num para e vai e se bica e... Corredores vivos, pulsantes que há muito tempo habitamos e esperamos ansiosos que a sombra das certezas caia sobre esse pulsar que é ordenado, pensamos nós inocentemente.

Esse formigueiro cotidiano de ordem caótica escreve a vida em caminhos múltiplos, galerias de linhas, traçados, pontos. Construções, desconstruções, destruições vida *mortevidas* incessantes de pulsar e...



Festa na escola.

Uma pesquisa (esta que me faz) grafando vida, encontros, histórias que acontecem de repente, cotidianamente.

Cartografando nos/dos/com os cotidianos das escolas.

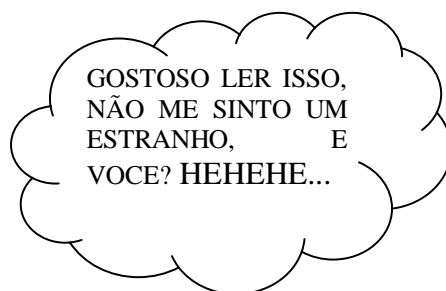


O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver nessa ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...]. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível [...]. Não tão invisível assim (CERTEAU, 1996, p. 31).

Ao falar sobre como Certeau desenvolvia suas pesquisas, Luce Giard (1996, p. 18-20) destaca a dificuldade que o autor tinha de lidar com a compartimentalização estabelecida pelas disciplinas do saber. Além disso, ao mesmo tempo em que ficava atento ao rigor de um método ou de um modelo

teórico, Certeau recusava-se a se deixar aprisionar na prática ou na superioridade de um único modelo, exercitando um gosto inveterado pela experimentação na ordem do pensável.

Certeau mantinha uma desconfiança em relação a dois comportamentos ditos acadêmicos. O primeiro seria aquele habituado a ver em ponto grande, emitindo, sobre a sociedade e as pessoas, um



discurso generalista e generalizante. o

segundo dizia respeito à erudição praticada como um fim em si, para se proteger das idéias e esquivar-se ao dever de escolher uma interpretação. Tudo o que se assemelhasse de perto ou de longe a uma pretensão enciclopédica levava Certeau a recuar.

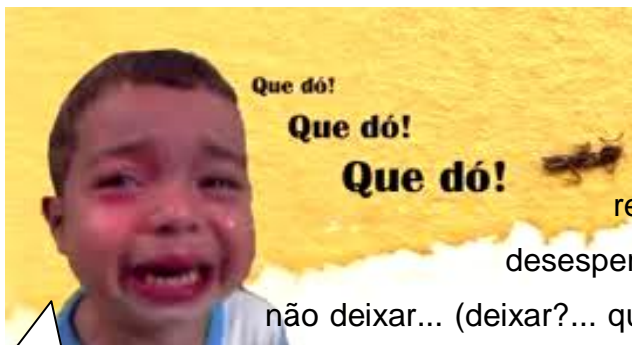
O pulsar de um formigueiro parece e é ordenado, uma rainha e outra vem, uma rainha, outra cuida, tem o ninho, têm as câmaras, o caminho tem que ser traçado, a colheita tem que ser feita a final, o "inverno sempre chega". Mas...

O pulsar do formigueiro parece e é caótico, todas vão e todas vem, se não há rainha, uma outra reina com outras tantas, todas cuidam, tem o ninho e as câmaras com múltiplos caminhos traçados cotidianamente, a colheita tem que ser feita, para começar, o assunto corrente é se o inverno está longe, onde tem folhas e coisas e doces, caminhos se fecham, outros abrem. Quem comanda? Esta manda com aquela, bate uma anteninha aqui, para um pouquinho para se antenar acolá, controí um caminhosinho aqui a chuva estragou o outro. E...

Nossa cartografias formigais de pesquisa foi ao encontro dessas preocupações de Certeau, ao nos perguntarmos: como potencializar o corpo vibrátil sensual, os *saberes-fazer*s das pessoas que vivem as escolas? Como andar ao contrário das análises que generalizam e despotencializam as pessoas? Como encontrar caminhos, atalhos, pistas que nos ajudem a entender o que se mostra como subterrâneo, efêmero, frágil, invisível, fugidio? Como *experimentar* (LARROSA, 2004) algumas das múltiplas práticas cotidianas e não apenas sonhá-las ou idealizá-las? Como fazer parte do formigueiro-cotidiano-escola, por vezes seguindo a trilha e, por vezes criando atalhos?



Ainda afetado pelas palavras de Luce Giard (1996) em relação à Certeau, continuamos a perguntar: como, ao tatear os cotidianos, esboçar uma teoria das práticas, como desejava Certeau, sem despotencializar a vida que pulsa nesses cotidianos grafando a vida que pulsa indefinidamente? Como capturar ao vivo e vivo e vendo e vivendo e ouvindo, vindo e indo e sendo a fragilidade da poesia gostosa da música cotidiana sem torná-la enfadonha aos nossos ouvidos e olhos e boca e dedos? É possível expressar nas linhas de um texto escrito um pouco que seja da potência das cores, dos sons, das texturas, dos cheiros, da vida das escolas?



GRAFIA DA VIDA.

Nossa proposta de pesquisa revelou-se como uma tentativa desesperada, mas esperada sempre, para não deixar... (deixar?... quem sou eu?) para não ver e ouvir e sentir... (melhor assim...) que a vida da escola possa escapar por completo na escrita do texto de uma tese, mesmo entendendo, como nos fala Certeau, que toda escrita é

Que dó, que dó que dó da formiguinha...'

Figura 30 Vídeo que mostra um garotinho chorando de dó de uma formiguinha morta pelo irmão gêmeo (campeão de acessos no mundo 2011) <http://www.youtube.com/watch?v=Nq0GP4yQup4>

estratégia, é lugar de controle, é afirmação de um próprio como exercício do poder, mas a vida é ainda mais. Tanto que dá dó tão pouco. Que dó, que dó...

Uma das alternativas que encontramos para minimizar o enfraquecimento da potência de vida da/nas escolas decorrente da escrita foi o uso da conversação como uma alternativa menos formal-estruturada de produzir nossos *feitoscompartilhados* (ou *dados... bahhhh!*), no movimento em que nos possibilitou viver *temposespaços* mais abertos, mais misturados, menos cronológicos, favorecendo uma aproximação mais intensa em relação às táticas produzidas pelas pessoas viventes nas (*sujeitos praticantes das... bahhhh!*) nas escolas envolvidos em nosso estudo.



Como fala Diana Vidal (2005), as estratégias têm a ver com a afirmação de um lugar de poder enquanto as táticas têm como aliado o tempo.

Como arte dos fortes, para Certeau, a estratégia implicava a existência de querer e poder, instalado em um lugar suscetível de ser concebido como próprio e, simultaneamente, a base de partida de ações visando uma exterioridade de alvos. Por próprio, elucidada, devia se entender a vitória do lugar sobre o tempo. Baseando-se no princípio panótico, usava a metáfora do lugar para indicar as propriedades das instâncias de poder. O lugar permitia não apenas o acúmulo das conquistas efetuadas mas também o domínio dos espaços pela visão. Oferecia ao sujeito a capacidade de prever e controlar (o presente, o passado e o futuro). Conferia-lhe, por fim, um tipo específico de saber, produzido pelo poder, simultaneamente responsável por sua sustentação. Os lugares de poder, portanto se desenhavam como lugares físicos e teóricos. [...].

A tática, por outro lado, configurava-se na arte dos fracos, circulando num espaço que lhe era sempre alheio. Por não possuir um lugar próprio, movia-se no interior do campo inimigo, tendo por aliado apenas o tempo, as possibilidades oferecidas pelo instante em que a vigilância do poder falhava. Era neste campo que ia caçar, apropriar-se e surpreender, enfim, inventar o cotidiano. Sem a visão globalizante ou panóptica das estratégias, aproveitava-se da ausência de poder para se efetivar. O tempo, sua principal característica, podia se apresentar tanto como tempo da expectativa, do caçador, contínuo e cheio de surpresas quanto tempo entrelaçado, da conversa: o tempo aberto no qual o acidente emerge; ou ainda, tempo sem traço, presente apenas na memória. (VIDAL, 2005, p. 277, grifos do autor).

Interessou-nos vivenciar em nossa pesquisa esse tempo mais aberto e fluido das conversas, dos encontros casuais, dos momentos de fruição que acontecem no dia-a-dia das escolas. Janete propõe essas vivências, sem muitas prescrições metodológicas. Interessou-nos mergulhar com todos os sentidos nesses cotidianos exercitando uma metodologia mais sensorial. (Carvalho, 2010).

Em nossa busca por uma metodologia sensorial, mergulhando com todos os sentidos nos formigueiros cotidianos, nos dedicamos a conversar/apalpar antenas com alunos e educadores buscando, sempre que possível, tecer outras redes formigais de idéias, experimentar sensações, potencializar e compartilhar perceptos e afectos, tendo o cuidado para não cairmos em uma abordagem personalista e/ou individualista, lembrando sempre que, a conversa não tem proprietário, mas é tecida entre as pessoas..



As retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras ‘de situações de palavra’, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras

instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as comunicações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares comuns’ e jogar o inevitável dos acontecimentos para torná-los habitáveis. (Certeau, 1994, p. 50)

Com isso, nossas conversas com os educadores e alunos potencializaram tentativas de aproximação e de mobilização das relações vividas por nós, sujeitos nas escolas, isto é, tentativas de pensar *com* eles e não de pensar *sobre* eles. Ao se referir ao uso que Certeau fazia da conversa em sua pesquisa



Giard (1996) destaca a preocupação

que ele tinha em, ao conversar com os praticantes do cotidiano, tentar estabelecer uma condição de empatia fora do comum, ao mesmo tempo em que não dedicava uma atenção diretiva. Sempre encorajando as pessoas a se colocarem, buscava escutá-las, atestando a riqueza das palavras ditas. Nesse sentido, Ferraço (2011, p.20), fala que:

Esta busca [de Certeau] por estabelecer uma proximidade com o outro na pesquisa não resulta em uma abordagem centrada no indivíduo, mas vai ao encontro do que se passa entre as pessoas, isto é, privilegia as relações que se estabelecem nos/com os encontros, dedica especial atenção ao que é tecido entre elas.

Assim, em nossas pesquisas com os cotidianos das escolas, nossa atenção está voltada para as práticas realizadas nas redes tecidas e compartilhadas pelos sujeitos, buscando, sempre que possível, superar uma abordagem centrada no indivíduo.

As considerações de Ferraço estão respaldadas nas idéias de Certeau quando defende que:

O exame dessas práticas não implica um regresso aos indivíduos. O atomismo social que, durante três séculos, serviu de postulado histórico para uma análise da sociedade supõe uma unidade elementar, o indivíduo, a partir do qual seriam compostos os grupos e à qual sempre seria possível reduzi-los [...]. De um lado, a análise mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais. De outro lado e, sobretudo, a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é seu autor ou seu veículo. (CERTEAU, 1994, p. 37).

Nosso mergulho com todos os sentidos nesse formigueiro cotidiano das escolas foi, então, em busca daquilo que se passava *entre* as pessoas, foi ao encontro do que era impossível de ser tomado como de autoria de alguém, foi ao encontro daquilo que se mostrava efêmero e que, certo modo, é negligenciado nas pesquisas, até porque nossos modelos ainda são, como fala Certeau (1994), muito insensíveis à riqueza da vida cotidiana. Conhecemos mal os tipos de operações em jogo nas práticas ordinárias, seus registros e suas combinações porque nossos instrumentos de análise [...] foram constituídos para outros objetos e com outros objetivos. O essencial do trabalho de análise que deveria ser feito deverá inscrever-se na análise combinatória sutil, de tipos de operações e de registros, que coloca em cena e em ação um fazer-com, aqui e agora, que é um ato singular ligado a uma situação, circunstâncias e atores particulares [...]. Nossas categorias de saber ainda são muito rústicas e nossos modelos de análise por demais elaborados para permitir-nos imaginar a incrível abundância inventiva das práticas cotidianas. (CERTEAU, 1996, p. 341-342).

Como alternativa de superação de nossas limitações na realização de uma pesquisa que possa experimentar essa riqueza, valemo-nos inclusive dos ensinamentos de Nilda Alves (2001) , quando propõe:

São quatro os aspectos que julgo necessário discutir para começar a compreender essa complexidade [...]. A trajetória de um trabalho no cotidiano precisa ir além do que foi aprendido com as virtualidades da modernidade [...] É preciso executar um mergulho com todos os sentidos no que desejo estudar [...] tenho chamado esse movimento de o sentimento do mundo [...]. Compreender que o conjunto de teorias [...] que herdamos [da] modernidade [...] não é só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas, também e cada vez mais, limite ao que precisa ser tecido. Para nomear esse processo estou usando a idéia de virar de ponta cabeça [...]. O terceiro deles, incorporando a noção de complexidade, vai exigir a ampliação do que é entendido como fonte e a discussão sobre os modos de lidar com a diversidade [...]. Creio poder chamar a esse movimento de beber em todas as fontes. Por fim, [...] assumir que para comunicar novas preocupações [...] é indispensável uma nova maneira de escrever [...]. A esse movimento talvez se pudesse chamar de narrar a vida e literaturizar à ciência. (ALVES, 2001, p.14-16).



Sempre com uma boa xícara de chá e/ou de café



*POSSÍVEIS II

Ou ²⁷Eu não sei.

Ou, Tem certas coisas que eu não sei dizer.

Ou ainda, Currículo.

As imagens que parecem derreter-se no ar da minha memória, estão relacionadas a outras que surgem ao mesmo tempo quando elas, ou tinham aparecido antes, ou despontam depois, todas se dissolvendo nas brisas da lembrança, sempre criando o esboço de um todo sugestivo onde percebo bastante bem o que diz: equilíbrio entre imagens sutilmente discrepantes, e sons e cheiros e sabores como numa instalação artística. Não obstante, guardar-lhes o entendimento.

Nos deslocamentos e pulsar de movimentos de produção de cartografias, nos envolvemos em conversas e acontecimentos dos cotidianos com os seres da pesquisa, nos tornando nós. O acompanhamento de um fechamento do ano com alunos e professores e pesquisa, em nossos objetivos e buscas e expectativas de potências desencadeadas nos processos de ser e estar na escola, reafirmou que as transformações acontecem quando as formas transcendem o posto, verdades e futuro bloqueiam o fluxo contínuo de vida. Nada é controlável, mesmo que o seja, o *professorautor* é *professor(trans){form[a]}do(r)* que se vale da tela. Tela que era campo que é vida e colore o que pintava, o que antes, colhia, com seres que são vivos, que eram objetos sujeitos ao uso (re)significado do virtual.

Imanência...

²⁷ Veloso, Caetano. Steve e Zé, coluna em A tribuna, 02 de outubro de 2011.

... E a expectativa do final do ano letivo faz os ânimos se abrandarem, pois, afinal, serão trinta dias para a renovação das energias e sonhos para o (re)começo de uma outra (nova) etapa... Transcendência. Mas antes... J.P.P... Imanência!

Com a doçura de sempre e a espera(nça) de tocar aos outros professores, afetando-os de alguma forma, aquele que seria um encontro de troca de ideias, de conversas sobre **“como’s” pulsantes**, a *alunapedagoga* arruma a sala de reunião como se fosse uma sala de aulas, com carteiras enfileiradas e o material sobre sua mesa de *professorapedagoga*.

“ _ Olhe professor, acha que eles serão mais complacentes a partir das discussões com esses textos e discussões que preparei para antes do conselho de classe? “

Perguntava-me a *alunaprofessorapedagoga*, com seu delicioso e acentuando sotaque baiano, sobre as reprovações por nota de alunos. Ela havia preparado alguns textos e alguns vídeos sobre “Novos Paradigmas da Educação” apresentados pelo filósofo Mario Sérgio Cortella (<http://www.youtube.com/watch?v=GQPXp7KOYAM>) sobre a dificuldade de mudar e sobre a emergência dessas mudanças na escola, de como precisamos sempre (re)ver nossas práticas, (re)avaliar nossas práticas, alterar também o modo como fazemos as coisas, como nós refletimos sobre nossas práticas dentro da educação, dentro da escola. Nós conversamos a respeito da citação que Cortella destaca “Avalia-se a inteligência de um indivíduo pelo número de incertezas que ele é capaz de suportar” de Kant, pois o pulsar da sala dos professores batia a partir das avaliações e reprovações de alunos indisciplinados, sem nota para “passar de ano”.

Foi montada, então, uma doce e desejante, uma verdadeira máquina de guerra contra a modernidade transcendente de enquadramentos monotonais de cinza ou bege de corredores presos em futuros certos e quantitativismos

qualificantes da vida que pulsa viva **pelo meio** dos corredores sem futuro temporal, pulsantes em devires que os julgados habitam. Realidade paralela do multiverso do corre(dor).

“ _ Eu tenho esperanças que essas falas nos apontem aberturas na dureza dessas professoras, não é professor? Aliás, está aqui o cronograma da semana de planejamento e os horários... Das 13h às 14h abertura...”

E por aí foi nossa conversa no (cor)redor antes de entrar na sala. O frescor da jovialidade da *pedagogaprofessoraaluna* buscando essas linhas de fuga, ora molar, em sua organização, ora molecular em suas aspirações sempre a colocava na espreita de devires coloridos numa tela de fundo cinza, mas já respingadas com cores fortes, ao longo de nossos encontros, durante o ano, em conversa saborosas, com cores de alunos vibrando energeticamente vivos em nossos cotidianos de (corre)dores imanescentes.

Antes disso, em meio às conversas sobre como seriam festas, férias e compras ideais, na sala dos professores, vez ou outra falava-se sobre o *meninoalunoproblema*:

“ _ Esse, hum, sei! Comigo não passa, nem empurrado. Só faz bagunça e mandou a professora tomar naquele lugar. Não faz nada e não aprende o conteúdo!”

O *problemamenino* de forma errada, que insiste em escapar vivo pelos (cor)redores, dos corre(dor)es disciplinares, já condenado pelo fragmento *professoraimovel* por ser vivo e plural e não se moldar ao fragmento, continuará refém pois não conseguiu provar, pela grade de sua cela... Ops... sala do corredor, a sua absolvição.

Não seria um problema do reformatório e sim do deformado, que pela grade do corredor, escapa.

Potência... Desejo...

Desejo de passividade reprodutório, como é possível formar um *alunofuncionário* num corredor fragmentado, dividido e organizado em belas classes separadinhas do mundo, em fileiras belíssimas entre paredes bege bebê, liiiiindas e limpinhas? Mas o diabo do menino não faz nada e não aprende o conteúdo divididiinho que dá gosto...

“ _ É burro mesmo, tem que ficar na quinta. E essa ai, que não está na sala de aula, vem com essa. Ele não sabe nada, nem entende o que a gente escreve no quadro.”

Vivo, o menino não acumula o conhecimento, que se abstrai em fragmentos, sem abstração, não há ensino/aprendizagem. Que vida, que nada, não é científico, quanto mais longe da cor, mais limpo.

“ _ E depois, como fará para arrumar emprego? Como vai passar no vestibular?” Se preocupa a *agenteprofessora*.

Potência... Barulho... (Des)esperança.

Cumplicidade e insegurança na troca de olhares, e a *meninapedagogaprofessora* me sente, respira fundo e abre a reunião com os informes e passa o fragmento de vídeo.

Pausa. Silêncio. Entreolhares agenciados.

Potência.

A apresentação correu entre telas de data-show absolutamente organizadas. Escapando às vezes. Entreolhares... A *professorapedagoga* apresenta seus gráficos, as ações sugeridas pela Secretaria. Fala com a propriedade dos que resistem às incertezas e avisa que passará mais um fragmento do vídeo antes da pausa para o lanche.

A cautela é o tema. Reflexiva ou imobilizadora, a cautela arrebatadora nos corre(dores) soa como um bloco de concreto, cinza, obviamente, em nossos ombros deles. Cortella continua sua fala sobre a cautela nos momentos graves, de acontecimentos, onde alguns preferem ficar parados, esperando a crise passar mas, na educação lidamos com processos, processos de vida, processos humanos, processos de conhecimentos.

Agenciamentos...

Processos estão sempre em movimento, sempre mudando, que é a natureza processual de qualquer coisa. Segue o vídeo com a citação de Fernando Pessoa “*Na véspera de não partir nunca, ao menos não há que se arrumar as malas*”, o que se “encaixou” com as falas que aconteceram logo antes na sala dos professores.

Silêncio. Entreolhares. Desejo.

E a *professoramenina* me olha satisfeita na saída para o intervalo...

“ _ ... Acertei... Afetou... (coloriu). Olhou ela.” Valsa

Valsa – (CASÉ, 2012)

Um corpo estelar corre
Ao encontro de outro corpo,
Cavando órbita n o espaço oco,

Esbarra em obstáculos líticos,
Pedaços de planetas estintos,
Passa poços de ar viciado

Espaços sem luz, sem vento
Meteoros parados no tempo,
Minúsculos farelos lunares,

Mas nada impede o avanço certo
Através de todo o universo,
Do átomo astral imantado de seu
parceiro

*Menina que sorri e vai. Brilha com a
potencia que vibra no corredor e ao redor
de dor e cor. Baiuninha arrebatada que vive
um deuir cor nas cenas pintadas na
catalana da escola. É baíllara!*

Em nossas conversas, encanta-me a maneira com que a *pedagogacompanheira* brilha ao ser deslocada, ao não falar, sentir as rachaduras nos muros do **(cor)redor**, vibra e busca energizar a **máquina sem bateria** que às vezes emperra e para nesse **corre(dor)** de multiverso diferente, imóvel com a imobilização cautelosa diante das novas telas e de cores possíveis a serem utilizadas nessa pintura. Currículo. Avaliação.

A tela (mono)tona(l) de organização pedagógica e clichês começa a se colorir com os brancos e pretos esperados, em tons de cinzas variados chegando aos beges, hoje, nude* (“_Olha, vou ser franco, essa história de cor ‘nude’ considero uma invenção afetada, uma tentativa de fazer a chatice do bege não ser tão chata. Assumo aqui, novamente, minha implicância com tons pastéis, principalmente com o famigerado... bege. Então, (re)nomeando uma coisa sem graça com uma escrita engraçada e sem explicação, se reinventa um sentido, um respiro no sufoco mono tônico dessa cor – ou poderia dizer texto monotonal. Cinza até aceito, mas bege... urgth!”).

“Nude é uma cor da moda, perturbadora. Bege é sem-graça. Nude é tom de pele branca viva e bem tratada, bege é um neutro sem senso de humor. Nude rejuvenesce, bege não tem idade. Nude tem relevos, bege é chapado. Nude é cheio de nuances cor-de-rosa, como uma cartela de blushes ou de batons; bege sempre puxa para o desmaiado ou o cinza. Um tem a missão de levantar; o outro, a de esconder. Segunda observação importante: como o nome já diz, nude é uma cor que veste... Despindo.”



“Em compensação, há um jeito fácil e menos perigoso de carregar um nude. Como? Nos acessórios e nas cores mais fortes como detalhes. Uma carteira, por exemplo, é uma ótima oportunidade de testar a cor sem grandes riscos, porque combina com qualquer roupa. Sandálias e sapatos dessa cor deixam a perna mais longa e também se dão bem com todas as roupas e cores fortes do verão (eu, particularmente, acho linda a mistura de nude com preto). Experimente sem medo; neste verão, nem toda nudez será castigada! Vale a pena conferir o que Glória (Kaliu) tem a dizer sobre essa cor que aos mais desavisados parece bege, mas que na realidade passa bem longe dessa cor. <http://zankyouterra.com.br/p/moda-tendencias-2010-nude-vestidos-noiva>

Cansada do preto, do cinzento e do branco como cores básicas do seu guarda-roupa? Não desespere, o nude, conhecido como “cor de pele”, é uma das cores da moda para o verão de 2010. Veja como esta tendência também está presente até nos vestidos de noiva de 2010.

Hoje bege, amanhã nude, telas cinzas, muros brancos, perspectivas pretas. Tudo muda, tudo se tranforma. Nada é fixo. O real é mutante.

Uma escrita bege se torna pele que habito tinge de cores, que antes não tinha, um sentido que era outro e agora é esse.

Gilles usa as palavras, as manipula dando o sentido que cabe naquela hora, esquecendo depois, pois o novo se torna outra coisa (DELEUZE, 1988) e assim, vamos inventando sentidos naquilo que nos afecta e vibra nossa criatividade. Lendo imagens, sentindo textos, relacionando sabores. Podemos



ser tomados por questões que nos intrigam a qualquer momento, tomando café pela manhã, olhando no espelho, lendo um jornal e, de repente, aquela questão a que estávamos a espreita se materializa em uma coisa que dá sentido a tudo, que liga tudo, que faz fazer sentido... Daí muda completamente seu caminho, torna verdadeiro o impensado, muda de cor (a cor é virtual, uma sensação), mesmo que por alguns segundos somente e então, pimba! POTÊNCIA... Silêncios. Luz. Encontro.

Seja num JPP (Jornada De Planejamento Pedagógico) de fim de ano, seja uma crônica de jornal, uma música, uma coisa, à espreita nos surpreende, acontece, e nós, vamos nos agenciando com essas gotas de cor que pingam em nossos olhos, fazendo relação com aquilo que nos habita, que se torna pele, mesmo que por um minuto, uma manhã, um dia, um parágrafo, uma tese. Mais ou menos assim:

TEM CERTAS COISAS QUE EU NÃO SEI DIZER, E DIGO.

Se começar a esboçar um trabalho artístico, executo uma seqüência de ações e pensamentos envoltos em cores e formas e linhas e pontos e cheiros, dominantes e subdominantes e tons relativos, claros e escuros e médios. Por mais que insira alterações como cores análogas, complementares, luz e sombra, profundidades e texturas na composição que representa tal seqüência, tenho consciência do que estou fazendo. Se vir algo que reconheço e as relações entre as cores e formas forem harmônicas, ao meu olhar, igualmente me encontro consciente do que se passa.

Mas isso é muito limitado. As formas e as cores me guiam. E mesmo que as alterações impliquem inversões, posso às vezes entender o desagrado ao olhar, ou a arrumação excessiva das linhas. Talvez o desequilíbrio ou o equilíbrio arrumadinho indique um caminho (no geral, o mais agradável ao olhar) que sei seguir, mesmo sem que me seja dada uma pista através da teoria/técnica fundamental de cada pintura/escultura/intervenção/filmagem.

A composição que a pintura/performance/filmagem/intervenção me mostra agora não me traz indicações que chegam perto desse grau de definição de corredor. O número de alterações, as escolhas de dissonâncias que se sucedem sem deixar pistas – apenas a certeza de que há harmonia e possivelmente alguma beleza – tudo isso passa pela minha percepção sem que eu possa reter o significado técnico de cada passo teórico.

Não nasci com essa inclinação irresistível para as relações teóricas – e não me adestrei para superar essa relativa indiferença. Só suponho que deveria, porque vivo disso.

A tela em processo expõe peças no data-show. Ela que é, de todas as pessoas na imanência dessa tela de pesquisa, a que melhor entende o que quero dizer quando digo algo, sabe teoria e parece supor que eu ouço as imagens com um juízo teórico autêntico. Como ela admira muitas composições irregulares que venho fazendo, acha que acredita que eu seja possuidor de algo diferenciado, uma arte teórica riquíssima, onde o acaso e a auto organização não existem sem alguma intenção pintada por mim... Total controle e domínio (apavorado com essas palavras...) através de referenciais inabaláveis, reconhecidos e sacramentados...

“_Acho que a citação dará ao trabalho um reconhecimento”... Diz a professora.

Referencial teórico, citação: essas palavras, essas tão festejadas palavras, que me libertam e oprimem que dá reconhecimento e qualifica. Como

cantava Clara *“Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela, será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela”*

(NUNES E BUARQUE DE HOLANDA, 1980) ou como **diria** Caetano

“Musicalidade: essa palavra, essa tão bonita palavra, que me maravilha e me oprime desde os 18 anos. Continua a fazê-lo, agora que estou mais velho”

(VELOSO, 2011) ou ainda, como **escreveu** Toninho *“Gira o bambolê a*

menina de trança ... gira, gira o bambolê.” (AMORIM, 2008). É Jéssica que gira o bambolê ou o bambolê que gira Jéssica? Bem, pra mim, a morena de Angola mexe o chocalho **e** o chocalho mexe **com** ela.

A professora é bem mais jovem do que eu, mas já bastante madura para ter a fala empoada e saber que sou um excluído de tal benção. As lâminas do data-show permitem que pintemos telas e rebusquemos mais o discurso do que podemos em uma conversa. Ela deixa seus autores deslizarem sobre as telas e me olha parecendo certa de que reproduzirei no olhar a satisfação no tom da voz ao citar, citar e citar trechos escritos e referenciados no papel que dorme em minhas mãos. Cifras e tessituras da música que imagina executar.

Eu sorrio amarelo porque sei que não teria tempo de memorizar uma nota sequer daquela enxurrada de notas e ares teóricos brilhantes e pintar em minha tela as monocromias teóricas dando-lhes sentido estrutural. Bem, uma ou outra citação dos acordes eu poderia repetir numa canção, mas sem fazê-la consistir em nenhuma lógica sonora, nada além do que uma criança pouco dotada faria.

Ali, naquela sala, excedia. Pegar uma só tonalidade daquela enxurrada de cores brilhantes e vivas e levar com meu pincel a esta tela, a fim de expô-la e congelá-la, dando-lhe sentido estrutural acadêmico soaria como uma canção cinza e sem gosto, quase nude, mas bege.

Essa minha considerável indisposição para a teoria aparece aqui nesta tela como um ruído incômodo. Meu sorriso é doce porque gosto muito da professora. Mas é amarelo, ou melhor, bege, porque estou dizendo a ela, sem saber como dizer, que não tenho o direito de viver da teoria. Mas, no entanto vivo. Aceito, para não ser demasiado teimoso, as alegrias que minha condição fundada em pretensões falsas me regala. Aceito também a vergonha, a insegurança, a angústia de abismos que essa falsidade acarreta.

Acredito que para fazer teoria, a pessoa tem que primeiro fazer algo bonito demais, vivo, mexer com o que a humanidade entende por acadêmico.

Sabendo disso, olho com desprezo tudo aquilo que produzo, invento, reinvento, transformo, me aproprio, (re)significo. Não vejo nada essencial, necessário. Tampouco vejo coisas sublimes ou arrebatadoras. Não para quem tem exigências estéticas, teóricas, acadêmicas consideravelmente altas.

Porque não me desespero? Porque o sorriso amarelo que ofereço a professora é, ainda assim, genuinamente doce? Acho que é porque eu gosto de vida e não poria demandas elevadas ou radicais acima desse gosto.

De que vale a vida se não respondemos ao escândalo que é existirmos com gestos extremos? Se for só para aumentar a altura da pilha inútil que se produz em arte e música e poesia e hábitos de vida e regras morais, melhor seria o suicídio dos que se sentem desgraçados, a loucura dos que abandonam as trocas com seus semelhantes. O niilismo da criação da verdade, de futuro, ideal. A negação de tudo que se transforma, das sensações, do agora, do conflito.

No entanto, uma vida vale sua evidência animal, super-homem animal. E eu não me sinto no direito de decidir se o que me parece mera contribuição do aumento da pilha de inutilidades de águas turvas não pode ser visto como um destino se desenhando seguindo volteios da dança do espírito num mar receptor de rios. E chorei lendo Caetano. E vendo Viviane (MOSÉ, 2009, 2012).

Onde se encontra vida, se encontra vontade de potência. E a *meninapedagoga* sorri feliz...

“ _ Osh, que eu achei que não fosse conseguir sensibilizar o pessoal e diminuir o número de repetência da quinta série. Viu que até a *professoraimovel* reagiu, e calou?”

Potência de vida... Encontro... Silêncios...

Não existiria sons, se não houvesse o silêncio. Não haveria luz se não fosse a escuridão, me calo com Lulu e Nelson. Silêncio como quem ouve uma sinfonia de silêncios e de luz. Nós somos medo e desejo, somos feitos de silêncio e sons. Tem certas coisas que eu não sei dizer e digo (SANTOS e MOTA, 1984).

Não existiria sons se não houvesse o silêncio
Não haveria luz se não fosse a escuridão
A vida é mesmo assim
Dia e noite, não e sim
Não existiria sons se não houvesse o silêncio
Não haveria luz se não fosse a escuridão
A vida é mesmo assim
Dia e noite, não e sim
Tudo que cala fala mais alto ao coração
Cada voz que canta o amor não diz tudo o que quer dizer
Silenciosamente
Eu te falo com paixão
Eu te amo calado
Eu te amo calado
Como quem ouve uma sinfonia
De silêncio e de luz
De silêncio e de luz
Nós somos medo e desejo
Somos feitos de silêncio e sons
Tem certas coisas que eu não sei dizer
A vida é mesmo assim
Dia e noite, não e sim
Eu te amo calado
Como quem ouve uma sinfonia
De silêncio e de luz
Nós somos medo e desejo
Somos feitos de silêncio e sons
Tem certas coisas que eu não sei dizer (E digo)

Por favor, não ouça a música, agora ela é outra coisa, não é música... É silêncio e luz.

Encontro.

Tem certas coisas que eu não sei dizer

*PRÓLOGOS

Ou (in)conclusão

Ou ainda: DEVIRES EM COR: movimentos de vida escritos nas cenas cotidianas das escolas.

Envivar a vida com cor, me arte. Me arter com cor na vida, me vida.

Lanço nas correntezas do *corredor* o convite de tornar verbo a arte e a vida. Tornar vida e arte um corredor tão vivo que me arte, tão arte que me vida, tornando esta estética de vida = arte, essa arte de viver a vida = vida de viver em arte, que pulsa indefinidamente.

Quer saber de uma coisa, esqueçam isso tudo. Estou indo para a escola, quando voltar reinvento outro eu. Scurrere... correr... curso... carro de corrida... (GOODSON, 1995).

Depois eu conto mais...

_ Ah! Já ia me esquecendo. Esqueci de dizer, corredor e currículo pra mim se embrenham nas mesmas tramas.

*SOBRE REPETIÇÃO?

Ou ainda, Sobre o virtual e um DEVIR PÓS

Só parece, mas não é...

... E então a tese me decidiu mudar de café para suco, afinal ninguém é de si... Doutorado, que bicho foi esse? Ai ai... sou eu sendo multiplicidades...

Multiplicidades com reticências e hífen e “e’s” e Deleuze e atravessamentos. Invasão pelos odores e sabores e sons e sendo obrigado a ouvir os sabores do corredor, vendo as sensações e saboreando as cores que a vida insiste em nos presentear, penso no MSN e no almoço e no “dever” e no horário de conhecer a escola que me fará hoje. A mesma sendo outra.



Escola.

Escola da briga de ontem, do filme de hoje, da *professora apoio* que se delicia com as brincadeiras e delírios de um *professoratorcarnavalescoautor* e bravo e amigo e indiferente à escola que pulsa junto, que briga no corredor das cadeiradas e afagos entre conversas acadêmicas sobre DOUTORADO (que bobagem...) sobre a gente que circula por ali, habita o lugar e este lugar aqui também. *Escoladoutoradodate* onde, nesse corredor que estou em mente, agora, e estava presente ontem e estarei já-já é a veia curricular por onde pulsa o *sanguevida* dessa *tesedoutoradoescola* que entra nas veias curriculares dos corredores passando/pulsando em brigas, conversas e afagos... Currículo + - = corredor = + - a um flash mob + - = pilha = + - um aparelho = a + - corpo = multiplicidades = rizoma = ? = devir. SURPRESAS DO COTIDIANO IMANENTE intensivamente virtual.

Devires improváveis que se desenham rizomáticos, múltiplos em singularidades imanentes nas relações que acon(tecem) nos corredores das escolas, e que aqui, freezer de idéias, se busca pintar, em cor, uma tela de

sentidos, desejos e virtualidades da imanência potente de vida cartografada em movimento e arte.

Como fazer isso? Como se fazer nisso? Como me fez isso? Como isso me fará? Vai saber.... Devir pós.

Saboreio, ouço os perfumes, vejo os sons, sinto as cores. Monto uma estrutura em ensaios, platôs deslizantes, *“múltiplo puro sem referência a qualquer um, da diferença pura, das intensidades” onde não se privilegia “mais ao espaço do que o tempo – espaçotempo -, ao mapa do que a árvore. Tudo é coexistensivo a tudo”* nesses corredores de imanência onde nos reinventamos cotidianamente. A {des}(re)organização dessa imanência toda cartografada em territórios reais e de intensas virtualidades, e misturam e se embrenham em linhas horizontais onde a pulsação de vidas em nuances de cores e beges e cinzas e formas vão e vêm, de um lado para outro, corre, escorrega, gruda, vive.

Platôs podem ser também conceitos e musicalidades e silêncio e texto e livro e bobagem e cor e potências e fragmentos virtuais vividos e por viver e realidades vivendo ...

Uma estrutura é a realidade do virtual?, o virtual está por vir, tal como se determina um esboço numa tela em branco, conectando todos

os elementos, que dela farão parte – a textura, a cor, formato, pincéis, linguagens, conhecimentos e vivências, tema, conectando suas relações e implicações em sua materialidade. Não dá para pintar sem pincel* (determinação virtual), nem pincelar sem tinta, que não funciona sem cor, que

“Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inteter-ser, intermezzo. Uma árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliça. Uma árvore impõe o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força um começo, um fim, um fundamento, quero me embrenhar pelo meio. O meio não é uma média... (DELEUZE e GATTARI, 1997, pag. 33).

não se fixa sem suporte, que não existe sem textura, que sem formato se perde no espaço, que sem tema não existe tela, não existe esboço. Esboço que faz parte de uma ideia que está por vir, tal como se determina um ensaio de um texto, conectando os elementos que dele farão parte, que fará parte de uma tese que é parte de uma pesquisa que é virtualmente uma tela a ser escrita completando a ideia de incompletude em movimento.

Um trabalho virtual, em suas realidades, impossível de ficar pronto, pois o “completo é apenas uma parte ideal da atitude de arte, aquela que na Idéia, [...] compõe com as outras partes da tela, junto com outras telas, mas “que nunca constitui uma integridade como tal” na medida em que a virtualidade é real no estado de vir a ser, nos esboços e traços cartografados com os acontecimentos. “O que falta na determinação completa é o conjunto das determinações da existência atual”. (DELEUZE, 2006, pag. 295).

????????????????????????????????

REPETIÇÃO????????????

O grafite do qual estamos falando é mutante, efêmero, cria afectos e perceptos e conceitos, Está fora do aprisionamento do conhecimento que se levou para fazê-lo

O corredor arte grafite estamos falando é efêmero, cria afectos e perceptos e conceitos

A arte das idéias da qual estamos falando é mutante, efêmero, cria

O grafite arte do corredor do qual estamos falando é mutante, efêmero, cria afectos e perceptos e conceitos. Está fora

O grafite arte do qual estamos falando é mutante, efêmero, cria afectos e perceptos e conceitos

O grafite corredor do qual estamos falando é uma tese mutante, efêmero, cria afectos e perceptos e conceitos. Está fora

O corredor grafite do qual estamos falando é mutante,

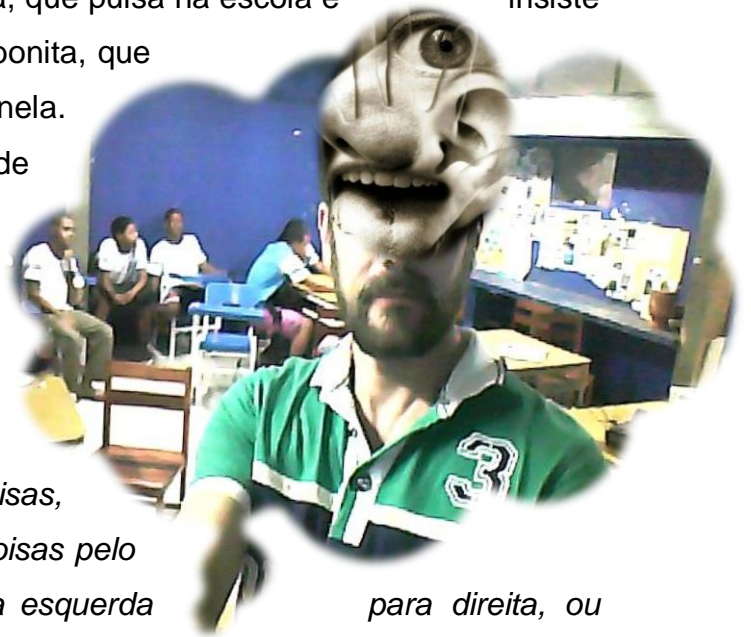
O grafite do qual estamos falando é mutante, tese efêmera, cria afectos e perceptos e conceitos, Está fora do aprisionamento do conhecimento que se levou para fazê-lo

A tese que estamos inventando e do grafite do qual estamos falando é mutante, efêmero, cria afectos e perceptos

Pode durar o tempo que se levou para fazê-lo OU UMA ETERNIDADE. Pode-se ESCREVER por cima depois, RETERRITORIALIZAR E DESTERRITORIALIZAR EM cinza ou bege, mas ele continuará lá, VIVIDO. É

vivo, mesmo que só na memória de quem foi atravessado por ele. É isso me QUE ME FEBRICITA. ME ATRAVESSA. ME EXPECTATIVA, ME ARTE. ME VIDA.

Roubar essa ideia e sua intenção de fazer divertir é a potência de um devir projeto, onde a aposta é na vida, que pulsa na escola e insiste em continuar sendo vida. Uma vida bonita, que habito e habita em mim que habito nela. Que se faz cor, cor(redor) imanente de fluxos de acontecimentos e aconte(cimentos) que nos movem a pensar escola a pensar menino, a pensar professor, a pensar doutor, assim, fazendo porque é gostoso.



“Ser atravessado por coisas, encontros. Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para direita, ou inversamente: tentem e verão que tudo muda”. Sobre o estranhamento, disse-me Aldo,... *“para mim, é uma riqueza especial [...]: ele me faz rever e enfrentar certas convicções [...] ‘aqui eu não faria assim...’ digo. Esses momentos de não adesão, são para mim, os de maior valor, pois neles eu entendia [...] a possibilidade para a co-criação do leitor friodor. Num encontro atravessado por perceptos e afectos”* onde fui, estimulado por ele, avançando nesses territórios.

“Seguiu uma hiperligação para um artigo que ainda não existe.”

REPETIÇÃO???????????

Escola.

Escola da briga de ontem, do filme de hoje, da baianinha apoio que se delicia com as brincadeiras e delírios de um atorautorprofessorcarnavalesco e bravo e amigo e indiferente à escola que pulsa junto, que briga no corredor das cadeiradas e afagos entre

conversas acadêmicas sobre DOUTORADO (que bobagem) sobre a gente que circula por ali, habita o lugar e este lugar aqui também. Escoladoutoradodate se onde, nesse corredor que estou em mente, agora, e estava presente ontem e estarei

sanguevida dessa tese douto

dos corredores passando/pulsa

= corredor = + - a um flash me

Escola do menino de ontem, da briga de hoje, da tese inventada com a *baianinha apoio* que se delicia com as brincadeiras e delírios de um

movimento e arte.

Ensaios para um devir pós.

Escola da briga de ontem, do filme de hoje, da *baianinha apoio* que se delicia com as brincadeiras e delírios de um

Escola da vida de ontem, do professor de hoje, da *baianinha apoio* que se delicia com as

Escola da da tese efêmera e da briga de ontem, do filme de hoje, da *baianinha mutante apoio* que se delicia

Escola da vida de ontem, do professor de hoje, da *baianinha apoio*



***A INVENÇÃO DE UM AUTOR ATOR.**

Ou delírios coletivos a vida num texto imagético.

Um inventa, outro descobre... Reinventa.

O outro autor se descobre na reinvenção do outro, a autoria se dilui e se confunde tal qual você, leitor... O que está inventando agora?

A invenção de um autor ator.

Delírios coletivos

A vida num texto imagético.

Um descobre e inventa, outro descobre... Reinventa. O outro autor se descobre na reinvenção de um outro que não inventou nada, contou. A autoria se mistura e se funde com, tal qual você, autor... Em que está inventando agora?

Verdades?

Na sua montagem a partir da minha, que usei a do outro, que usou a sua, está a (ver)dade, o movimento, a vida. Vida que te quero ter. Ver que te quero vida. Ver a vida que é minha mesmo vendo a dele que as vezes nem tem mais. Contando de mim a partir dele, que contou de você e você se vendo em nós, descobrindo que inventa e inventando que cria.

Minha cria. Cria de quem?

"*Da vida, uai!...*" Da vida que pulsa em mim, através de você agora, pois antes o eu era apenas um amontoado de letras, que se montaram a partir de outro amontoado de letras que eu montei para te mostrar aqui.

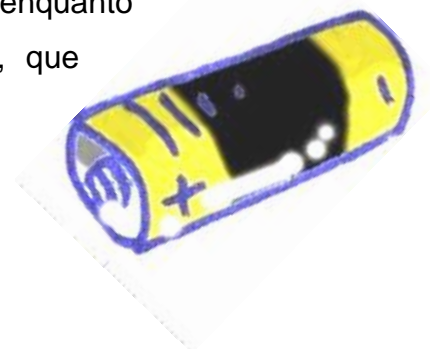
_Hummm... Somos a pilha do texto, o mais importante então, não é quem escreve, e sim quem lê.

_Bota "pilha" então professor!

Diz o menino enquanto traduz em imagem, textos de vida...

Pensemos, pois, em nossas propostas para ele enquanto pilha de um emaranhado de letras. Que sentido tem, que imagem aparece... De que marca é a pilha? Pilhado...

_ Professor, hoje estou pilhado!



Diz o menino que vibra e pulsa muitas vezes não dizendo, mas mostrando e fazendo. Pilha pulsa, extrapola. Se o aparelho for 110kw com “pilha 220kw”, o “aparelho” queima.

A propósito, como anda o aparelho em sua sala de aula? Se não funciona, pilha fraca. Se queima, é porque tem energia demais para o “aparelho”. O aparelho curricular que pode funcionar tem que estar em consonância com quem vai fazer uso dele, com quem vai inventá-lo a partir do emaranhado de letras que se apresenta, portanto, se assume a necessidade de adaptação do aparelho ao gerador de energia que vai fazê-lo funcionar.

A corredor é uma pilha para o aparelho menino, que é a escola, que é currículo, que é por sua vez a escola, que é o menino que é a pilha e a imagem. O currículo energizado pela imagem escrita. Grafias de vidas, grafias pilhadas.



A imagem não é um enfeite somente, o que poderia ser também, num aparelho quebrado. Mas inventa-se uma *obraaparelho* que tem força, que contagia o entorno por aquilo que está encarnado nela. O que abre a percepção da força poética.

A vitalidade da “obra” que se abre para o poder de interferência criativa na realidade não se dá através de explicações, mas pelas possibilidades que se fazem possíveis para quem tem a disposição de se aproximar da “obra”. A vibração de se embrenhar nessa tela vibrátil movida com pilha no *corredoraparelhoobra* e de se deleitar com o novo, não é autoral enquanto



escrita, se torna *autorafecto* em um bom encontro :-) = mudança ou num mau encontro = (que não mudar nada. Não são os prazeres reconhe(cidos)(veis) que te mantém estável e sim os desconfortos que te fazem vibrar.

Imagens, gostos, cheiros toques sensações enterrados em nós, sem pilha, ou sem energia poque seja tenha acabado ou nunca se tenha pilhado o aparelho imagem e... Se esse *aparelhocoisa* tiver um fio, ou uma entrada para um for conectado, ele

se liga com o presente (presente) pilhado **e com** as possibilidades de se ligar em energia vibrátil de vida que vibra vibrante na vibração pulsante que pulsa e bate e dança e pinta e colore e... no cor-redor. O que caracteriza essa sensação vibrante de pilhado, é que quando ela se dá, o que tínhamos como representação deixa de ter sentido, gerando uma crise, um curto circuito pois o que representava não serve mais (momento da criação). Se você não fugir do desconforto inicial de ter que inventar uma maneira de se adaptar ao novo, deixar o que se tem como representação de verdade, e então, se dar a sensação do novo e aprender uma outra e nova maneira de entender esse novo "a partir de" como ele está sendo *vividosenvido* naquele novo momento, as paredes duras se colorem e a sensação acontece pois o convite é sair da percepção da imagem conhecida e ir para a sensação, se deixando afetar.

Se constitui ai um campo de força onde estou imerso enquanto *autorator*, se constitui ai um campo de força onde estou imerso e a *imagemcorredorpilhatese* deixa de ser uma forma, uma representação, para se constituir em um campo de forças que produzem *sensaçãoescrises*... Criação.

Bem, hoje ao invés de chá, suco ou café, vou tomar jeito, pois Janete está tomando um chá-de-cadeira esperando essa *imagemtextoinvenção*.

Depois nós (em)(can)(com)taremos mais...



***COM**

Ou bibliografia

ALVES, Nilda. (Org.). *Criar currículo no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2004

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

AMORIM, A. C. R. . e ... E. In: Ângela Dalben; Júlio Diniz; Leiva Leal; Lucíola Santos. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1, p. 114-131.

CARVALHO, Janete Magalhães. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. – Petrópolis RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CASÉ, Wladimir, *Macromundo: Confreia do Vento*. 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996. _____. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORAZZA, Sandra. **O que Deleuze quer da educação?**. In *Revista Educação – Especial Deleuze pensa a educação Ano II*. São Paulo: Seguimento, 2009.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol 1; 2; 3; 4. Trad.Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997. _____. **O que é a Filosofia?**. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G.Deleuze. Editoração:Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: *Éditions Montparnasse*, 1997, VHS,459min.

DELEUZE, Guilles **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. Ed.2, 2006.



DELEUZE, Gilles **O que é a Filosofia?**. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. _____. (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.



FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículos em realização com os cotidianos escolares: fragmentos de *narrativasimagens* tecidas em redes pelos sujeitos praticantes. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. (Org.). **Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. Rio de Janeiro, Rovelte, 2011. (Pag. 17-50).

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GIARD, Luce. Momentos e lugares. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

<http://www.youtube.com/watch?v=kadap0broe0>

KOHAN, Walter O. O que pode um professo? In Revista Educação – Especial Deleuze pensa a educação Ano II. São Paulo: Seguimento, 2009.

LAROSSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: LARROSA, **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

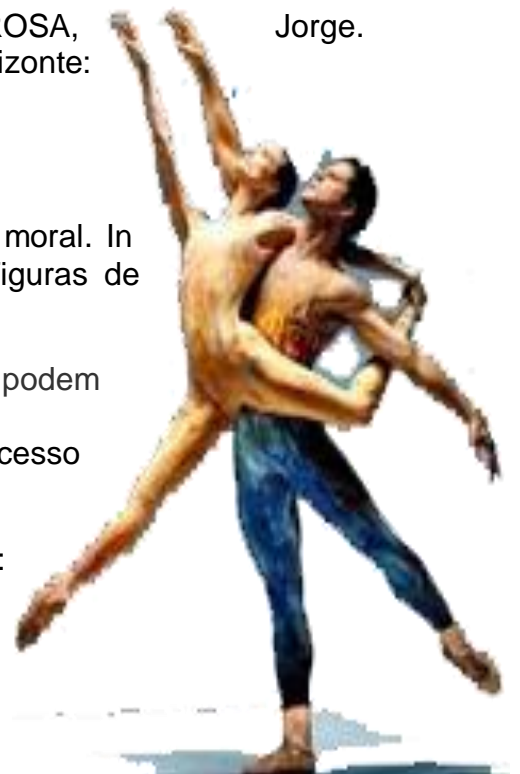
Jorge.

mai./jun. 2005.

MISKOLCI, Richard, Estética da existência e pânico moral. In RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (ORG). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MOSÉ, Vivine e Nelson Lutero “Café Filosófico o que podem os afetos?” 01/07º(Disponível em: <www.confrariadovento.com/revista/numero2/ensaio02.htm> . Acesso em: 15 abr. 2012)

MOSÉ, Viviane, **O homem que sabe**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2012.



MOSÉ, Vivine, Toda palavra. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PINEL, Hiran e COLODETE, Paulo Roque. Metodologia investigativa na área de saúde. Linhares: Colégio Cristo Rei, 2001

PUCHEU, Alberto. Nietzsche: este e outros apelidos. **Confraria do vento**. n.2,

SPINOZA, Baruch, Ética. Belo Horizonte: Autentica. 2007.\

TADEU, Tomaz. Tinha horror a tudo que apequenava. In Revista Educação – Especial Deleuze pensa a educação Ano II. São Paulo: Seguimento, 2009.

VICTORIO FILHO, Aldo. Alguns caminhos para um vida bonita. In GARCIA, Regina Leite (Org). Método: Pesquisa com o cotidiano. RJ: DPIA, 2003.

VIDAL, Diana. Michel de Certeau e a difícil arte de fazer história das práticas. In: FARIA FILHO, Luciano (Org.). **Pensadores sociais e história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES



CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO



TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MARCO ANTONIO OLIVA GOMES



DEVIRES EM COR

Movimentos de vida *vividossentidos* em cenas
cotidianas das escolas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MARCO ANTONIO OLIVA GOMES



**Movimentos de vida *vividossentidos* em cenas
cotidianas das escolas.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, na Linha de Pesquisa Currículo Cultura e Formação de Professores.

Orientação: Prof^a Dr^a Janete Magalhães
Carvalho

Sumário

4 - *TEZ. Ou, Sobre produtos e resultados, aff / Sobre a pele das coisas.
Ou sobre corredor de *narrativasimagens*.

Virando de ponta cabeça o *currículotese* que dança e move, se move, se enrola e rola, vira e se vira. Vire-se! A **HISTÓRIAIMAGEMPOESIA** de uma **VIDABONITA** em **SERSENDOVIDA**, **RODAOBANBOLÊ** corredor nos sentidos do cor-redor, potencializando os **AFFECTOSPERCEPTOS** e *conceptos*, sendo **EUCAÇADORDEMIM** no **corredorcurrículo em cor e devires**.

9 - Corredor da exposição de uma escola.

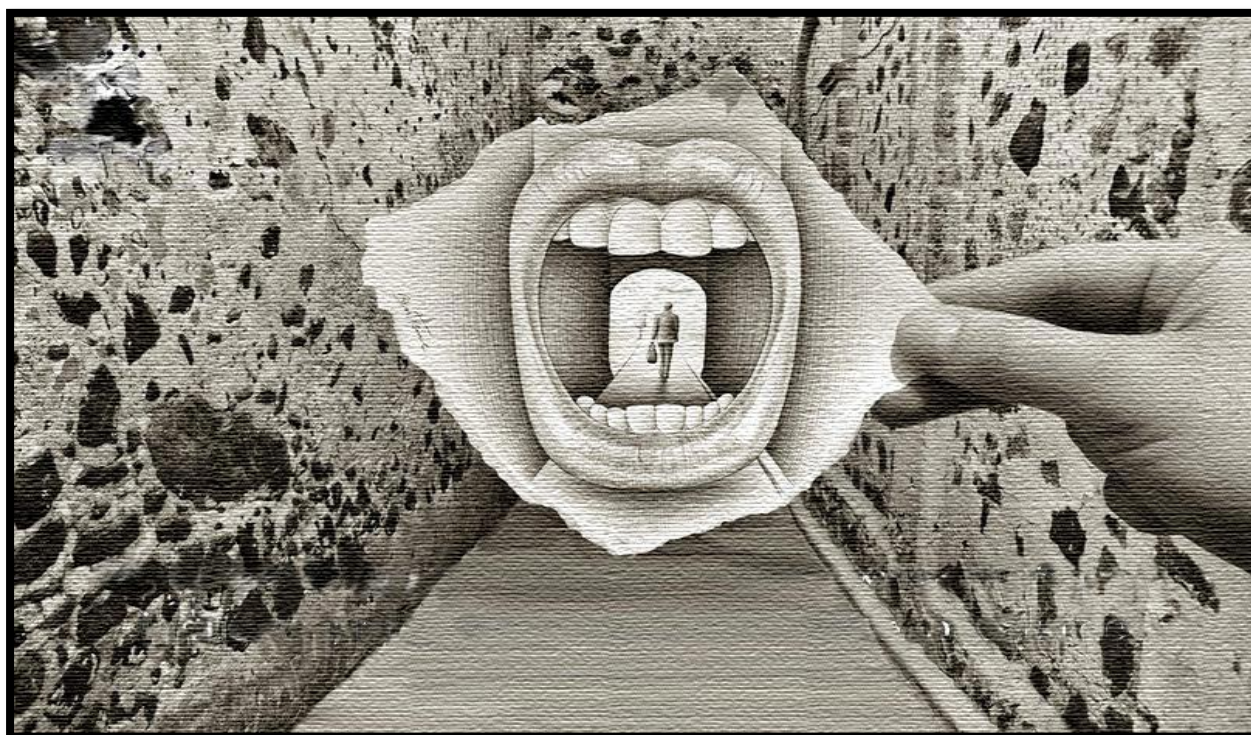
14 - Assistindo a si mesmo em cor ao redor da escola.

25 - Enquanto isso, em outro corredor...

28 - Enquanto isso em outro cor-redor...

33- No corredor dos que acham que não podem, uma explosão de COR.

39 - Um personagem que constitua o currículo... Ou corredor DOS ESPAÇOS DE AULA



*TEZ

Ou, Sobre produtos e resultados, aff / Sobre a pele das coisas.

Ou sobre corredor de *narrativasimagens*

Ou ainda, O que faz um currículo se sentir colorir e vibrar?



Figura 31 - Virando de ponta cabeça, de pernas para o ar, dançando hip-hop no corredor da exposição.

Em nossas vivências nos cotidianos de vida por onde vamos colorindo nosso mapa de acontecimentos, o processo é o que nos move e o que nos encanta. Quando se busca potências e meios e não só fins, uma exposição desses possíveis só acontece para que outras potências e outras vivências e

outros coloridos e outras estéticas se componham e explodam em cores e afectos saboreados pelas personagens, que em outros papéis, vibrem em tons

diferentes, se vendo a **si lá** do **re**(sultado) **mi**(sturando) **fa**(zendo)

sol(lidariedades) e ... vida. Bailar a vida em cor, exposta... A pele exposta

que guarda dentro dela o turbilhão de movimentos que não são mostrados e

sim sentidos.



Figura 32 - Preferimos dançar a ter que carregar o peso de uma amostra de trabalhos e ter que empurrar o corredor

Convido, pois, mostrando as tatuagens grafitadas em fotos nesse muro branco, folhas de papel, a sentir o sabor de sua vibração acariciando essa película que jamais expressará o *sentidovivido* por nós, mas, sim com-vida-rá você, olhador, a se

permitir vibrar de ponta-cabeça e seguir na contamação do fluxo-tese-escrita.

Vibrar por dentro e, quem sabe, essa fração de **viração** que exponho aqui possa vazar pelos seus poros colorindo sua pele em tons de sabores de musica macia, ou áspera, ou e...

Um rosto que se pinta, um **se** enxergar colorido nas paredes do corredor vibrante é o sentido de afecção de um cor-redor que dança e pinta e escreve e vida e **pelificar** as paredes do corre-dor com cor de cor, pois se sabe de cor quando **se pelifica** o saber estar em afecção.



Senhoras, senhores, vocês, coisas e coisas... apresento-lhes...

AS COISAS...



Departamento de Imprensa Oficial
Estado do Espírito Santo



Governo do Estado
do Espírito Santo



www.dio.es.gov.br

Extraído de: Governo do Estado do Espírito Santo - 28 de Outubro de 2011



Alunos modificam ambiente escolar com obras de arte

Postado Caique Silvapara outubro 27, 2011 em [Todas](#) | [Be the First to Comment](#)

Até mesas e cadeiras ganham um novo visual graças a criatividade dos estudantes

Vitória – São nas pedras e árvores que compõem o pátio ou nos muros do colégio, ao ar livre ou dentro das salas de aula que os alunos da Escola Estadual Aflordízio Carvalho da Silva, localizada em Vitória, aprendem os conceitos da Arte e, em seguida, colocam em prática por meio de desenhos e esculturas. A ação “Por uma Escola Bonita” visa à prática de exercícios de expressão artística, além de aumentar a autoestima dos alunos e preservar o espaço escolar.



Assim que o portão da escola é aberto, um banner de boas-vindas com o nome do projeto recebe aqueles vão à unidade prestigiar os trabalhos. Nos corredores, marcas artísticas ilustram um cenário que, aos poucos, ganha uma identidade própria, produzidos pelos jovens. Cores vibrantes, tonalidades variadas e sombreamentos fortes enaltecem o caráter educativo do ambiente, que, por sua vez, vem se transformando devido à reconstrução e ampliação do espaço físico da instituição de ensino.

_ Os trabalhos dos aluno é para serem prestigiados.

Localizada no final dos corredores, a sala do professor de Artes Marco Antônio Oliva Gomes, que prefere chamá-la de ateliê, é um local para o refúgio dos materiais perdidos na reforma da escola.

Armários, telhas, cartolinas, casca de árvores e, até mesmo, as próprias mesas ganham um novo visual, graças à criatividade dos estudantes. “Antes de chegar ao formato atual, o ateliê teve que passar por vários recintos até conseguir se estabelecer no que é hoje”, explica o professor.



Ele, que sempre teve o apoio da diretora, conta que o espaço estava em desuso e não atendia a suas expectativas. Entretanto, uma iniciativa de quebrar parte das paredes, que permitiu a circulação do ar, e um toque de tinta azul deram ao espaço uma nova cara. A sala, hoje, oferece uma estrutura repleta de quadros e atividades que demonstram o empenho e despertam a imaginação dos alunos.

Basta um rápido passeio pela exposição, montada pelos alunos juntamente com o professor, que é possível identificar exemplos da arte em suas diversas facetas e temporalidades: grafite rupestre e urbano, expressionismo, cubismo, surrealismo, arte egípcia, arte primitiva e rupestre. “Eles pesquisam, alunos apreciam as esculturas e os desenhos em espaço escolar aprofundam, debatem, planejam e pintam e, conseqüentemente, enriquecem de informações relevantes”, frisa Marco Antônio.

“Nosso maior objetivo é abrir os olhos dos nossos alunos para o mundo da arte e, também, mostrar que, mesmo que pareçam inutilizados, objetos velhos são uma ótima opção para quem deseja ressignificar o espaço que permeia”, ressalta. “Ao invés de visualizarmos o lado negativo das coisas, vamos focar em partes bonitas do nosso dia a dia, o que faz jus ao nome do projeto”.



Empolgada com sua pintura, a estudante Bruna Machado do 1º ano, revela que, inicialmente, ficou envergonha com a exposição do seu trabalho. Entretanto, após perceber que a disciplina é uma chave para sua formação, começou a ver a obra de outra forma. “Eu tinha um olhar banal perante as manifestações artísticas, mas após uma pesquisa sobre o tema, pude entender o contexto histórico e suas influências sobre a vida das pessoas”, frisa.

Carismático, Caio Gabriel da 6ª série, é um bom exemplo de envolvimento e interação com o trabalho. “Após ter visto o resultado, pude perceber o quão importante a arte é na

vida gente. Ela nos ajuda nas tarefas de casa e contribui para o meu desenvolvimento escolar”, acrescentou.

Fonte: ASCOM/Sedu

<http://jornalocapixaba.com.br/colunas/?tag=alunos-modificam-ambiente-escolar-com-obras-de-arte>

=====



Departamento de Imprensa Oficial
Estado do Espírito Santo



Governo do Estado
do Espírito Santo



www.dio.es.gov.br

Extraído de: Governo do Estado do Espírito Santo - 28 de Outubro de 2011

Alunos modificam ambiente escolar com obras de arte

São nas pedras e árvores que compõem o pátio ou nos muros do colégio, ao ar livre ou dentro das salas de aula que os alunos da Escola Estadual Aflordizio Carvalho da Silva, localizada em Vitória, aprendem os conceitos da Arte e, em seguida, colocam em prática por meio de desenhos e esculturas. A ação Por uma Escola Bonita visa à prática de exercícios de expressão artística, além de aumentar a autoestima dos alunos e preservar o espaço escolar.

Assim que o portão da escola é aberto, um banner de boas-vindas com o nome do projeto recepciona aqueles vão à unidade prestigiar os trabalhos. Nos corredores, marcas artísticas ilustram um cenário que, aos poucos, ganha uma identidade própria, produzidos pelos jovens. Cores vibrantes, tonalidades variadas e sombreamentos fortes enaltecem o caráter educativo do ambiente, que, por sua vez, vem se transformando devido à reconstrução e ampliação do espaço físico da instituição de ensino.

Localizada no final dos corredores, a sala do professor de Artes Marco Antônio Oliva Gomes, que prefere chamá-la de ateliê, é um local para o refúgio dos materiais perdidos na reforma da escola. Armários, telhas, cartolinas, casca de árvores e, até mesmo, as próprias mesas ganham um novo visual, graças à criatividade dos estudantes. Antes de chegar ao formato atual, o ateliê teve que passar por vários recintos até conseguir se estabelecer no que é hoje, explica o professor.

Ele, que sempre teve o apoio da diretora, conta que o espaço estava em desuso e não atendia a suas expectativas. Entretanto, uma iniciativa de quebrar parte das paredes, que permitiu a circulação do ar, e um toque de tinta azul deram ao espaço uma nova cara. A sala, hoje, oferece uma estrutura repleta de quadros e atividades que demonstram o empenho e despertam a imaginação dos alunos.

Basta um rápido passeio pela exposição, montada pelos alunos juntamente com o professor, que é possível identificar exemplos da arte em suas diversas facetas e

temporalidades: grafite rupestre e urbano, expressionismo, cubismo, surrealismo, arte egípcia, arte primitiva e rupestre. Eles pesquisam, aprofundam, debatem, planejam e pintam e, conseqüentemente, enriquecem de informações relevantes, frisa Marco Antônio.

Nosso maior objetivo é abrir os olhos dos nossos alunos para o mundo da arte e, também, mostrar que, mesmo que pareçam inutilizados, objetos velhos são uma ótima opção para quem deseja ressignificar o espaço que permeia, ressalta. Ao invés de visualizarmos o lado negativo das coisas, vamos focar em partes bonitas do nosso dia a dia, o que faz jus ao nome do projeto.

Empolgada com sua pintura, a estudante Bruna Machado do 1º ano, revela que, inicialmente, ficou envergonha com a exposição do seu trabalho. Entretanto, após perceber que a disciplina é uma chave para sua formação, começou a ver a obra de outra forma. Eu tinha um olhar banal perante as manifestações artísticas, mas após uma pesquisa sobre o tema, pude entender o contexto histórico e suas influências sobre a vida das pessoas, frisa.

Bruna Machado Caio Gabriel

Carismático, Caio Gabriel da 6ª série, é um bom exemplo de envolvimento e interação com o trabalho. Após ter visto o resultado, pude perceber o quão importante a arte é na vida gente. Ela nos ajuda nas tarefas de casa e contribui para o meu desenvolvimento escolar, acrescentou.

Informações à Imprensa:

Assessoria de Comunicação/Sedu

Rovena Storch/ Aline Nunes/ Karolina Gazoni

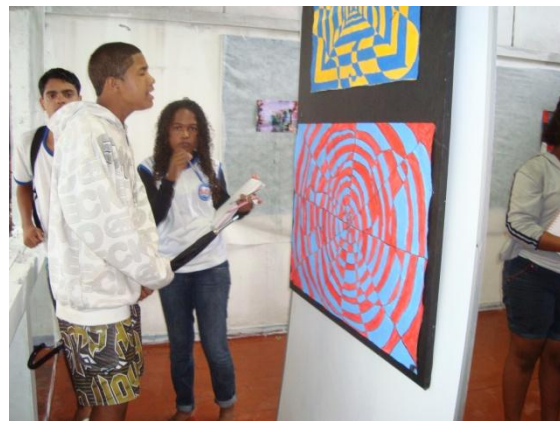
Tels.: 27 3636-7705 / 3636-7706

E-mail: rsdamasceno@sedu.es.gov.br/
aanunes@sedu.es.gov.br/
kpgbissoli@sedu.es.gov.br

Twitter: @sedu_es

Texto: Rafael Venuto

Corredor da exposição de uma escola...



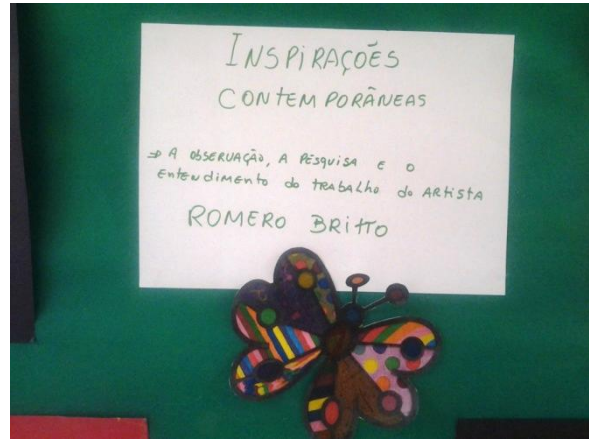




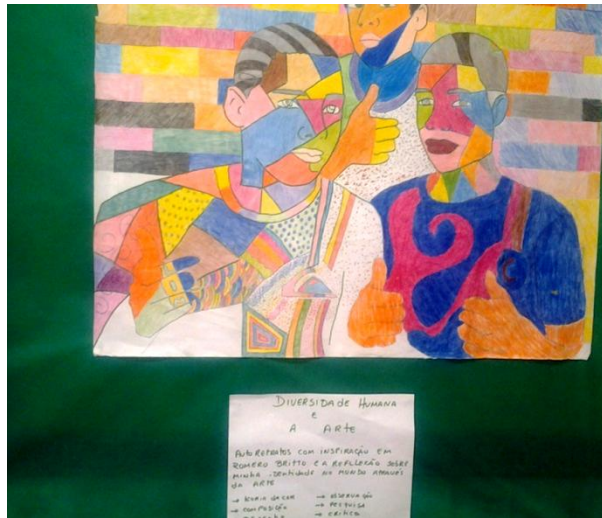




Assistindo a si em cor ao redor da escola.





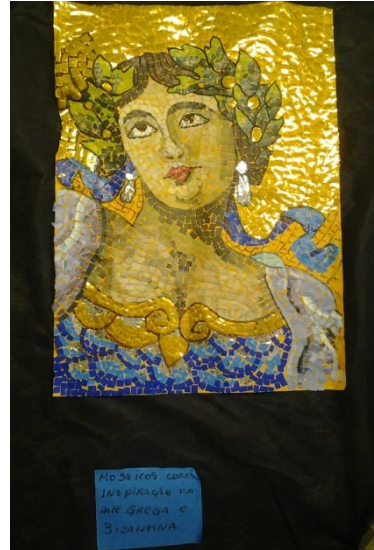


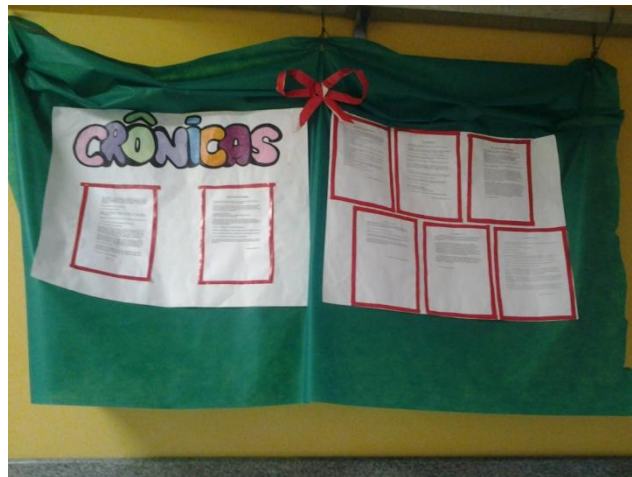


















Enquanto isso, em outro corredor...

Yago é traumatizado, porque sempre fica por último na escolha para o time...
_Então professor, tô gostando de artes porque você enxerga... na quadra é mais legal pintar do que jogar.

_Antes ninguém falava comigo, agora eles vêm perguntar do grafite

_A gente até sai, mas cada um fica mexendo no celular, fala um pouco depois acaba o assunto... mas acho você achar normal o que todo mundo acha estranho, brincar e tal

_Me acham estranho porque eu vejo graça em tudo e você acha isso normal. Massa, Fiquei o dia inteiro feliz. Tipo assim, a gente se sente bem, sabe quando não acham a gente esquisito.

_Quanto mais estranho é o grafite, mais os moleques acham massa... Não entendo isso, por que então a gente não pode ser esquisito e ser normal?

.....









Enquanto isso, em outro cor-redor...















**Enquanto isso, no corredor dos que acham
que não podem... explosão de COR**



















Um personagem que constitua o currículo...

Ou corredor DOS ESPAÇOS DE AULA

